IHU On-Line Edição nº 196 – 18 de setembro de 2006

A Globalização e os Jesuítas. Origem, história e impactos.

A celebração mundial do Ano Jubilar Inaciano, fazendo a memória dos 450 anos da morte de Inácio de Loyola e dos 500 anos de nascimento de Francisco Xavier e Pedro Fabro, companheiros do primeiro que fundou a Companhia de Jesus, inspirou a realização do **Seminário Internacional Os Jesuítas e a Globalização**. O Seminário realizar-se-á simultaneamente na Unisinos, na PUC-Rio e na FAJE, de Belo Horizonte, de 25 a 28 de setembro.

Peter-Hans Kolvenbach, superior geral da Companhia de Jesus, que proferirá a conferência inaugural do evento, concedeu uma entrevista à ***IHU On-Line***, que inaugurou a nova página eletrônica, ainda em fase experimental, do IHU e que abre esta edição.

Especialistas em diversas áreas do conhecimento participam deste número refletindo sobre uma instituição de quase cinco séculos. Assim, François Marty, professor de filosofia do Centro Sèvres de Paris, analisa a antropologia inaciana e Dominique Bertrand, professor da Universidade de Lyon, reflete sobre o confronto dos primeiros jesuítas com o humanismo.

Inácio, mestre da suspeita é o título da entrevista concedida pelo psicanalista espanhol Carlos Dominguez Morano e Alfredo Dinis, diretor da Faculdade de Filosofia de Braga, escreve sobre o fecundo diálogo dos jesuítas com a ciência desde a fundação do Colégio Romano no século XVI.

Pedro Ignacio Schmitz, diretor do Instituto Anchietano de Pesquisas, comenta, num artigo muito inspirado, o filme *A Missão*, de Roland Joffé, enquanto Bartolomeu Melià, reflete sobre a experiência das reduções Guarani e Décio Andriotti apresenta a sua pesquisa sobre a música nos sete povos da missão.

Por sua vez, Nicolás Extremera Tapia, da Universidade de Granada, Marcus Motta, da UERJ e o cineasta Renato Barbieri, falam de Nóbrega, Anchieta, Antonio Vieira e Gabriel Malagrida, jesuítas em terras brasileiras. As entrevistas com John Witek, da Universidade de Georgetown, e Chris Lowney, diretor gerente da J.P. Morgan & Co., descrevem o trabalho dos jesuítas na China e as características da liderança organizacional que emerge dos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola.

A todas e todos uma boa semana, um ótimo feriado Farroupilha e uma excelente leitura!

Editorial pg. 1

Tema de capa

Entrevistas

Peter-Hans Kolvenbach: As possibilidades e desafios da Companhia de Jesus na contemporaneidade pg. 3
Dominique Bertrand: O Humanismo inaciano pg. 8
François Marty: A antropologia inaciana como proposta de integração do ser humano pg. 13
Carlos Morano: Inácio de Loyola: mestre da suspeita pg. 17
Alfredo Dinis: Os jesuítas e as ciências pg. 21
Christopher Lowney: Liderança organizacional ao estilo jesuíta pg. 27
Bartolomeu Melià: As missões jesuíticas nos sete povos das missões pg. 31
Ignácio Schmitz: *A missão:* peripécias das reduções jesuíticas pg. 34
Décio Andriotti: A música nos sete povos das missões pg. 39
Nicolas Extremera Tapia: A contribuição de Anchieta e Nóbrega para a história do Brasil pg. 42
Marcus Motta: Antônio Vieira: um jesuíta milenarista pg. 46
Renato Barbieri: Malagrida: um humanista radical pg. 50
John Witek: A contribuição dos jesuítas no Oriente pg. 53

Destaques da semana

Análise de conjuntura
Leonardo Boff: "Lula, uma oportunidade desperdiçada?" pg. 57

Deu nos jornais
pg. 62

Frases da semana
pg. 64

Destaque On-Line
pg. 66

IHU em revista

Eventos
pg. 68

Sala de Leitura
pg. 76

IHU Repórter
pg. 77

As possibilidades e desafios da Companhia de Jesus na contemporaneidade

Entrevista com o padre Peter-Hans Kolvenbach, superior geral da Companhia de Jesus

O superior geral da Companhia de Jesus, padre Peter-Hans Kolvenbach, nasceu em Druten, nos Países Baixos, em 30 de novembro de 1928. Sua formação inicial se deu no colégio Pedro Canísio de Nimega. A entrada na Companhia de Jesus foi no ano de 1948. Dez anos depois, em setembro de 1958, Peter-Hans deixou sua terra com o primeiro grupo de jesuítas holandeses enviados para o Líbano, onde estudou teologia na Universidade Saint-Joseph de Beirute. Ele foi ordenado sacerdote em 1961. No Líbano, o jesuíta passou os anos centrais de sua vida, bebendo das línguas e das tradições eclesiais e litúrgicas do Oriente Próximo. Seus estudos concentraram-se no armênio. Ensinou inicialmente filosofia, depois lingüística geral e armênio na Universidade Saint-Joseph de Beirute.

Em 1974, foi eleito provincial da vice-província do Oriente Próximo, que inclui as comunidades jesuítas do Líbano, da Síria e do Egito. Foram os anos em que o país dos cedros começou a ser destroçado pela guerra civil. Kolvenbach ficou lá até 1981, quando padre Arrupe, então superior geral da Companhia de Jesus, o chamou a Roma para ser reitor do Pontifício Instituto Oriental.

Na 33ª Congregação Geral, em 13 de setembro de 1983, Kolvenbach foi eleito superior geral da Companhia de Jesus. De índole ascética e espiritual, padre Kolvenbach manteve na direção da Ordem um perfil reservado e de diálogo, buscando soluções não-traumáticas às controvérsias. Padre Kolvenbach é membro de duas Congregações Vaticanas (Evangelização dos Povos e Institutos de Vida Consagrada) e consultor da Congregação para as Igrejas Orientais.

Em função de sua participação no *Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas*, que acontecerá na Unisinos, de 25 a 28 de setembro, a revista ***IHU On-***

Line propôs a ele uma entrevista. Kolvenbach aceitou responder as questões que seguem, formuladas em conjunto pelos colaboradores do Instituto Humanitas Unisinos. A entrevista inaugurou a nova página eletrônica do IHU que entrou em funcionamento, de maneira experimental, no sábado, dia 16-9-2006.

Ele será o responsável pela conferência de abertura do evento, cujo tema é *As origens universais da Companhia de Jesus. Possibilidades e desafios para a contemporaneidade*.

***IHU On-Line* - Na condição de instituição de ensino superior ligada à Companhia de Jesus como se devem trabalhar as questões relativas à humanidade do ser humano para que ele valorize uma vida pautada pelo humano?**

Peter-Hans Kolvenbach - Foi a 34ª Congregação Geral que levantou esta questão, sob inspiração da 32ª Congregação Geral que de nenhum modo desapareceu. Sempre na linha de Santo Inácio[1], ela lembrou que todo esforço sincero no sentido do Cristo requer uma conversão pessoal contínua e, também para todos, de um modo ou de outro, um contato concreto com os pobres de todos os tipos e com sua miséria. Pouco importam as condições de vida e o ministério que ele cumpriu e solicitou dele servi-lo e acompanhar diretamente todos aqueles que sofrem e que o Senhor pôs em seu caminho. Em seguida, tornar-se sensível e desenvolver atenção por todos aqueles com os quais nós estamos ou estaremos em contato, segundo as exigências da caridade do Evangelho e da justiça do reino, assumindo a responsabilidade social do Bom Samaritano[2] para realizá-las.

Finalmente, como o fazemos, participando de todas as iniciativas e mobilizações para a criação de uma ordem social mais justa numa "civilização de amor", como o diziam nossos pastores universais desde Paulo VI[3]. Nestes últimos anos, todo este movimento se desenvolve em e com a Igreja. As paróquias assumem responsabilidades sociais. Os *Exercícios Espirituais*[4] estão atentos à irradiação social do seguimento do Senhor e, quando se visita uma das universidades, colégios ou escolas, os dirigentes são capazes de vos dizer o que eles fazem, no programa dos próprios estudos, ou por atividades extra-escolares, para concretizar esta "co-naturalidade com os pobres" de que já fala Inácio.

***IHU On-Line* - O que significa ser jesuíta hoje, em tempos de globalização?**

Peter-Hans Kolvenbach - Para um jesuíta, a globalização não deveria ser algo desconcertante. Mesmo se Inácio não emprega nossos termos, ele queria que, em seguimento do mistério da Encarnação, a Companhia atuasse na tensão universal e particular que se torna, em tradução moderna, pensar no mundial e trabalhar no local. O espírito de um jesuíta deveria sempre se mover para o universal e estar concretamente

[1] **Santo Inácio de Loyola** ou Loiola (1491 - 1556) foi o fundador da Companhia de Jesus, conhecida como os Jesuítas, uma ordem religiosa católica romana estabelecida com o fim de fortalecer a igreja, inicialmente contra o Protestantismo.(Nota da ***IHU On-Line)***

[2] Refere-se ao texto bíblico que está em Lucas, 10, 25-37. (Nota da ***IHU On-Line)***

[3] **Paulo VI** (1897-1978): Giovanni Battista Montini foi papa da Igreja Católica entre 1963 e 1978. (Nota da ***IHU On-Line***)

[4] Livro de orientação espiritual escrito por Inácio de Loyola.(Nota da ***IHU On-Line***)

disponível para servir em toda a parte no mundo onde a carência apostólica é maior. De outra parte, ele deveria inserir-se no trabalho em terreno local, aprender as línguas e as culturas locais. Abrir-se ao universal, discernindo nele o que é positivo e o que pode tornar-se negativo e, ao mesmo tempo, trabalhar no particular, no local, sem acantonar-se nele ou ser dele prisioneiro, eis o que Inácio via como ideal também para nós.

***IHU On-Line* - Vivemos em uma sociedade capitalista neoliberal. Qual a orientação que o senhor dá, como superior geral, da Companhia para a inserção de uma universidade jesuítica numa economia de mercado?**

Peter-Hans Kolvenbach - Se a universidade quiser permanecer fiel à sua vocação e à sua casa, ela deve resistir às lógicas econômicas e financeiras que gostariam de torná-la escrava do mercado. Sem dúvida, a universidade deve formar os estudantes para assumirem o trabalho profissional e a responsabilidade que o mercado também espera deles, mas esta formação não pode jamais se contentar com uma programação puramente profissional e de ofício. Isso seria esquecer que a economia não existe exclusivamente para o lucro econômico: a economia existe para o bem da humanidade e a formação intelectual e técnica não pode, pois deixar de lado a resposta da universidade à questão: uma economia, um mercado para quê e por quê? O ganho financeiro, a eficácia econômica, o produto industrial têm seu lugar numa economia sã, mas sempre em função dos valores que tornam esta economia humana e a serviço do homem. Eis a orientação que é também a da Igreja.

***IHU On-Line* - Quais os meios, os métodos que o senhor apontaria para fazer a missão da Companhia de Jesus conseguir chegar nas salas de aula? Na Carta de Santa Clara, o senhor escreve sobre a importância da missão chegar à sala de aula. Que meios o senhor indica para isso, considerando que temos aqui na Unisinos professores que têm mil afazeres e, muitas vezes, não sabem nem ao certo para onde estão indo?**

Peter-Hans Kolvenbach - É preciso, em primeiro lugar e na medida do possível, atrair professores que não se contentem em transmitir exclusivamente um saber ou um saber-fazer, mas que interessem os estudantes também por valores e por convicções que a ciência como ciência deve afrontar em sua aplicação na vida e na prática. Nenhuma ciência é neutra. Se outrora a teologia e a filosofia, e mais tarde as ciências humanas, se encarregavam de tomar posição diante de problemas que a ética humana põe, em nossos dias, todas as ciências ditas exatas estão implicadas nas discussões sobre bioética, do meio ambiente e da justiça social. O ideal é convidar professores que não se encerrem em suas especializações científicas e técnicas e que, com todo o respeito que a liberdade acadêmica impõe e propõe, desejem trocar com seus colegas os valores e as exigências morais implicadas em suas distintas matérias, a fim de que, a seguir, os estudantes possam tirar disso proveito para seu trabalho e responsabilidade futuros. É a direção da universidade ou da faculdade que tem a responsabilidade de animar e de organizar essas permutas interdisciplinares.

***IHU On-Line* - Quais são hoje as marcas principais, as características e tendências da missão da Companhia de Jesus nas universidades jesuítas pelo mundo?**

Peter-Hans Kolvenbach - A Companhia de Jesus, desde a fundação das primeiras

instituições educativas no século XVI, teve sempre um cuidado especial pela pessoa que o estudante se torna. Já no início do século XVII, o padre Diego Ledesma mencionava quatro dimensões deste cuidado pessoal pelo estudante: dotá-lo de competência prática, habituá-lo a encarar sua profissão como responsabilidade social e política, habituá-lo a um discernimento crítico e analítico dos problemas que a ele se colocam e fazê-lo amar sua fé, não ao lado de sua função e de sua vida, mas como fonte de inspiração e de convicção para todo o seu agir. Essas quatro características da educação jesuítica nada perderam de sua atualidade. Os jesuítas estavam convencidos de que o melhor meio de ajudar e de mudar o mundo, é o de formar as pessoas como outros tantos "multiplicadores" dessa tarefa.

***IHU On-Line* - Qual o principal desafio da presença de jesuítas em universidades numa época marcada pelo pluralismo religioso e cultural de valores? Como ser presença jesuítica em uma sociedade marcada pelo individualismo?**

Peter-Hans Kolvenbach - A experiência das reuniões internacionais dos antigos alunos [ex-alunos] mostra que as características da educação jesuítica comportam valores que, sendo clara e explicitamente de origem cristã, exprimem ideais, caminhos e responsabilidade que também outras religiões e culturas esperam e procuram. É assim que no meio universitário e escolar se engaja naturalmente o diálogo da vida e o da ação, compartilhando as preocupações humanas num espírito religioso que respeita as próprias tradições religiosas e culturais. É bem conhecido o modo como o padre Arrupe soube dirigir apelo aos 3 milhões e meio de estudantes que se formam em centenas de universidades e de instituições educativas da Companhia, no sentido de serem e se tornarem homens e mulheres para os outros, lutando assim contra todo individualismo reinante.

***IHU On-Line* - O que poderia ser feito para que as associações de ex-alunos fossem realmente uma continuação do pensamento e da obra de Inácio de Loyola? Como fazer os ex-alunos das instituições jesuíticas de ensino serem transformadores da realidade com base no que aprenderam e multiplicadores da pedagogia inaciana?**

Peter-Hans Kolvenbach - Há alguns anos, o estilo das associações de antigos alunos mudou. Nas grandes reuniões internacionais, escutavam-se algumas conferências e celebrava-se o evento segundo a cultura dos países onde se davam as reuniões. Hoje os antigos alunos comunicam entre si o que fazem nas associações locais, assumindo iniciativas freqüentemente em uníssono com as prioridades e as preocupações dos jesuítas locais. Se em certos lugares as associações vêm em auxílio das universidades e colégios dos quais são os frutos, sobretudo no domínio da educação, em outros lugares os projetos vêm em ajuda dos pobres, sobretudo das pessoas "em movimento", refugiados e imigrados, pessoas sem documentos e aqueles que procuram asilo. O serviço aos refugiados da Companhia pôde fazer muito na África, graças à ajuda das associações dos antigos alunos. O boletim da federação internacional fornece uma lista impressionante do que as associações fazem e podem fazer. O elo com os jesuítas na escolha desses projetos é vivo, mas, no fundo, a irradiação de uma associação depende inteiramente do dinamismo de seus membros, os antigos alunos, cuja educação inaciana urge-os a não olharem os dons recebidos nesta formação por si mesmos, mas a

compartilhá-los com outros, particularmente com aqueles nos quais o Senhor quer ser servido, os pobres de todo gênero.

***IHU On-Line* - Em que sentido Inácio de Loyola e a missão da Companhia de Jesus podem ser inspiradoras para o enfrentamento dos desafios atuais da sociedade contemporânea?**

Peter-Hans Kolvenbach - O mestre da vinha chamou Inácio e seus "amigos no Senhor" para continuar sua missão entre os homens e as mulheres de nosso tempo, aqueles e aquelas que este Senhor colocou em nosso caminho. João Paulo II expressou claramente esta missão. De uma parte, trata-se de edificar o reino de Deus, libertando a humanidade do mal sob todas as suas formas, e, de outra parte, de reconhecer e promover a atividade amorosa de Deus que está presente na história humana e que a transforma. Conseqüentemente, na conduta de nossas vidas pessoais e comunitárias, e em todos os ministérios que assumimos – quer se trate de serviço pastoral, de trabalho universitário, de educação, quer se trate de ministério espiritual – nós viveremos de modo a visar sempre o crescimento deste reino do Cristo, no qual reinarão o amor e a justiça, e não o pecado e o ódio do homem. O que nos anima e inspira, é que nós levamos este dom do Cristo, com fidelidade e coragem, a um mundo que tem terrivelmente necessidade dele para não se destruir.

Saiba mais sobre o Papa João Paulo II (1920 - 2005)

Foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de Outubro de 1978 até a data da sua morte, e sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos.

O Humanismo inaciano

Entrevista com Dominique Bertrand

O Prof. Dr. Dominique Bertrand, da Universidade de Lyon, na França, jesuíta, participará do *Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas*, que se realizará na Unisinos, de 25 a 28 de setembro. No evento, ele falará sobre *O humanismo desolado e a pertinência do projeto espiritual da Companhia de Jesus*.

Bertrand realizou seus estudos em Paris, em colégios jesuítas, tendo se licenciado em Filosofia e em Teologia Escolástica. Doutorou-se com a tese ***A Política de Santo Inácio de Loyola. Uma análise social,*** publicada originalmente sob o título ***La politique de Saint Ignace de Loyola***. Paris: Lês Editions du Cerf, 1985. Entrou para a Companhia de Jesus em 1953 e foi ordenado padre em 1964. Bertrand foi administrador da Revista ***Christus*** e diretor da Coleção *Christus* em Paris, de 1966 a 1983. Foi diretor do Instituto de Pesquisas Cristãs em Lyon, e professor de Teologia Espiritual nos Institutos Católicos de Lyon (1975-1984) e de Paris (1986-1996). É autor de, entre outros, ***Un corps pour l'Esprit. Essai sur la vie communautaire selon les Constitutions de la Compagnie de Jésus*** (Um corpo para o Espírito. Ensaio sobre a vida comunitária conforme as constituições da Companhia de Jesus) Paris: Desclée De Brouwer, 1974; ***Pierre Favre, un portrait*** (Pedro Fabro, um retrato) Bruxelas: Editions Lessius, 2006; além de numerosos artigos sobre espiritualidade e história da espiritualidade.

Confira, a seguir, a entrevista que ele concedeu, por e-mail, para a revista ***IHU On-Line***.

IHU On-Line **- As cartas dos missionários jesuítas para seus superiores podem mostrar as bases da definição de um método missionário da Companhia de Jesus? Que método seria esse?**

Dominique Bertrand - A correspondência entre os jesuítas é certamente um documento de capital importância para compreender quais foram os métodos missionários da nova ordem., porque, na verdade, os jesuítas não são os primeiros a terem praticado a missão. A missão, com as viagens de Pedro, nos Atos dos Apóstolos, a de Paulo, neste mesmo livro, e em suas cartas, continuam desde os primórdios da Igreja em todo o Império Romano e no Oriente, com os Partos até o presente. A Igreja é missionária ou não é Igreja. No século XVI, esta Igreja missionária estava em crise nas regiões que a viram nascer. No momento desta crise, marcada, como vou retomar, pelo humanismo e pelo protesto conduzido, no seio deste mesmo

humanismo, por Lutero[5] e seus seguidores, a Companhia de Jesus, fundada no coração deste drama, encontra aí as razões de sua nova maneira de ser para si mesma e para os demais. Esta nova maneira de ser se expressa nos *Exercícios Espirituais* que comandam a existência da Companhia para si mesma e nas Constituições e para os outros, nas missões. Assim, os jesuítas retomam a missão imemorável da Igreja, tendo no espírito e no coração os *Exercícios Espirituais*, o que vai freqüentemente acarretar nas incompreensões das ordens mendicantes[6] que levaram adiante, precisamente antes dos jesuítas, a preocupação missionária da Igreja no final da Idade Média.

Dito isso, a correspondência da qual você falou constitui um *corpus* imenso. Santo Inácio redigiu mais de seis mil documentos. Francisco Xavier[7], mais de duzentos (em treze anos), Pedro Fabro[8], aproximadamente 150 (em dez anos). Neste volume, há dois gêneros literários: as "instruções" para as missões, por um lado; e os "relatórios" de missões, por outro. Existe, portanto, um cuidado muito grande por parte dos jesuítas para com o bom desenvolvimento das missões. De acordo com que critérios? Nos *Exercícios Espirituais*, há o critério da fidelidade à doutrina da Fé, Credo e Evangelho, há também o critério do discernimento dos espíritos atentos ao contentamento profundo e duradouro das populações a serem conquistadas por esta mesma doutrina. Este segundo critério era pouco conhecido, senão desconhecido, dos missionários da época precedente (os mendicantes). As "Reduções" foram o exemplo mais perfeito desta ação missionária dos jesuítas.

***IHU On-Line* - O que caracteriza a política de Inácio de Loyola? Como o senhor define o humanismo na contemporaneidade? Por que se refere a um humanismo desolado, ferido?**

Dominique Bertrand - Para responder a esta pergunta, é preciso situar bem o humanismo e sua crise no início do século XVI. O humanismo, cujo herói e arauto é Erasmo[9], pode ser definido como o cume máximo da Renascença. Ele tem a preocupação de adaptar a Igreja aos novos tempos, de reformá-la, uma reforma que no seu início é inteiramente católica. Os historiadores positivistas do século XIX, facilmente anticlericais e, talvez, por razões válidas, cometeram o anacronismo fatal de pensar um Erasmo, por exemplo, à sua imagem. Os humanistas são apaixonados por tudo quanto se refira ao homem, tanto como reformador como evangelista católico. E eles são impelidos por um vigoroso otimismo quanto às capacidades que o homem possui de ser bem sucedido nesta

[5] **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor de uma das primeiras traduções da Bíblia para o alemão, sua tradução suplantou as anteriores. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutemberg em 1453. (Nota da ***IHU On-Line***)

[6] **Ordens mendicantes:** ordens religiosas que viviam inicialmente das doações obritdas pela pregação. (Nota da ***IHU On-Line***)

[7] **São Francisco Xavier** (1506-1552): missionário cristão espanhol e apóstolo das Índias, um dos pioneiros e co-fundador da Companhia de Jesus. Morreu na China, onde se preparava para cristianizar essa vasta região. Foi canonizado pelo Papa Urbano VIII. Em 2006 será comemorado o quinto centenário de seu nascimento.
(Nota da ***IHU On-Line***)

[8] **Pedro Fabro** (1506-1546)**:** jesuíta francês, primeiro discípulo e companheiro de Santo Inácio de Loyola. Foi ordenado em 1534. Com Francisco Xavier e Inácio de Loyola é reconhecido como um dos fundadores da Companhia de Jesus. (Nota da ***IHU On-Line***)

[9] **Desiderius Erasmus Roterodamus** (1466-1536): teólgo e humanista neerlandês, conhecido como Erasmo de Roterdã. Seu principal livro foi ***Elogio da loucura.*** (Nota da ***IHU On-Line***)

operação de se salvar. Pode-se dizer que o Concílio de Latrão V, de 1517, é humanista, sob a condução do Papa Médicis, Leão X. Ora, 1517 assinala também o surgimento de Lutero, a questão das indulgências se consolidava em uma recusa radical do otimismo humanista. O homem Lutero se sente incapaz de salvar-se. Desde então, o humanismo – porque Lutero era também um humanista no início – está ferido. Ele continuará sua evolução, mas o protesto, doravante negativo, se desenvolve com ele, até nossos dias. Tal é a crise aberta que eu chamo de humanismo ferido.

Inácio e seus companheiros, especialmente o humanista Pedro Fabro, vivem intensamente os dois aspectos desta crise, o otimismo humano e a negação deste otimismo, demasiadamente humano, que esvazia a fé em Deus. Eles reencontram ao vivo a antiga doutrina patrística e monástica do "discernimento dos espíritos". O princípio do "discernimento dos espíritos", que remonta a Orígenes[10] e aos padres apostólicos, está expresso no n° 32 dos *Exercícios*[11]. Ali está dito: "Eu pressuponho que três tipos de pensamentos existem em mim, os meus próprios e aqueles que me vêm seja do bom espírito, seja do mau espírito". E o sinal do bom espírito como de Deus é a felicidade duradoura. Sobre esta base, o discernimento dos espíritos torna o homem capaz de enfrentar tanto a doutrina – e seu primeiro objetivo nós o vimos, diante de Erasmo e Lutero – como qualquer decisão, de ordem interior ou de ordem exterior no social e no político.

A política que Inácio põe em ação, a partir de sua conversão, é, portanto, uma gestão esclarecida das forças sociais e políticas que resulta em decisões que tornam feliz duradouramente, não apenas quem toma as decisões, mas também as massas atingidas por essas escolhas. Todas as escolhas inacianas são otimistas, criticadas radicalmente diante de Deus. Tem-se um belo exemplo de uma dessas escolhas na decisão tomada pela Companhia nascente de fundar colégios, fato a que ela não se destinava em seus primeiros passos. Diante dessa orientação, e inclusive entre os católicos, se erguem tanto realismos que não crêem na possibilidade de qualquer progresso, como utopias que sonham a felicidade do homem mais do que elas conseguem pôr em ação.

***IHU On-Line* - Como se compõe o projeto espiritual da Companhia de Jesus?**

Dominique Bertrand - Este projeto está bem expresso na célebre "Contemplação do Reino de Jesus Cristo, comparando-o com um rei terrestre que chama seus súditos para a guerra"[12]. Podemos notar um pano de fundo político da citada contemplação. Eis aqui o duplo programa, aquele do rei terrestre e aquele do Cristo Rei: "Se este rei terrestre com sua chamada para a guerra merece que lhe seja dada atenção e obediência, quanto mais o Cristo, rei eterno, apresentando-se à vista do mundo inteiro, que chama especialmente por estas palavras: "Eis aqui minha muito justa vontade: reivindicar para mim a soberania do mundo inteiro, triunfar

[10] **Orígenes** (aproximadamente 185-254): mestre catequista na Alexandria e discípulo de São Clemente. Criador de um sistema filosófico-teológico no qual o cristianismo se apresentava como a culminância da filosofia grega. (Nota da ***IHU On-Line***)

[11] **Texto nº 32 dos Exercícios Espirituais:** Este texto afirma: "Pressuponho que há em mim três pensamentos. A saber: o meu próprio, que provém simplesmente de minha liberdade e querer; e outros dois, que vêm de fora: um proveniente do bom espírito e outro do mau". ***Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. Apresentação, tradução e notas do Centro de Espiritualidade Inaciana de Itaici***. São Paulo: Loyola, 2000 (Nota da ***IHU On-Line***)

[12] Confira os ***Exercícios Espirituais de S. Inácio de Loyola***, nos. 91-100. (Nota da ***IHU On-Line***)

sobre todos os meus inimigos e, enfim, entrar assim na glória de meu Pai. Em conseqüência, para quem quer que deseje ali estar comigo, é indispensável que ele sofra comigo, porque a recompensa valerá a pena". O projeto é o humanismo evangélico total. Entretanto, este humanismo evangélico total passa pelo sofrimento que cada um suporta para a realização do projeto. Eis porque se pode dizer que o projeto espiritual inaciano é o realismo integral do combate quotidiano dos cristãos pela justiça e pela caridade que transforma o mundo. Fica evidente que tal projeto apóia-se fundamentalmente na realidade da Igreja que é, através dos séculos, através de seus altos e baixos, uma surpreendente escola de felicidade duradoura para o homem. Poderíamos dizer a mesma coisa, retomando a divisa da Companhia: *ad majorem dei gloriam*. Esta glória projetada não é uma superestrutura alta e sublime, como um teto barroco. Ela é o crescimento da glória de Deus, pouco a pouco, na rude massa humana da história. Esta é, modelo de todas as demais, a tarefa secular da Igreja militante neste mundo.

***IHU On-Line* - Qual o papel na sociedade contemporânea do projeto espiritual da Companhia de Jesus? Como ele atende às demandas dos homens e das mulheres do século XXI?**

Dominique Bertrand - Eu vejo duas utilidades complementares de tal projeto em nossa atualidade. Primeiramente, assiste-se a uma espiritualização arrebatada do espiritual, a qual assume as formas mais diversas, naquilo que tem sido chamado, há alguns anos, a *new age*. O espiritual é um suplemento da alma entendido de forma desencarnada. Rapidamente, todavia, uma tal espiritualização volta-se contra ela mesma, porque o suplemento da alma vai ser procurado nas técnicas corporais de desenvolvimento individual na linha de um pseudobudismo. Em segundo lugar, ao contrário, o real torna-se fechado a qualquer valor de interioridade, de gratuidade, de dedicação. Ele se confunde com o interesse individual compreendido da forma mais mesquinha. Vendo-se que esta dissociação traz inquietações para o nosso mundo, percebe-se o serviço que presta uma espiritualidade realista do tipo daquela que a via inaciana propõe. Fala-se, hoje em dia, de desenvolvimento sustentável. Não vejo absolutamente outro meio que tenha dado provas de tal desenvolvimento sustentável senão aquele da felicidade preconizada por Inácio como critério de decisão.

***IHU On-Line* - Como o cristianismo é visto no mundo hoje? Como os valores do cristianismo se enquadram na realidade contemporânea em que os sentimentos e experiências são tão efêmeros?**

Dominique Bertrand - É fundamental não reduzir o cristianismo ao inacianismo. Muito conscientemente, eu, sem cessar, substitui este último por "mais vasto" que ele, este "mais vasto" sendo a Igreja, tal como Paulo a descreveu para nós no capítulo 12 da Primeira Epístola aos Coríntios: o corpo místico dos carismas, o "discernimento dos espíritos" sendo apenas um dos nove "dados pelo mesmo Espírito". Permanece o fato de que, pela proposição inaciana, nós descobrimos alguma coisa do cristianismo que, finalmente, em sua especificidade inaciana em si, serve para todos. Por exemplo, o cristianismo continua a crer de forma realista no homem e a fazer crer no homem tal como ele é, em suas forças positivas como em suas derrocadas de violência e de falsidade. E ainda: o cristianismo que, no século XVI, atravessou efetivamente e não sem prejuízos, a crise do humanismo

afligido pelo concílio de Trento, afrontou pelo concílio Vaticano II o drama do humanismo ateu, para falar como o Padre de Lubac[13], e abriu caminhos extremamente encorajadores para a colaboração da Igreja e da sociedade civil, para aquela das diversas confissões na Igreja que se sabe e que se quer ecumênica, para aquela, enfim, da Igreja e das religiões. Finalmente, sem nada subtrair em relação à diversidade das épocas e dos desafios, é o mesmo combate no Espírito de salvar o humanismo aflito de Erasmo e de Lutero, e o humanismo ateu, que insidiosamente se transformou, há pouco tempo, em humanismo falsamente espiritual.

***IHU On-Line* - Qual é a importância de comemorar o Ano Jubilar Inaciano? E a importância de realizar um seminário sobre a Globalização e os jesuítas na Unisinos?**

Dominique Bertrand - Um jubileu, na tradição do Antigo Testamento, é uma vitória sobre o tempo que se realiza da seguinte forma: a cada cinqüenta anos, se recomeça, e isso na alegria tonitruante das trombetas. E pode-se recomeçar porque, por um lado, Deus não se cansa jamais de conduzir o tempo que passa; por outro, porque o sinal desta infatigabilidade de Deus não se encontra nos céus, mas em uma aliança firmada com um povo entre os povos da terra. Assim, o jubileu inaciano possui o mérito de ser a festa de um reinício: recomeça-se a ser inaciano.

Aqui intervém a palavra globalização. Ela indica uma diferença imensa entre o século XVI e o nosso. No século XVI, o Ocidente e o Extremo Oriente, sem nos esquecermos da América que aparece um pouco como uma espécie de prolongamento do Extremo Oriente (Índias orientais e Índias ocidentais) descobrem a sua diferença em uma humanidade comum. Eles começam a penetrar-se. Em quinhentos anos, esta penetração ultrapassou um limiar. Ainda que as grandes massas humanas permaneçam solidárias, em relação ao seu território de origem, pelas migrações, pelo funcionamento da economia, todos os povos estão doravante presentes em todos os povos. Todos os povos são *melting-pots*. O cristianismo não é mais a única religião do mundo. Todas fazem o mesmo esforço, sobretudo o Islã e, em uma medida menor, o budismo. Esta distância entre as duas épocas constitui o desafio.

Refletida, como nós acabamos de fazê-lo, a tradição inaciana do discernimento dos espíritos revela uma tripla pertinência.

1. Ela permite não considerar a globalização como um destino, mas como lugar de humanismo em crise, onde, Deus nos ajudando, não há qualquer razão para não continuar o combate do mencionado humanismo.
2. Ela valoriza um aspecto bíblico de Deus, muito esquecido nas décadas e até mesmo nos séculos precedentes: o Deus da sabedoria com o qual é benéfico para o homem colaborar em todas estas decisões, isto é, a figura de Salomão. E, como diz Jesus, « nele e com ele há mais do que Salomão ».
3. Enfim, ela valoriza, no homem moderno, a sua inteligência para buscar uma felicidade duradoura por meio das boas decisões. Isso tudo se expandirá, na grande noite da morte de cada um e de todos nós e no grande novo dia da ressurreição para cada um e para todos nós, em felicidade eterna do homem.

Obrigado, pois, à Unisinos por ter, por ocasião dos aniversários inacianos, colocado de forma ampla e pública uma

[13] **Henri de Lubac** (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso por Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas ***Méditations sur l'Eglise***. (Nota da ***IHU On-Line***)

questão tão vital para o nosso humanismo em suas aspirações e em seus impasses. Nós estamos seguros, quanto à fé de nossos predecessores, que Deus continua ainda a agir "em benefício de seus generosos desígnios".

A antropologia inaciana como proposta de integração do ser humano

Entrevista com François Marty

O jesuíta francês François Marty estará na Unisinos na próxima semana, participando do *Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas*, que acontecrá de 25 a 28 de setembro. No evento, ele falará sobre o tema *Corporeidade e sentidos: a antropologia inaciana como proposta de integração da pessoa humana*.

Marty entrou para a Companhia de Jesus em 1947. Licenciou-se em Filosofia pela Université de Lyon e em Teologia pela Enghien, da Bélgica. É doutor em Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma e doutor em Letras pela Universidade Paris IV, Sorbonne. Desde 1974, Marty é professor na Faculdade de Filosofia do Centre Sèvres, de Paris. Ele é também professor emérito nas Faculdades Jesuítas de Paris.

Entre suas principais publicações citamos ***La perfection de l'homme chez saint Thomas d'Aquin, Ses fondements ontologiques et leur vérification dans l'****ordre* ***actuel***. Roma: Analecta Gregoriana 123, 1962; e ***Sentir et goûter, Les sens dans les Exercice Spirituels de Saint Ignace de Loyola. "Cogitation fidei".*** Paris: Editions du Cerf, 2005. A tradução portuguesa deste livro será lançada durante o Seminário Internacional da semana que vem.

Confira a entrevista que ele concedeu por e-mail para a ***IHU On-Line***.

IHU On-Line **- Pode explicar brevemente como pensa abordar o tema *Corporeidade e sentido: a antropologia inaciana como resposta de integração da pessoa humana*?**

François Marty - Como o título indica, trata-se de fazer aparecer o lugar do *corpo* na experiência espiritual proposta por Inácio de Loyola, o que se faz a partir do papel dos *sentidos* no percurso por ele proposto. A integração da pessoa já se compreende na possibilidade de ultrapassar o dualismo corpo e espírito. Mais radicalmente, o percurso inaciano é

um convite para ler o Evangelho como escuta de um apelo pessoal.

***IHU On-Line* - O que caracteriza a antropologia inaciana?**

François Marty - Não se trata de uma consideração teórica, expondo a força e a fraqueza da natureza humana, mas da figura do homem que se forma no encontro da humanidade do Cristo, Palavra de Deus feito carne. Este encontro, de uma parte, é individualizado e personalizado, não há um percurso padrão, ele deve sempre ser enfocado no contato entre a pessoa que faz os *Exercícios Espirituais*e aquela que os dá. De outra parte, há uma abertura ao universal, aquele que veio em humanidade, tendo-se feito irmão de todo ser humano. É preciso acrescentar a isso a percepção, em Inácio, dos percalços do humanismo da Renascença, sobretudo em sua estadia em Paris.

***IHU On-Line* - Como, segundo Inácio de Loyola, seria a integração ideal entre as pessoas?**

François Marty - A "conversão de Inácio", renunciando a uma carreira na corte após seu ferimento em Pamplona, impeliu-o a "ajudar as almas", vida apostólica, portanto, não eremítica ou monástica. Para isso, ele vai procurar reunir companheiros, cujo elo seria, primeiramente, fazer o caminho que havia sido o seu, consignado no livreto dos *Exercícios Espirituais,* em que se escuta o apelo pessoal a seguir o Cristo, e em que cada um encontra e forma sua própria fisionomia. Quando, enfim, o projeto é exitoso, em Paris, Inácio fala de "amigos no Senhor".

***IHU On-Line* - Qual a relação que se pode fazer entre a forma segundo a qual Inácio de Loyola vê o ser humano e o contexto de globalização em que vivemos?**

François Marty - Malgrado a diferença das épocas, o elo não é de todo forçado. Pode-se recordar, primeiramente um propósito familiar de Inácio: "quanto mais o bem é universal, tanto mais ele é divino". Sobretudo, o momento dos *Exercícios,* onde se trata de ouvir o apelo ao seguimento do Cristo do Evangelho, de forma pessoal, abre-se para a Trindade, contemplando "toda a superfície ou a esfera do universo[14]", e, cumprindo-se o tempo, decide a Encarnação do Filho. No final, com a Ascensão, os discípulos são convidados a não continuarem olhando para o céu, mas ir ensinar a Boa Nova às extremidades da Terra, na força do Espírito. Se o grupo formado em Montmartre[15] se propõe como primeiro objetivo Jerusalém, onde a salvação chegou para toda a humanidade, a cláusula de Roma, em caso de impossibilidade, não é um 'melhor que nada', mas o engajamento numa disponibilidade universal. Durante os 16 anos de seu generalato, Inácio envia os membros da Companhia nascente a toda a Europa, à Etiópia, à Ásia, numa missão que Francisco Xavier prolongará até o Japão e às costas da China.

***IHU On-Line* - Qual é a contribuição da filosofia e da teologia para compreender a antropologia inaciana?**

François Marty - É a filosofia de Aristóteles em seu *Tratado da alma* que mais se aproxima da antropologia inaciana, pela maneira como ele fala dos cinco sentidos e sobretudo do tato, ultrapassando o dualismo corpo e alma. Sabe-se que Inácio estudou em Paris, com cuidado e sucesso, a filosofia de Aristóteles, onde poderia, se fosse o caso,

---

[14] Confira Exercícios Espirituais no. 103. (Nota da ***IHU On-line***)

[15] **Montmartre** é um bairro de Paris, França. Montmartre surge sobre uma colina que já no tempo dos Gauleses se destinava a lugar de culto. (Nota da ***IHU On-line***)

encontrar uma confirmação. A ciência moderna, com sua tecnologia que impregna todas as nossas maneiras de pensar e de viver, pode melhorar as condições de vida, mas a custo do *desenraizamento,* do qual a globalização como uniformização é uma seqüela. À maneira de um aceiro, o século dezoito desenvolve uma *estética,* especialmente em Kant, dando importância ao *sentir,* o que se harmoniza com o lugar dos cinco sentidos no procedimento inaciano. Para a teologia, um dos lugares de progresso é o de ultrapassar segmentos, como teologia fundamental, dogmática, bíblica, espiritual. A pesquisa que eu apresento tem como principal suporte os *Exercícios,* um dos grandes textos da tradição espiritual, com particular atenção à sua referência à Bíblia. Tal atenção precisa ser mantida no decorrer dos trabalhos de exegese. Quanto à dimensão filosófica, ela é entendida na dimensão de *fundamental* para a teologia, com inclusão da antropologia filosófica.

***IHU On-Line* - Como os *Exercícios Espirituais* nos ajudam a compreender a antropologia inaciana?**

François Marty - O modelo de antropologia que utilizo é o da *Antropologia de um ponto de vista pragmático* de Kant, não desenvolvendo uma figura do homem com base em alguma definição, mas partindo daquilo que, como ser livre, ele faz ou pode e deve fazer. O "fazer" é aqui o dos *Exercícios Espirituais*: "fazer os Exercícios". Seu interesse é que eles estão na base dos outros lugares que também devem ser levados em conta, caso se queira dar toda a sua amplitude a uma *antropologia inaciana,* sendo seu primeiro passo a fundação da Companhia de Jesus. Eles [os Exercícios] permitem mesmo compreender uma mudança muito radical nas formas da vida religiosa na Igreja Católica, da qual Inácio é testemunha e ator. A figura dominante era, até então, a forma *monástica,* em que o primeiro vínculo era o *ofício divino,* santificação do dia pelo regime dos termos de oração ao longo do dia e da noite. Isso impregnava a forma de vida *conventual,* que as ordens mendicantes do século XIII tinham conservado, sendo a principal diferença a habitação na cidade. No século XVI, o vínculo torna-se *o envio em missão,* vinculo que comporta a constante disponibilidade de pôr-se a caminho. As quase 7000 cartas escritas por Inácio durante seu generalato atestam que ele estava perfeitamente consciente do desafio e de seus percalços.

***IHU On-Line* - O que significa para Inácio o "lugar corporal"?**

François Marty - A expressão é notável, e é preciso situá-la em relação a uma divisão, conforme o objeto a ser contemplado seja *visível* ou *invisível.* O qualificativo de *corporal* vale para o que é visível e ele surpreende, já que a ilustração dada de tal lugar é um *templo* ou uma *montanha,* os tradutores franceses, autorizando-se destes exemplos para traduzir *corpóreo* do espanhol por *material.* Mas, isso é passar por cima da insistência de Inácio, sublinhando: "eu digo: lugar corporal", e esclarecendo seu alcance, o qualificativo vindo da *pessoa* que ocupa esse lugar: Jesus Cristo ou Nossa Senhora. Isso quer dizer que a relação ao solo é constitutiva de uma pessoa, é sua *identidade,* o que tem por corolário que os lugares também têm nomes próprios. Para aquilo que é invisível, o exemplo dado é o pecado. A invisibilidade não é, evidentemente, a de suas conseqüências, mas de sua *origem,* de sua *raiz.* O lugar realça, então, o *imaginário,* aqui exílio ou prisão. A representação de lugar não está mais ligada a uma *pessoa* e a um *evento* que lhe concerne. O luar marca um traço da

condição humana. Quando se observa que a composição de lugar[16] abre cada um dos exercícios propostos, isso quer dizer que *a prece inaciana tem sempre um lugar,* em referência à *identidade* das pessoas e sua *pertença à condição humana.*

***IHU On-Line* - Qual é, para Inácio, o vínculo entre a figura da pessoa humana e a imagem de Deus?**

François Marty - É preciso fazer entrar aqui uma expressão pela qual Inácio, a partir da segunda semana e até o final, conclui a caminhada dos sentidos na contemplação evangélica, convidando aquele que faz os *Exercícios* a "refletir sobre si mesmo". É legítimo reconhecer aí uma retomada de Paulo, falando do véu sobre o rosto de Moisés que cai para que se volte para o Cristo: "Nós todos, que, o rosto descoberto, refletimos a glória do Senhor, somos metamorfoseados nesta mesma imagem, numa glória sempre maior, pelo Senhor que é Espírito (2 Cor 3, 18). É o desfecho da paciente permanência no texto evangélico, em que os "sentidos do corpo" se expõem ao encontro da *humanidade do Senhor,* numa interiorização, escuta do silêncio do texto, olho que aprende a ver o invisível, tato que sabe *sentir sem reter.* A figura do homem procurada por Inácio é a de uma *fisionomia única,* numa multidão de únicos, todos irmãos do Filho Único do Pai, já que a terra que calcam seus pés é para sempre aquela que seus pés calcaram. Este respeito das diversidades é uma boa nova e um programa para a globalização.

[16] Nota: elemento fundamental no modo de rezar proposto por Inácio de Loyola nos Exercícios Espirituais que se denomina de contemplação. Confira, por exemplo, os nos. 92 a 100; 103, 112, 138 dos Exercícios Espirituais. (Nota da ***IHU On-Line***)

Inácio de Loyola, mestre da suspeita

Entrevista com Carlos Morano

Carlos Domínguez Morano é doutor em Teologia pela Universidade de Granada, Espanha, doutor em Filosofia e Ciências da Educação pela Universidade de Madri, licenciado em Filosofia Pura pela Universidade de Valência e em Psicologia pela Universidade de Madri. Sua formação psicanalítica se deu no Centro L'A.M.A.R. de Paris e no Instituto de Psicoterapia Analítica "Peña Retama" de Madrid. Atualmente, Morano é professor de Psicologia da Religião na Faculdade de Teologia de Granada e psicoterapeuta no Centro Francisco Suárez, da mesma cidade, onde realiza também um trabalho formativo com profissionais de saúde mental.

Carlos Morano foi presidente da Associação Internacional de Estudos Médico-Psicológicos e Religiosos (A.I.E.M.P.R.). É professor convidado em diversas universidades da Espanha e da América Latina. Suas publicações abordam a problemática das relações entre a psicanálise e a fé e da análise do mundo afetivo. Entre elas, cabe destacar como as mais importantes: ***El psicoanálisis freudiano de la religión***. Madri: Ed. Paulinas, 1991; ***Creer después de Freud***. Madri: Ed. Paulinas, 1992; ***Experiencia mística y psicoanálisis***. Santander: Sal Terrae, 1999; ***Psicoanálisis y Religión: diálogo interminable***. Madrid: Trotta, 2000; ***Psicodinámica de los Ejercicios Ignacianos***. Santander: Sal Terrae, 2003; e ***Experiencia cristiana y psicoanálisis***. Córdoba: EDUCC, 2005.

Confira, a seguir, a entrevista que Morano concedeu com exclusividade para a revista ***IHU On-Line***, falando sobre o tema *Inácio de Loyola à luz da psicologia*, que ele desenvolverá durante o *Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas*, que se realizará na Unisinos, de 25 a 28 de setembro.

***IHU On-Line* - Como podemos caracterizar Inácio de Loyola do ponto de vista da psicologia?**

Carlos Morano - É difícil caracterizar de modo uniforme uma personalidade da complexidade e riqueza de Inácio. Em sua dinâmica pessoal, tiveram lugar transformações muito profundas que foram caracterizando seu psiquismo de modo muito especial. De ser um homem dado "às mulheres, ao jogo e às brigas", passou a ser um homem polarizado completamente pela experiência religiosa. E, a partir dela, converteu-se em um buscador incansável, o que o foi conduzindo a experimentar situações humanas e espirituais muito diferentes:

de quase eremita em Manresa[17], foi peregrino em Jerusalém, estudante em Alcalá[18], Salamanca[19] ou Paris, e organizador de uma nova instituição religiosa... Situações tão diferentes que, sem dúvida, acarretaram configurações psicodinâmicas muito diferentes também.

Vitalidade e energia fora do comum

Mas, em todo caso, teríamos que destacar como característica fundamental que recorre e marca toda sua vida a de uma vitalidade e energia fora do comum, expressada em uma vontade de aço e em um "eu" de enorme fortaleza e capacidade. Esse "eu" forte e decidido permitiu-lhe um equilíbrio importante entre suas dimensões afetivas, racionais e relacionais. Por sua vez, se considerarmos sua personalidade sob uma perspectiva clínica, parece inquestionável que seu caráter fosse marcado por claros componentes obsessivos. Daí vem sua tendência ao escrúpulo, à ordem, sua tenacidade etc. Sua inteligência (predominantemente intrapessoal e interpessoal) constitui outro elemento a destacar em sua estrutura pessoal. Essas capacidades favoreceram de modo importante sua vida espiritual e sua experiência mística. E sem deixar espaço para dúvidas, se poderia afirmar que foi essa experiência mística que configurou essencialmente sua vida e sua personalidade a partir de sua conversão.

***IHU On-Line* - Como a psicologia pode contribuir para o estudo da espiritualidade inaciana?**

Carlos Morano - A psicologia pode ajudar a manifestar dimensões da pessoa que entram em jogo em toda espiritualidade, porque toda espiritualidade se dá em uma dinâmica pessoal bem concreta, fruto de algumas vicissitudes biográficas particulares. Toda experiência religiosa tem lugar no seio de uma experiência humana e, nessa experiência, os componentes psicológicos fazem sempre um papel de "infra-estrutura" básica, que condiciona e determina, em parte, essa mesma experiência espiritual.

***IHU On-Line* - Qual é a psicologia dos *Exercícios Espirituais* e até que ponto ela está relacionada com a vida e experiência de Inácio?**

Carlos Morano - A psicologia dos *Exercícios* é complexa, dado que neles se tenta pôr em jogo toda a personalidade, tantos em seus estratos afetivos, como nos volitivos e racionais. Ao exercitante pede-se uma implicação de todas estas esferas de seu psiquismo, e todas elas devem ser revisadas em ordem para uma transformação profunda de sua vida. E, evidentemente, a experiência espiritual proposta pelos *Exercícios* não pode ser entendida se não levarmos em conta de modo fundamental a experiência de Inácio. O que ele fez foi descrever, com enorme rigor e precisão de linguagem, o que havia experimentado no processo de transformação de sua vida, particularmente na etapa de Manresa.

***IHU On-Line* - Quais são os mecanismos psíquicos que entram em jogo no processo dos *Exercícios Espirituais*?**

Carlos Morano – Com base no que eu disse até agora se deduz que os mecanismos psíquicos que entram em jogo são muito diferentes e complexos. De modo fundamental, devem ser postos em jogo os aspectos afetivos (sentimento

---

[17] **Manresa**: município da Espanha na província de Barcelona, comunidade autônoma da Catalunha. (Nota ***IHU On-Line***)

[18] **Alcalá la Real:** município da Espanha na província de Jaén, comunidade autônoma da Andaluzia. (Nota ***IHU On-Line)***

[19] **Salamanca**: município da Espanha na província de Salamanca, comunidade autónoma de Castela e Leão. (Nota ***IHU On-Line***)

de culpa, processos de identificação, amorosos, estados anímicos diversos etc.) sem os quais não é possível alcançar a reordenação da vida que se persegue. Inácio está convencido de que as puras idéias ou os meros esforços da vontade mudam pouco se não se vêem respaldados por toda a dinâmica afetiva do sujeito. "Desejando e escolhendo..." diz-nos, no *Princípio e Fundamento*[20]: Se uma escolha (objetivo central nos *Exercícios*) não está respaldada pelo desejo, em pouco ou em nada poderá ser alcançada. Muitos recursos "técnicos" (aplicação de sentidos, debates, adições etc.) que Inácio propõe têm a função de mobilizar essa afetividade, de transformá-la para que seja possível a mudança "na disposição" da vida. Inácio, como Freud, está convencido de que, mesmo que a razão constitua uma das dimensões mais fundamentais da vida pessoal, a qual lhe corresponde o aspecto de direção e guia, ela não poderá atingir seus objetivos se não se vê assistida e respaldada por uma sensibilidade mais profunda.

***IHU On-Line* - Como se dá a ação de Deus no ser humano durante a prática dos *Exercícios*? E depois dessa experiência, o que fica para as pessoas?**

Carlos Morano - A ação de Deus pode se dar nos *Exercícios* como em qualquer outro modo de experiência espiritual. Deus não está condicionado a atuar dependendo das diferentes modalidades espirituais que os seres humanos possam pôr em jogo. É soberanamente livre para atuar em qualquer modo e situação pessoal. O que ficar dessa ação de Deus ao terminar uma experiência como a dos *Exercícios*, dependerá da responsabilidade pessoal e da profundidade que teve a resposta a essa ação de Deus.

[20] Confira Exercícios Espirituais, no. 23. (Nota da ***IHU On-Line***)

***IHU On-Line* - Qual é a particularidade de Inácio de Loyola e de sua experiência religiosa no contexto de seu tempo?**

Carlos Morano - Em Inácio de Loyola, encontramos uma contribuição absolutamente nova e original na história da espiritualidade cristã: nunca se havia estabelecido como critério da ação de Deus o prazer ou desprazer que podem ter lugar na subjetividade da pessoa. É aí, na análise desses movimentos anímicos de "consolação[21]" e "desolação" em que Inácio encontra os sinais de uma ação de Deus na alma. Não é, portanto, por referência a princípios morais ou espirituais, em que se tenta descobrir o certo ou o errado da própria vida ou a orientação para a mesma, mas por referência a algo que tem a ver com a vida do desejo. Isso é uma completa novidade. Podemos afirmar ainda que Inácio tem uma consciência muito profunda de que, nessa vida do desejo, nós podemos nos equivocar com muita facilidade. Por isso, seu método também se caracteriza por uma atitude de suspeita, que poderíamos chamar "vida espiritual avançada". Desse modo, Inácio pode ser considerado, com toda a razão, um "mestre da suspeita". E aí encontramos outra contribuição fundamental à história da espiritualidade cristã: os exercícios como método de suspeita sobre os auto-enganos que podem ter lugar no campo da espiritualidade.

***IHU On-Line* - Como se caracteriza o método inaciano de buscar e encontrar Deus?**

Carlos Morano - O método para essa busca da vontade de Deus se caracteriza pela caminhada rumo a um processo de remodelação afetiva (tirar todas as

[21] Sobre o conceito de "consolação" e "desolação", confira Exercícios Espirituais, nos. 313 a 327. (Nota da ***IHU On-Line***)

”afeições desordenadas”) que favoreça a ”indiferença” (ou seja, a liberdade) necessária e, com base nela, tornar possível uma escolha ou reforma de vida conforme a vontade de Deus. Uma vontade de Deus que tão só se poderá conhecer por meio de um processo espiritual, ”místico”, podemos dizer, de encontro profundo, íntimo, entre ”o Criador e a criatura”. Um desejo de Deus que deve ser indagado na profundidade do próprio desejo.

***IHU On-Line* - Praticar os *Exercícios* pode nos ajudar a compreender melhor o mundo contemporâneo?**

Carlos Morano - A prática dos Exercícios tem algumas finalidades específicas na linha do que venho dizendo. Não é um método de psicoterapia, nem um método para orientar-se na complexidade da vida sociocultural. Não podemos pedir, portanto, aos *Exercícios* aquilo que ele não trata de responder. Mas se poderia dizer que, na medida em que o sujeito pode, mediante os *Exercícios*, adquirir um melhor conhecimento e harmonia consigo mesmo, também poderá, com base neles, adquirir uma nova capacidade para enfrentar e compreender melhor as circunstâncias vitais e sociais nas quais sua vida se desenvolve.

***IHU On-Line* - Que correntes da psicologia e que autores nos ajudam melhor, na atualidade, a compreender o ser humano e sua contemporaneidade?**

Carlos Morano - Depende de que aspectos do ser humano e da sociedade pretendamos conhecer e explicar. Cada corrente da Psicologia e cada escola centra sua atenção em alguns aspectos particulares da conduta humana, que é o objeto da Psicologia. Dependerá de que aspecto desta conduta queiramos compreender (afetiva, cognitiva, social, etc.) para ver a conveniência de uma corrente psicológica ou outra. A corrente cognitiva está hoje no seu auge e, penso, tem sido muito benéfico seu desenvolvimento como superação do behaviorismo reducionista que dominou boa parte da psicologia do século XX. A psicanálise e a psicologia profunda, em geral, seguirão sendo fundamentais para a compreensão do mundo afetivo e de suas desordens.

***IHU On-Line* - Qual é atualmente a principal contribuição dos jesuítas à sociedade?**

Carlos Morano - Seguindo a pauta de seu fundador, a de seguir ”falando” a Deus em um mundo, o de hoje, onde Deus ”diz muito pouco”, e referir esse Deus na luta contra o sofrimento, a desigualdade e a injustiça. E tudo isso no mais amplo leque de atividades e setores sociais ou culturais.

Os jesuítas e as ciências

Entrevista com Alfredo Dinis

O padre jesuíta português Alfredo de Oliveira Dinis é diretor da Faculdade de Filosofia de Braga, Portugal, desde junho de 2005, e presidente da Sociedade Portuguesa de Ciências Cognitivas. É licenciado em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, e em Filosofia e Humanidades pela Faculdade de Filosofia de Braga É mestre pela Universidade de Cambridge (Inglaterra) com a dissertação *Heliocentrism and the Bible from Copernicus to Galileo*, e doutor pela mesma universidade com a tese *The Cosmology of Giovanni Baptista Riccioli*.

Entre seus livros publicados, citamos ***Para Onde vai a Cultura Portuguesa?*** (org.). Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 2001 e ***Consciência e Cognição*** (co-organizado com J.M. Curado). Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 2004. Confira, a seguir, a entrevista que Dinis concedeu, por e-mail, para a ***IHU On-Line***, adiantando o tema que desenvolverá no *Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas*, que acontecerá na Unisinos ,de 25 a 28 de setembro. No evento, ele falará sobre a *Contribuição da Companhia de Jesus para a renovação científica da Idade Moderna*.

***IHU On-Line* - Qual e o papel do cristianismo e da Companhia de Jesus no surgimento da modernidade?**

Alfredo Dinis - A idéia geral muito difundida, sobretudo desde o processo instaurado pot Galileu[22] no século XVI, é a de que o cristianismo, em geral, e a Companhia de Jesus, em particular, não só em nada contribuíram para o surgimento da modernidade como ainda se opuseram decididamente a ela, defendendo a tradição filosófico-teológica herdada da Idade Média e, com base nela, lutando contra tudo o que fosse inovação quer em filosofia, quer em teologia, quer ainda em questões científicas que contrariassem aquela tradição.

Nas últimas duas décadas, tem havido uma significativa mudança desta perspectiva, sobretudo porque se começou a refazer a história do início da modernidade com base na leitura direta de textos filosóficos, teológicos e científicos até há pouco tempo ignorados. Além disso, um conhecimento mais objetivo e isento de preconceitos ideológicos do contexto cultural da Europa do Renascimento permitiu compreender que a situação intelectual dos cristãos, em geral, e dos jesuítas, em particular, era muito mais complexa e diversificada do que se acreditou durante séculos. É verdade que a Igreja Católica se encontrava em situação de ruptura

[22] **Galileu Galilei** (1564-1642): Grande astrônomo italiano e o primeiro grande físico da Renascença. Fez descobertas fundamentais no campo da física e da astronomia, revolucionando a ciência da sua época. Considerado o primeiro grande gênio da ciência moderna, valorizou a técnica e a experimentação. (Nota da ***IHU On-Line***)

com a corrente protestante, e isso criou nela um clima defensivo de oposição a idéias inovadoras em geral. Mas este clima teve mais a ver com posições oficiais do que com a prática de muitos católicos individualmente considerados.

A relação com o protestantismo

Os protestantes aparecem neste contexto como mais abertos e modernos, dado que defendiam, por exemplo, a liberdade individual de cada cristão poder ler e interpretar diretamente a Sagrada Escritura sem necessidade de obedecer à interpretação oficial de qualquer igreja. No entanto, as principais autoridades do protestantismo, a começar por Lutero, opuseram-se à idéias inovadoras no campo científico, como o heliocentrismo proposto por Copérnico. Apesar disso, os grandes nomes dos fundadores da modernidade (Copérnico[23], Kepler[24], Galileu, Descartes[25], Newton[26] etc) eram todos cristãos, católicos e protestantes, e nunca consideraram que a ciência nascente se opunha ao cristianismo. É evidente que, quando se fala de fundadores da modernidade, não se pode, de modo nenhum, desvalorizar a importância de muitos intelectuais, entre os quais muitos jesuítas, que contribuíram com o seu trabalho para que esses fundadores emergissem. Também neste aspecto tem havido uma grande mudança no modo de compreender os inícios da modernidade. Os intelectuais deste tempo estavam em contato permanente entre si, quer por meio de publicações e correspondência, quer por meio de contatos pessoais. Galileu é, a este respeito, um caso paradigmático, uma vez que manteve intensos e constantes contatos com os seus contemporâneos que conduziam investigações no campo científico, entre os quais os jesuítas. Este fato só recentemente começou a ser conhecido, sobretudo a partir de estudos de William Wallace[27], Ugo Baldini[28], Edward Grant e Mordechai Feingold, entre outros.

***IHU On-Line* - Em que sentido Inácio de Loyola contribuiu para que fosse possível encarar a crítica e a mudança de concepções tradicionais no intuito de chegar a uma inovação na construção do saber?**

Alfredo Dinis - Inácio de Loyola fundou a Companhia de Jesus num ambiente de defesa da Igreja Católica contra a corrente Protestante. Os jesuítas deveriam estar disponíveis para as missões que o Papa lhes quisesse confiar. Isso teve certamente. uma influência considerável

[23] **Nicolau Copérnico** (1473-1543): astrônomo e matemático polonês, além de cânone da Igreja, governador e administrador, jurista, astrólogo e médico. Desenvolveu a teoria heliocêntrica para o sistema solar, que colocou o Sol como o centro do sistema solar, contrariando a então vigente teoria geocêntrica - o geocentrismo (que considerava a Terra como o centro). (Nota da ***IHU On-Line***)

[24] **Johannes Kepler** (1571 – 1630): astrônomo formulou as três leis fundamentais da mecânica celeste, conhecidas como leis de Kepler. Dedicou-se também ao estudo da ótica. (Nota da ***IHU On-Line***)

[25] **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo por seu trabalho revolucionário da filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. (Nota da ***IHU On-Line***)

[26] **Isaac Newton** (1642-1727): físico, astrônomo e matemático inglês. Revelou como o universo se mantém unido por meio da sua teoria da gravitação, descobriu os segredos da luz e das cores e criou um ramo da matemática, o cálculo infinitesimal. Nota da ***IHU On-Line***)

[27] **William A. Wallace**, autor dos livros: *Galileo, the Jesuits, and the Medieval Aristotle* (Hampshire, U.K.: Variorum, 1991), *Galileo and His Sources: The Heritage of the Collegio Romano in Galileo's Science* (Princeton: Princeton University Press, 1984). (Nota da ***IHU On-Line***)

[28] **Ugo Baldini**: Professor de História Moderna na Faculdade das Ciências Políticas da Università di PADOVA. Autor do livros: *Legem impone subactis: Studi su filosofia e scienza dei Gesuiti in Italia, 1540-1632*(Roma: Bulzoni Editore, 1992), *Saggi sulla Cultura della Compagnia di Gesú (secoli XVI-XVIII)* Padova: CLEUP Editrice, 2000. (Nota da ***IHU On-Line***)

no modo como Inácio de Loyola concebeu a nova ordem religiosa. No entanto, essa influência não se verificou apenas num sentido conservador. Antes de tudo, ele criou uma nova forma de vida religiosa. Precisamente porque deveriam estar constantemente disponíveis para partir em missão, os jesuítas não celebravam em comum a Liturgia das Horas[29], uma inovação que levantou na época não poucas resistências. Entretanto, não só o próprio Inácio de Loyola estudou sete demorados anos na Universidade de Paris, como determinou que a formação dos jesuítas tivesse uma consistente estrutura intelectual. Os jesuítas necessitavam ter uma formação sólida não só em filosofia e em teologia como também em ciência, não apenas para poderem defender mais eficazmente a Igreja Católica e desempenharem as missões que o Papa lhes confiasse, mas também para lecionarem nos colégios que começaram a ser fundados em crescente número, desde o início da Companhia de Jesus, com a aprovação do seu fundador. O Colégio de Jesus em Coimbra foi um dos primeiros a ser fundado, em 1542. O Colégio Romano, hoje Universidade Gregoriana, foi fundado em Roma, em 1551. Neste Colégio, teve Galileu importantes contatos com os Jesuítas com os quais manteve também uma assídua correspondência. Empenhados em missões que exigiam uma sólida formação intelectual, os primeiros jesuítas estavam, por isso mesmo, em contato com as idéias inovadoras da época.

As *Constituições* da Companhia

Nas *Constituições da Companhia de Jesus,* redigidas por Inácio de Loyola, várias passagens determinavam que os jesuítas não se afastassem da filosofia de Aristóteles[30] nem da teologia dos Padres da Igreja[31] e de S. Tomás de Aquino. No entanto, essas mesmas passagens referiam que a fidelidade à tradição devia ser mantida tanto "quanto possível", prevendo que os jesuítas se afastassem de algum elemento tradicional sempre que houvesse razões suficientes para isso. Esta flexibilidade introduzida por Inácio de Loyola nas *Constituições* marcou, desde o início da Companhia de Jesus, um estilo de fidelidade à tradição e, simultaneamente, de abertura à mudança, o que tornou possível que eles discutissem livremente idéias novas e fizessem opções nem sempre convergentes. A necessidade de estabelecer no interior da Companhia de Jesus uma censura prévia aos livros a serem publicados, se por um lado significa que a liberdade de expressão dos jesuítas era limitada, testemunha, por outro lado, que existiam, de fato, membros da Companhia de Jesus que se aventuravam a discutir e, por vezes, a defender idéias novas.

IHU On-Line - Como acontece o diálogo fé e ciência na Companhia de

[29] **Liturgia da Horas**: é a oração pública que os clérigos fazem em nome da Igreja. Leva este nome por ser considerado o cumprimento de um *dever* (em latim, *officium*) para com Deus. É chamado também de Liturgia das Horas por repartir-se em diferentes horas do dia. (Nota da ***IHU On-Line***)

[30] **Aristóteles de Estagira** (384 a C. – 322 a. C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas — por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega — acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se: ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da ***IHU On-Line***)

[31] **Padres da Igreja**: teólogos e mestres doutrinários dos primeiros séculos do cristianismo. Eles foram responsáveis, em grande parte, pela definição das doutrinas cristãs como as conhecemos hoje. (Nota da ***IHU On-Line***)

Jesus? Ele faz parte do carisma de Inácio?

Alfredo Dinis - O diálogo fé e ciência começou praticamente desde o início da Companhia de Jesus, tendo como primeiro ponto de referência o Colégio Romano. Ali se ensinava e discutia filosofia, ciência e teologia. As implicações teológicas do sistema heliocêntrico, por exemplo, eram bem conhecidas dos jesuítas que ensinavam no Colégio, o mais célebre dos quais foi Cristóvão Clávio[32]. Não só o movimento da Terra, como também as manchas solares, as montanhas na Lua e os satélites de Júpiter, levavam a uma profunda revisão da cosmologia geocêntrica herdada da Idade Média. Dado porém que a cosmologia estava intimamente relacionada com pressupostos e concepções metafísicas e teológicas, incluindo o modo como eram interpretadas algumas passagens bíblicas relacionadas com a natureza, os jesuítas estavam muito empenhados na discussão das implicações que tinham para a fé as novas propostas vindas sobretudo do campo científico. Essas implicações levavam a pôr em causa o sistema cosmológico-metafísico-teológico herdado da Escolástica. Nos contactos que tiveram com Galileu até ao primeiro processo que lhe foi movido, os jesuítas não lhe manifestaram, porém, qualquer oposição significativa. Esta posição mudou um pouco depois da condenação de Galileu, no segundo processo, mas houve sempre jesuítas que aceitaram o sistema galilaico, embora nem sempre o tenham expresso publicamente. Outros jesuítas afirmaram nas sua obras que o heliocentrismo contradizia a Sagrada Escritura e, em virtude disso, não podia ser aceito.

Hoje os jesuítas europeus que trabalham em ciência constituem um grupo de reflexão denominado *Jesuits in Science* que se reúne de dois em dois anos, sendo a relação entre ciência e fé um dos temas principais de debate. O Observatório Astronômico de Castelgandolfo (Itália), confiado pelo Papa aos jesuítas é um dos pontos de referência dos membros da Companhia de Jesus na sua reflexão sobre as implicações teológicas da ciência contemporânea.

***IHU On-Line* - Qual é a principal contribuição dos jesuítas para a ciência? Em que sentido eles renovaram a ciência da Idade Moderna?**

Alfredo Dinis - Os jesuítas contribuíram desde o início da Companhia de Jesus para a renovação da ciência da Idade Moderna, participando na investigação e no debate sobre novas idéias que, sobretudo a partir do século XVI, circulavam por toda a Europa. Os próprios jesuítas circulavam um pouco por todo o lado, faziam observações e medições em astronomia, geografia etc., e enviavam os resultados desse trabalho para os que se dedicavam à investigação em vários países, sobretudo europeus.

Os jesuítas não só adquiriram uma formação sólida em filosofia, teologia e diversas ciências, como formaram gerações de intelectuais, muitos dos quais se tornaram investigadores de primeira linha. Eles tornaram-se também interlocutores privilegiados de diversos investigadores famosos como Galileu e Descartes. No século XVIII, o jesuíta Roger Boscovich[33] (1711-1787) propôs uma teoria unificada da física que não foi

[32] **Clavius, Christoph**, 1538-1612, S.J., professor de matemática do Colégio Romano.Clávio deixou uma abundante produção matemática. Escreveu sobre um leque de temas muito amplo, em obras que foram editadas várias vezes. (Nota da ***IHU On-Line***)

[33] **Roger Boscovich**: jesuíta, físico, astrônomo, matemático, filósofo, diplomata e poeta, nascido na extinta República de Dubrovnik. (Nota da ***IHU On-Line***)

imediatamente compreendida, e só muito mais tarde, em pleno século XX, Boscovich acabou por ser considerado um grande físico na linha de Newton e Einstein. Mas também aqui a historiografia contemporânea não atribui os grandes avanços científicos da ciência moderna a figuras isoladas, mas sim a comunidades científicas, em que os jesuítas nunca deixaram de estar presentes, e no interior das quais emergiram os autores que hoje são mais conhecidos.

***IHU On-Line* - Os jesuítas têm um modelo particular de construir o saber? Como ele se caracteriza?**

Alfredo Dinis - O modelo de saber que os jesuítas adotaram desde o início foi a harmonização de três grandes áreas: filosofia, teologia e ciência. No início da modernidade, as novas idéias que surgiram, sobretudo com base na observação e experimentação científicas, tornaram difícil manter a coerência global do paradigma herdado da Escolástica Medieval[34], mas os jesuítas tentaram sempre defender essa coerência, ainda que isso não os tenha impedido de se manterem atualizados em todos os níveis do saber.

Atualmente, os Jesuítas procuram construir um modelo de saber baseado na coerência entre fé e cultura, sendo a promoção da justiça uma pedra fundamental neste modelo. Trata-se de um paradigma menos teórico e abstracto, mais relacionado com a experiência humana concreta. É por esta razão que há algumas décadas a Companhia de Jesus tomou a decisão, sob o impulso do Superior Geral Padre Pedro Arrupe, de dedicar-se ao serviço dos refugiados. Em países onde os regimes políticos oprimem os seus povos, os jesuítas sofrem perseguição e, por vezes, até mesmo a morte. Este modo de proceder, de implicações económicas e políticas, reflecte um novo paradigma de construção do saber que foi sendo elaborado sobretudo a partir de meados do século passado.

***IHU On-Line* - Como seria um modelo de saber, fundamentado em uma perspectiva filosófico-teológica?**

Alfredo Dinis - Um modelo de saber, fundamentado em uma perspectiva filosófico-teológica de inspiração cristã procura interpretar a experiência humana, pessoal e coletiva, com base no Evangelho de Jesus Cristo e no exercício da razão e da inteligência humanas. Mas não se trata apenas de uma interpretação acadêmica e teórica, ela deve ser realizada no contexto da vida concreta das pessoas e dos povos e levar a decisões corajosas que transformem essa vida tornando-a mais humana. Assim sendo, a perspectiva filosófico-teológica de inspiração cristã impede que nos resignemos a paradigmas pragmatistas e relativistas que subordinem a compreensão da experiência humana a conveniências e interesses particulares, imediatos e pouco ou nada refletidos. Uma perspectiva filosófico-teológica deve enfrentar a complexidade da existência humana, renunciando a reduzi-la a um modelo qualquer simplista e superficial que pretenda ignorar essa complexidade e propor soluções fáceis para questões difíceis.

***IHU On-Line* - Como se caracteriza o olhar dos Jesuítas sobre as inovações científicas e tecnológicas atuais, principalmente no campo da genética e da agricultura?**

[34] **Escolástica Medieval**: linha dentro da filosofia medieval, de acentos notadamente cristãos, surgida da necessidade de responder às exigências da fé, ensinada pela Igreja, considerada então como a guardiã dos valores espirituais e morais de toda a Cristandade. É responsável pela unidade de toda a Europa, que comungava da mesma fé. (Nota da ***IHU On-Line***)

Alfredo Dinis - A perspectiva actual dos jesuítas sobre os progressos científicos e tecnológicos contemporâneos é simultaneamente de abertura e de crítica, uma vez que tais progressos têm sempre implicações éticas que os interesses econômicos e políticos pretendem, muitas vezes, esconder ou ignorar. O campo da genética em geral abre certamente novos horizontes para a compreensão do ser humano e para a melhoria das suas condições de vida, sobretudo na procura de novas terapias para o tratamento de doenças que até há pouco pareciam incuráveis. No entanto, a manipulação genética pode também trazer problemas que ainda se desconhecem em grande parte.

Os problemas específicos que se levantam no campo ético têm que ser compreendidos e resolvidos, tendo em conta a totalidade do ser humano, irredutível a um mero conjunto, estruturado de células. Desse modo, os jesuítas têm-se dedicado nos últimos anos ao estudo aprofundado das questões de bioética sobretudo em universidades, publicações e conferências. Mas este interesse dos jesuítas pela genética e pelas questões éticas que lhe estão associadas não é totalmente novo. Em Portugal, para só citar um exemplo, o Pe Luís Archer foi pioneiro dos estudos de genética neste país, tendo publicado nas últimas décadas inúmeros livros e artigos de grande nível científico e ético, pelos quais tem recebido prêmios e distinções.

A genética na agricultura

No campo da aplicação genética à agricultura, alguns jesuítas têm tomado posições críticas no que se refere à manipulação genética de plantas dado que os seus efeitos não são ainda suficientemente conhecidos. O episódio mais significativo acerca do envolvimento dos Jesuítas no debate sobre os alimentos geneticamente modificados tem a ver com a crítica por eles feita recentemente a esta nova tecnologia aplicada à agricultura na Zâmbia. A crítica foi expressa num documento produzido conjuntamente pelo Kasisi Agricultural Training Centre e pelo Jesuit Centre for Theological Reflection, ambos funcionando naquele país. Nesse documento, os jesuítas teceram uma dura crítica ao desenvolvimento no país de uma agricultura baseada em plantas geneticamente modificadas. A sua posição foi rejeitada por alguns cientistas americanos e europeus que os acusaram de assumirem uma posição política e não científica, e de provocarem a fome no pai, dado que a agricultura tradicional não consegue alimentar a população zambiana. Os jesuítas, também eles apoiados por cientistas, defendem que uma agricultura industrializada em grande escala não só iria tornar a Zâmbia dependente de grandes interesses multinacionais como iria ainda inviabilizar o trabalho de agricultores individuais cuja produção agrícola cobre 80% do consumo nacional, aumentando, assim, o desemprego em larga escala. A mesma agricultura industrializada iria provavelmente ter efeitos altamente negativos a médio e longo prazo, incluindo uma diminuição acentuada da produtividade agrícola bem como da biodiversidade. O governo da Zâmbia acabou por decidir recusar a oferta de milho geneticamente modificado feita pelos Estados Unidos, distribuído pelo World Food Programme. Os jesuítas do Canadá dirigem uma Comunidade (Community Shared Agriculture) que pratica uma agricultura de base orgânica e apóia também pequenos agricultores, permitindo-lhe praticar este mesmo tipo de agricultura. A comunidade procura, assim, promover a responsabilidade das pessoas pela terra e pelo ambiente, propondo também uma espiritualidade

que encoraja a relação das pessoas entre si e com a natureza.

Liderança organizacional ao estilo jesuíta

Entrevista com Christopher Lowney

Chris Lowney é diretor gerente da J.P. Morgan & Co., dos Estados Unidos, e é conhecido por falar sobre liderança e ética nos negócios. A J.P.Morgan & Co. é uma instituição de serviços financeiros globais e com operações em mais de 50 países. Lowney trabalhou no Morgan's Asia-Pacific, European and Investment Banking Management Committees, acumulando experiência multinacional em uma companhia reconhecida como uma "das companhias mais admiradas da América", segundo a revista ***Fortune***.

Antes de se juntar à equipe da J.P. Morgan, Lowney foi estudante jesuíta por sete anos. Durante esse tempo, ensinou e estudou em instituições jesuíticas nos Estados Unidos e em Porto Rico. Recebeu graduação *summa cum laude* da Universidade de Fordham em História e Filosofia Medieval, onde cursou também seu mestrado.

Atualmente, Lowney vive em Nova Iorque, onde trabalha meio expediente como assistente especial do presidente da Catholic Medical Mission Board (CMMB), instituição católica dos Estados Unidos, que promove programas e serviços para cuidados de saúde aos povos em necessidade, em torno do mundo. Viaja para o Kenya, África do Sul, Zâmbia e Índia para ajudar a lançar as principais iniciativas da CMMB, com intuito de impedir a transmissão de AIDS de mães para filhos.

Seu livro ***Heroic Leadership: Best Practices from a 450-Year-Old Company That Changed the World*** (Liderança Heróica: Melhores práticas de 450 anos da Companhia que mudou o mundo) é um *best-seller* que está em primeiro lugar no ranking do CBPA (Catholic Book Publisher's Association) e recebeu medalha de bronze no prêmio de *Livro do Ano*, de 2003, da revista ***ForeWord***. A obra foi traduzida em dez línguas estrangeiras. Os leitores e leitoras interessados são convidados a visitar a página www.ChrisLowney.com.

Confira, a seguir, a entrevista que Lowney concedeu, por e-mail, para a ***IHU On-Line***, adiantando o tema que desenvolverá no *Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas*, que acontecerá na Unisinos de 25 a 28 de setembro.

No evento, ele falará sobre o tema *Características de liderança em uma organização: o caso da Companhia de Jesus*.

:

***IHU On-Line* - O que caracteriza a liderança ao estilo jesuíta? Por que ela é uma liderança diferente?**

Christopher Lowney - É verdade que os jesuítas – mesmo não tendo os pré-requisitos do sucesso corporativo, nenhum plano e nenhum capital – são notoriamente bem sucedidos. Eles estão chegando ao seu 500º aniversário e podemos nos perguntar por que eles permanecem tanto tempo. Sobre essas questões, eu gostaria de refletir em meu livro (citado acima), olhando para os jesuítas do meu ponto de vista, como um banqueiro de investimentos no J.P. Morgan, onde nosso trabalho é aprender o que fazem as empresas terem sucesso e por quê.

***IHU On-Line* - Em que sentido o estilo de liderança jesuíta se torna fonte de inovação e avanço dentro e fora da Igreja?**

Christopher Lowney - Quando nós pensamos em líderes, pensamos naqueles que estão no comando: presidentes, generais, chefes executivos e assim por diante. Mas eu noto que cada jesuíta participa do mesmo programa de "treinamento gerencial", que são os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola. Então, há uma idéia de que a liderança não é apenas para uma "elite", mas que cada pessoa tem uma contribuição única a fazer e precisa desenvolver suas próprias habilidades. Então, a primeira diferença que eu vejo no modelo jesuíta é a idéia de que cada pessoa – não apenas aqueles no topo da hierarquia – é um líder.

***IHU On-Line* - Que princípios de gestão e liderança para a vida comum são oferecidos pela história dos jesuítas?**

Christopher Lowney - Os jesuítas têm um registro notável da inovação na Igreja e na sociedade. Por exemplo, eles ajudaram a inventar o alfabeto vietnamita e o calendário moderno e ajudaram a fundar uma das maiores cidades do mundo (São Paulo). Também contribuíram para registrar a linguagem guarani na forma escrita pela primeira vez. Pelo que sabemos, quando os primeiros jesuítas visitaram a Índia e a China, e até mesmo partes da América do Sul, eles provaram a si mesmos serem capazes de se adaptar a outras culturas que não a sua cultura européia.

Por que eram tão estrategicamente flexíveis? Acho que parte do segredo é o conceito dos jesuítas de desapego nos seus *Exercícios Espirituais*. Inácio de Loyola nos chama a identificar qualquer apego pessoal e obstáculos que possam nos impedir de sermos "livres" nas nossas decisões. Então, por exemplo, qualquer pessoa que trabalhe em uma grande empresa sabe que, às vezes, péssimas decisões de negócio são feitas por executivos que são muito apegados ao seu próprio ego, ou ao seu *status*, ou ao medo de mudança, ou ao dinheiro. Os *Exercícios* de Inácio têm motivação religiosa, claro, mas a sua sabedoria espiritual também pode servir nos nossos esforços humanos – neste caso, por exemplo, fazendo-nos mais abertos e livres para sermos mais criativos nas nossas decisões ao identificar os obstáculos pessoais que podem ficar no nosso caminho.

***IHU On-Line* - Quais são hoje os valores que servem de suporte ao exercício da liderança nos negócios?**

Christopher Lowney - Eu pergunto: com quais princípios de gerência os jesuítas contrastam? Um dos princípios de

liderança sobre o qual eu falo no meu livro é o amor, a saber, quando tratamos outros seres humanos com respeito pela dignidade humana. E eu sou o primeiro a admitir que "amor" pode parecer uma noção muito estranha nos negócios, atualmente. Francamente, nós estamos mais acostumados com o "medo". Eu comparo Loyola com Maquiavel[35], que disse uma vez que se um governante tem uma escolha, "ser temido é melhor do que ser amado". Inácio de Loyola acredita exatamente no oposto, e eu tenho que concordar com ele. Cada pai sabe, por exemplo, que as crianças se desenvolvem melhor quando são criadas por pais que as fazem se sentir seguras, que as tratam como valiosas e que imponham disciplina. O que nos convenceu de que nossas necessidades adultas são diferentes? As melhores equipes com as quais eu já trabalhei no JP Morgan foram equipes em que uns se apoiavam nos outros e tentavam ajudar a empresa a ganhar: o que fez cada pessoa e a equipe como um todo ser melhor do que esses ambientes darwinianos, temíveis e paranóicos que, às vezes, encontramos nas grandes empresas de hoje.

***IHU On-Line* - Como compreender que dez homens sem capital e sem nenhum plano de negócios conceberam, no século XVI, uma das instituições religiosas mais longevas, inovadoras e com presença em todo o mundo?**

Christopher Lowney - Tendemos a achar o mundo dos negócios bem diferente do mundo da religião. E isso é um problema, pois muitos de nós estamos trabalhando em companhias, organizações, escritórios. Se não podemos achar um meio de conectar nossas crenças religiosas ao trabalho que fazemos todos os dias, então iremos sentir como se levássemos "vidas paralelas", e sofreremos alguma desconexão. Vamos à "igreja aos domingos e trabalho na segunda" como se não houvesse conexão entre ambos. Muitos de nós estamos nesse impasse, e eu conheço muita gente que está desanimada nesse sentido. Então, estou muito interessado em encontrar, mais e mais, caminhos nos quais possamos fazer alguma conexão entre nossas crenças espirituais e nosso local de trabalho. Não quero dizer isso em termos de "pregar" sobre nossas crenças para colegas de trabalho (porque em várias situações, isso será impróprio). Pelo contrário, podemos viver isso em valores como respeito, integridade, excelência, e assim um modo humano de vivenciar nossa vocação como cristãos.

***IHU On-Line* - O senhor pode falar sobre os quatro valores que, na sua opinião, conferem substância à liderança jesuíta: conhecimento de si mesmo, inventividade, amor e heroísmo?**

Christopher Lowney - Em *Liderança Heróica*, tentei explicar de uma maneira humanística quatro idéias ou valores que para os jesuítas teriam raízes religiosas e espirituais muito profundas nos *Exercícios Espirituais*. Não estou achando que isso seja uma fórmula "definitiva" sobre os jesuítas ou sobre a liderança, mas espero que essas idéias dêem algum *insight* sobre o que devemos aprender em nosso trabalho diário.

Especificamente:

Auto-conhecimento: Primeiro de tudo, líderes devem se conhecer: suas forças e fraquezas, valores, visão de mundo, e assim por diante.

[35] **Nicolau Maquiavel** (1469 – 1527): foi o mais importante historiador, filósofo, dramaturgo, diplomata e cientista político italiano do Renascimento. É reconhecido como fundador do pensamento e da Ciência Política moderna, pela simples manobra de escrever sobre o Estado e o governo como realmente são – a *verità effettuale della cosa* – e não como deveriam ser. (Nota da ***IHU On-Line***)

Inventividade: Líderes se adaptam com confiança/segurança ao mundo em mudança.
Heroísmo: Líderes motivam-se uns aos outros com paixão, ambição e compromisso para com metas que são maiores que qualquer pessoa.
Amor: Líderes tratam os outros de modo a respeitar sua dignidade humana e tentam desbloquear seus potenciais.
Jesuítas mais antigos não usariam palavras modernas como "inventividade" ou "liderança", mas eu, a despeito disso, encontro essas qualidades nos *Exercícios Espirituais.* Por exemplo, todo o processo dos *Exercícios* é de autoconhecimento: indivíduos estão se auto-explorando, sua iniqüidade, a vida de Jesus, e como irão seguir Jesus nas circunstâncias concretas de suas próprias vidas. E o último dos *Exercícios Espirituais* é comumente chamado *Contemplação para alcançar o Amor*[36], e nele Loyola nos convida a refletir sobre a idéia de que cada pessoa é feita "à imagem e semelhança de Deus", como o Gênesis diz. Bem, se isso é verdade, então significa que devemos tratar as pessoas de acordo − mesmo no ambiente de trabalho − com o tipo de respeito por sua dignidade que chamaríamos de "amor" no espaço de trabalho.

***IHU On-Line* - O que faz parte da visão de mundo dos jesuítas?**
Christopher Lowney - A visão jesuíta do mundo é algo que temo que muitos estudantes possam responder mais compreensivelmente e mais efetivamente que eu. Mas me deixe talvez incluir uma ou duas perspectivas. Os jesuítas resolveram perseguir não uma vocação monástica, mas estilos de vida bem ativistas como professores, assistentes sociais e assim por diante. Um deles disse que, como resultado, os jesuítas tiveram que aprender a ser "contemplativos mesmo na ação". Outro tema familiar jesuíta é a idéia de "encontrar Deus em todas as coisas". Então, eu descobri que a "visão" jesuíta inclui uma forte idéia de que Deus está no mundo e nós O encontramos em nosso trabalho e ocupações. É por isso que eu acho a espiritualidade jesuíta muito relevante para aqueles de nós que estão trabalhando em escritórios, como professores, que são pais e assim por diante. A sua espiritualidade nos dá algumas "técnicas espirituais" efetivas para entendermos como podemos encontrar maneiras humanas de viver valores que terão raízes religiosas profundas.

***IHU On-Line* - Como Inácio de Loyola fazia para ajudar seus companheiros a se tornarem líderes?**
Christopher Lowney - Como mencionei, todo jesuíta deve completar os *Exercícios Espirituais*, que eram, em certo sentido, tentativas de Inácio de Loyola de traduzir em algum processo sistemático sua própria jornada pelo entendimento religioso e, acima de tudo, pelo auto-entendimento. Eu acredito que autoconhecimento é fundamental para a habilidade de liderança. Então, nem todos precisam fazer os *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola, mas acredito que sua abordagem nos confirma o quão importante é investir algum tempo, construindo os alicerces do autoconhecimento: compreendendo nossas fortalezas e fraquezas, nossos valores, nossa visão de mundo e os nossos colegas. Se tivermos esses alicerces, podemos liderar bem. Se não o tivermos, teremos muitos problemas liderando eficazmente.

***IHU On-Line* - Como o indivíduo deve desempenhar seu papel de líder?**

[36] Confira Exercícios Espirituais, nos. 230 a 237. (Nota da ***IHU On-Line***)

Christopher Lowney - Uma das definições do dicionário para liderança é "apontar um caminho, uma direção ou uma meta e influenciar outras pessoas nessa direção". Não é verdade que todos nós estejamos vivendo essa definição o tempo todo? Estamos apontando um "modo de vida" para outros em virtude de como nos comportamos, como usamos nosso tempo, quem contratamos, e como funcionamos nas reuniões. Muitos de nossos leitores são pais: pode haver algum outro exemplo mais óbvio de "apontar um caminho" e "influenciar outros" que aquilo que os pais fazem pelos filhos durante a vida? Então, pela definição do dicionário, boa paternidade é boa liderança. Ou, mais amplamente, o indivíduo lidera em virtude de valores de que ele dispõe no papel de modelo em casa, no trabalho, e em todos os aspectos da vida.

As missões jesuíticas nos sete povos das missões

Entrevista com Bartolomeu Melià

O jesuíta espanhol Bartolomeu Melià é pesquisador do Centro de Estudos Paraguaios Antonio Guasch e do Instituto de Estudos Humanísticos e Filosóficos. Sempre se dedicou ao estudo da língua guarani e à cultura paraguaia. Doutor em ciências religiosas pela Universidade de Estrasburgo, sempre acompanhou e conviveu com os indígenas Guarani, Kaigangue e Enawené-nawé, no Paraguai e no Brasil. É membro da Comissão Nacional de Bilingüismo, da Academia Paraguaia da Língua Espanhola e da Academia Paraguaia de História. Entre suas publicações recentes, citamos ***El don, la venganza y otras formas de economía***. Assunção: Cepag, 2004.

Confira, a seguir, a entrevista que Melià concedeu com exclusividade para a revista ***IHU On-Line***. Nela, ele fala sobre o tema *As missões jesuíticas nos Sete Povos das Missões*, que ele apresentará durante o *Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas*, que acontecerá na Unisinos, de 25 a 28 de setembro.

***IHU On-Line* - Qual é a importância de comemorar o Ano Jubilar Inaciano? E qual a importância de, neste contexto, realizar um seminário sobre a Globalização e os Jesuítas na Unisinos?**

Bartolomeu Meliá - Não somente é importante comemorar uma data íntima e familiar - o centenário de nosso pai -, mas também recordar a dimensão globalizante de sua visão e de seus projetos que, em quatrocentos anos, chegaram a quase todo o mundo e mesmo até a menor realidade do universo. Observando a face do mundo, do modo como o faz a Santíssima

Trindade[37], nota-se aquilo que ninguém viu; o que já foi e também o que pode vir a ser. Nenhum particular nos deveria ser estranho.

***IHU On-Line* - Qual é a marca mais característica da Companhia de Jesus em sua atuação no Brasil e no mundo? Em que sentido podemos dizer que os jesuítas são precursores da globalização?**

Bartolomeu Meliá - O Verbo universal, diz Dom Pedro Casaldáliga[38], fala somente dialeto. Os jesuítas vieram ao Brasil com uma missão sem limites, não restrita aos colonos portugueses. Este fato os obriga a estudar a língua dos índios. Aprender uma língua é globalizar-se. A globalização não é somente impor modos de ser gerais e uniformes, mas sim acompanhar a cada um na realização de sua própria vocação, sem deixar de lado seu próprio ser. Muitos missionários puderam evangelizar os índios na mesma medida em que foram evangelizados por eles.

***IHU On-Line* - O que o senhor mais destacaria sobre a experiência dos jesuítas nas missões?**

Bartolomeu Meliá - Conheço pouco sobre o trabalho dos jesuítas nas Missões do Brasil. Nas do Paraguai, com os índios Guarani, os jesuítas sentiram que podiam compartilhar a mesma fé, levaram o conhecimento desta fé, e ao mesmo tempo propuseram um sistema de vida que lhes parecia mais político e humano. Os índios, a julgar pelos dados históricos, aceitaram a proposta. Eles não tiveram que abandonar sua língua nem sua economia. Os jesuítas, por seu lado, para poder aprender a língua, a converteram em escrita e em gramática; fizeram também dicionários, que são verdadeiros monumentos lingüísticos apreciados pelos cientistas que os estudam. Conseguiram, graças à colaboração dos indígenas, construir conjuntos urbanísticos tão notáveis, que hoje são declarados Patrimônio da Humanidade pela Unesco. Outras artes plásticas, como a escultura, alcançaram grande nível. Muito além da cópia e da imitação, os indígenas deram provas de criatividade, até mesmo em estilos que não lhes eram próprios. No campo da música revelaram-se mestres. Parece que a Utopia encontrou seu lugar no Paraguai e ali se estabeleceu. Os povos das Missões atraem até hoje o interesse, não somente de visitantes e turistas, mas também de historiadores, sociólogos, economistas e políticos.

***IHU On-Line* - Qual foi a importância de Sepé Tiaraju e de que forma se poderia dizer que ele encarna ou dialoga com a proposta jesuítica?**

Bartolomeu Meliá - O paradoxo de Sepé Tiarajú[39], cacique de São Miguel, é que, para defender aquele território, não somente as terras de seu povo, que era também o seu, e como tal reconhecido pela Coroa espanhola, ele teve de ir à guerra. A territorialidade dos guaranis sempre havia sido defendida pelos jesuítas. A fase da diplomacia, durante a

---

[37] Refere-se aos Exercícios Espirituais, na composição de lugar da contemplação da Encarnação, nº 102. (Nota da ***IHU On-Line***)

[38] **D. Pedro Casaldáliga:** Foi bispo prelado de São Félix, MT. É poeta e escritor de renome internacional. Quando assume a prelazia de São Felix, em pleno regime militar, denuncia veementemente o latifúndio, a reforma agrária e o direito indígena à terra. Foi duramente perseguido pelo regime militar. Pe. João Bosco Penido Burnier, jesuíta, foi assassinado ao lado dele, no dia 12 de outubro de 1976. A edição 137 da ***IHU On-Line,*** de 18 de abril de 2005, publicou uma entrevista com Casaldáliga, bem como a edição 89, de 12 de janeiro de 2004. (Nota da ***IHU On-Line***)

[39] **Sepé Tiaraju** (s/data - 1756): índio guerreiro guarani, considerado um santo popular brasileiro. Sobre ele, confira a matéria de capa da ***IHU On-Line*** número 156, de 19 de setembro de 2005. (Nota da ***IHU On-Line***)

qual os 7 povos das Missões enviaram repetidas cartas (1753), mostrando seus direitos e sua vontade pacífica, não foram aceitas. Muitos jesuítas sentiam que os Guarani rebelados defendiam uma causa justa, porém se sentiram impossibilitados de permanecer a seu lado até o fim. Talvez fosse o mais prudente, dada a violência exercida pelos governos da Espanha e Portugal, unidos contra os índios, e para que o holocausto não fosse ainda maior. Logo a seguir, os jesuítas seriam também expulsos dos domínios de Portugal e Espanha. Era o principio do fim.

***IHU On-Line* - Como era a relação entre os povos guaranis e os jesuítas nas Missões? Havia autonomia por parte dos índios? Quais eram as características desse convívio?**

Bartolomeu Meliá - O início das Missões teve várias frentes, e nem sempre foi pacífico. Alguém fala de "guerra de messias" entre feiticeiros guaranis e padres jesuítas. No Caaró, mataram inclusive três missionários: Roque Gonzaléz, de Santa Cruz, Alonso Rodríguez e Juan del Castillo. Entretanto, o mais freqüente, foi a boa acolhida que os padres tiveram. A fundação de povos foi feita de acordo com o gosto dos índios. A aprendizagem da língua guarani não podia ser feita sem um alto grau de convivência, embora os padres mantivessem suas habitações separadas e um estilo de vida que não era certamente o indígena. Os Guarani, por seu lado, participaram com entusiasmo da vida litúrgica proposta, que, em realidade, era muito solene e cheia de novidades. Representações teatrais e jogos de diversos tipos, entre os quais o jogo de bola com o pé (futebol), eram diversões comuns aos domingos e dias de festa. Os jesuítas mostraram sentir-se muito bem com "seus" guarani, e os guarani com "seus" padres.

***IHU On-Line* - O Papa João Paulo II afirmou que "o termômetro de uma democracia é o modo como ela trata as populações indígenas". Como está a democracia no Brasil e na América Latina atualmente?**

Bartolomeu Meliá - O sentido dessa afirmação me parece consistir no fato de que as sociedades indígenas nos colocam diante de uma ecologia mais humana e de um sistema de comunicação de bens e de mensagens mais igualitário. A maioria das sociedades indígenas, desde que não tenham sido demasiadamente degradadas pelo sistema colonial, mostram uma grande alegria de viver, estão menos preocupadas com coisas materiais e mantém um grande respeito mútuo. Todos sabemos que a democracia eleitoreira do Brasil e da América Latina, se é que se pode falar de modo tão geral, está marcada precisamente pela desigualdade e pela iniqüidade. E parte da política está estruturada para manter e fortalecer essas desigualdades. A palavra não é livre.

A missão: peripécias das reduções jesuíticas

Por Pedro Ignácio Schmitz

Na manhã do primeiro dia do *Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas*, que acontecerá na Unisinos, de 25 a 28 de setembro, o professor e padre jesuíta Pedro Ignácio Schmitz será um dos comentaristas, ao lado do professor da Unisinos Gilberto Assis Brasil, do filme *A Missão*, de Roland Joffé, que será exibido às 10h no Anfiteatro Pe. Werner da Unisinos.

Pedro Ignácio Schmitz é professor e pesquisador no Instituto Anchietano de Pesquisas da Unisinos. É graduado em Geografia, História, Filosofia e Teologia e doutor em História. Trabalha, entre outros assuntos, com populações indígenas e missões religiosas na América Latina. Publicou e organizou 23 livros, entre eles: ***O estudo dos esqueletos escavados por Pe. João Alfredo Rohr S.J. no litoral de Santa Catarina***. São Leopoldo: Unisinos, 2004; ***Casas Subterrâneas nas terras altas do sul do Brasil***. São Leopoldo: Gráfica Unisinos, 2002; ***Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina***. São Leopoldo: Unisinos, 1999 e ***Aterros Indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul***. São Leopoldo: Unisinos, 1999. Ele concedeu entrevista para a ***IHU On-Line*** na edição número 183, de 19-6-2006, intitulada *Os primeiros usos da araucária*. No intuito de adiantar aos leitores e leitoras da revista ***IHU On-Line*** a forma como irá conduzir o debate sobre o filme durante o Seminário da próxima semana, padre Ignácio nos enviou o artigo que segue. Confira.

Um filme histórico?

O filme "A Missão" não é uma narração histórica no sentido literal, mas a dramatização de um evento, usando elementos da história, de seus protagonistas e do seu contexto e cenário. É nesse sentido que deve ser entendida a colocação inicial do filme de que se trata de fatos realmente acontecidos.

O filme conta o constrangimento moral dos jesuítas e o impasse dos índios quando Portugal e Espanha, em 1750, no Tratado de Madri[40], buscando evitar uma guerra na Europa, tentam acomodar a situação da fronteira entre as colônias ibéricas da América do Sul. O acontecimento central da narração é a controvertida troca das sete reduções jesuíticas do Rio Grande do Sul, fundadas em território da colônia espanhola, pela

[40] **Tratado de Madri**: firmado na capital espanhola entre D João V, de Portugal, e D Fernando VI, da Espanha, em 13 de janeiro de 1750. Seu objetivo era definir os limites entre as respectivas colônias sul-americanas. (Nota da ***IHU On-Line***)

Colônia do Sacramento, criada por portugueses em frente de Buenos Aires, originalmente também território espanhol. Por ocasião do tratado de transferência, essas reduções já tinham todas mais de sessenta anos de existência e tinham se transformado em pequenas cidades, ricas e de boa qualidade de vida. O tratado pede que seus moradores deixem suas cidades, levando só os bens móveis e semoventes, para recomeçar no outro lado do rio Uruguai, nesse momento densamente povoado por reduções ainda mais antigas. Esta seria a terceira fundação: primeiro no Rio Grande do Sul, depois na Argentina, novamente no Rio Grande do Sul e mais uma vez na Argentina.

Para contar esta história o diretor do filme constrói seus personagens centrais:

- O capitão Mendoza, um mercenário, caçador de escravos índios, de boa família colonial, que, por competição por uma mulher, mata seu irmão em duelo e, arrependido, depois de longa penitência auto-imposta, torna-se jesuíta na missão entre os índios. O personagem simboliza aqueles jesuítas, de famílias espanholas importantes na Colônia, que entraram na Companhia de Jesus e trabalharam nas missões entre os índios. Lembro três nomes muito conhecidos: Roque González de Santa Cruz, nascido em Assunção do Paraguai, filho de escrivão imperial; Antonio Ruiz de Montoya, nascido em Lima, Peru, filho de abastado comerciante; Cristóvão de Mendoza, nascido em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia atual. Há muitos outros. Dois deles contam entre os vinte jesuítas que foram mortos nas missões de índios da Bacia Platina. Nenhum deles entrou na Companhia por decepção amorosa, ou por crime cometido, mas para prestar serviço ao próximo, dentro da idéia do tempo de empregar a própria vida naquelas empresas em que se conseguiria o melhor serviço e com isso a maior glória. Com o personagem Capitão Mendoza também se contextualiza a vida nas cidades coloniais, a caça de índios para o serviço pessoal dos colonos espanhóis e o espaço reservado para as missões em campos ainda não dominados pelos colonos espanhóis, "acima das cataratas". Nas longas cenas da subida das cataratas, aparece muito claro o rigor com que, naquele tempo, se expiavam delitos e pecados.

- O superior da missão de São Carlos representa bem o regime da Companhia de Jesus, destacando o comando pessoal e irrestrito do superior, que aparece na obediência que este exige de Mendoza obrigado a desculpar-se pela afirmação certa, mas considerada ofensiva; na impossibilidade de abençoar o seu companheiro e com isso de assumir que ele vá lutar ao lado dos índios, o que era expressamente proibido pelo prelado, emissário do Superior Geral de Roma; e aparece na cena em que o superior da missão, buscando salvar as mulheres e crianças, vai ao encontro dos inimigos, também cristãos, numa procissão do Santíssimo. Estes hesitam um momento, mas depois vão ao ataque desapiedado em que massacram a população desprotegida, sobrevivendo poucos meninos e meninas.

- O prelado, na realidade um jesuíta andaluz, ambicioso e bastante ligado à corte do Império Espanhol, à qual procurava agradar, que vem como representante plenipotenciário de um superior geral fraco, Altamirano, que busca salvar a Companhia de Jesus ameaçada de extinção pelas cortes de vários países europeus. A ordem dos jesuítas é expulsa, sucessivamente, de vários países europeus e de suas colônias

e, finalmente, é supressa pelo Papa, também pressionado pelas cortes.

- A autoridade espanhola, que representa a política das cidades coloniais, dependentes do serviço do índio para sua sobrevivência e que se sente roubada pelos jesuítas que, nas missões, conseguem um estatuto especial de liberdade para os índios ali reunidos, que estão proibidos pela lei de servir aos colonos.

- Os outros personagens são secundários, na trama do filme, como, por exemplo, o do único cacique da redução de São Carlos. Ele representa mal o papel dos chefes nas missões e no episódio do tratado de Madri. Vários caciques aparecem, mas de passagem, no grande conselho presidido pelo Prelado, simbolizando a forte reação deles à transmigração, nas cartas às autoridades coloniais, na permanente hostilidade ao emissário de Roma e no comando das ações contra a Comissão Mista Demarcadora.

- Mais forte é a figura do menino anônimo, que aparece perto de Mendoza e representa a sabedoria da população indígena. Nas missões, os meninos sempre tiveram papel importante como ajudantes dos padres.

O diretor também constrói ou escolhe cenários: o rio Iguaçu, com suas cataratas e suas densas matas, onde coloca as cenas principais, o começo da missão e sua destruição; a pequena cidade colonial, terra de origem do Capitão Mendoza, onde se mostra a vida e o acidente que afeta toda a vida de Mendoza; o lugar do conselho, onde aparecem os personagens principais e discutem-se os termos e condições da transmigração; a chamada capital das Reduções, visitada pelo prelado e onde se mostra a vida das missões em meados do século XVIII.

Os elementos históricos

O drama construído pelo diretor incorpora, sem os enunciar, muitos elementos históricos, dos quais recordo alguns:

- Em Mendoza ele lembra aquele irmão jesuíta, que tinha sido miliciano na Europa, depois treinou os índios da redução de Jesus Maria e que finalmente morreu com um tiro de arcabuz no ataque dos bandeirantes àquela Missão.

- Na montagem dos canhões de madeira ele lembra os canhões de bambu com que os índios rechaçaram os bandeirantes na batalha fluvial de Mbororé, no rio Uruguai, quando, depois da destruição das reduções do Rio Grande do Sul, eles procuram destruir também as reduções no território argentino. A batalha fluvial na missão de São Carlos, comandada por um jesuíta, reproduz, de certa maneira, a batalha de Mbororé, inclusive nas suas estratégias: os índios ficam escondidos em suas canoas e caem repentinamente sobre a grande esquadra bandeirante. O resultado é diferente: em Mbororé eles vencem, aqui são vencidos.

- Os dois jesuítas que se puseram do lado dos índios (Mendoza e o jesuíta anônimo) lembram aqueles dois padres jesuítas (P. Henis de São Miguel e P. Claret de São João), que acompanharam as tropas que enfrentaram os demarcadores luso-castelhanos em Caiboaté. No filme os dois jesuítas organizaram a defesa quando, na realidade, foram chefes indígenas das reduções que encabeçavam os índios: primeiro Sepé Tiaraju, da redução de São Miguel, depois Nicolau Neenguirú, da redução de Conceição. Na documentação do tempo às vezes há

insinuação de que ao menos um desses sacerdotes teria ajudado os índios na sua revolta, quando isto era terminantemente proibido pelo representante do Superior Geral.

Os índios durante, mas principalmente depois da batalha, quando já desarmados, foram trucidados pelas tropas demarcadoras. Este fato pode ter servido de fundo para mostrar o esmagamento das mulheres e crianças que seguem o superior da missão na procissão do Santíssimo.

- O drama de consciência e constrangimento dos jesuítas está bem representado e eles fazem bonito papel no filme porque morreram na luta. Na realidade, por causa de seu voto de obediência, ficaram muito desmoralizados perante os índios e muito mal colocados perante as autoridades pelo fato de que, apesar de infinitos esforços e várias tentativas, não conseguiram transferir os índios para a banda ocidental do rio Uruguai. Os índios simplesmente não aceitaram abandonar suas cidades, igrejas, fazendas, ervais para entregar tudo isso aos portugueses e recomeçar do outro lado do rio Uruguai, que já se encontrava densamente povoado. Posso dizer: "Felizes os jesuítas do filme, que morreram lutando. Infelizes os jesuítas reais, primeiro desmoralizados, depois expulsos de suas obras, encarcerados, mortos de fome e frio em fortalezas européias, onde, muitas vezes, nem mesmo receberam um sepultamento decente."

- Quando as negociações se mostraram infrutíferas, e as exigências se tornaram cada vez maiores, os moradores das reduções tomaram algumas medidas para defender suas coisas, buscando deter as tropas demarcadoras antes que elas chegassem às cidades reducionais. Mas, como estavam mal armadas e mais mal comandadas, foram esmagadas na batalha de Caiboaté. Dos 1.680 índios que saíram das diversas reduções e lutaram, 1.511 foram mortos, 154 foram feitos prisioneiros. Depois desta batalha, os demarcadores não encontraram mais oposição importante, tomaram as reduções, onde ficaram instalados durante anos, até que um novo tratado anulou o anterior. Mas o estrago já estava feito e as reduções entraram em decadência definitiva.

- A transferência para a Argentina se fez, então, sob a força militar. Durante a ocupação, entre 1757 e 1758, dos aproximadamente 30.000 habitantes que havia nas sete reduções do Rio Grande do Sul, 14.284 foram levados para o outro lado do rio Uruguai; 2.000 morreram na guerra; 14.000 ficaram extraviados ou levados para o território português por Gomes Freire de Andrade, governador do Brasil, em várias levas, que se fixaram em Cachoeira, Rio Pardo, Estreito. Finalmente, em 1762, Gomes Freire levou 700 famílias (3.500 índios) de Santo Ângelo para a Aldeia dos Anjos (Gravataí).

O tratado de Madri foi anulado depois de dez anos de vigência, os índios transferidos para o lado argentino do rio Uruguai e os que tinham fugido para os matos, foram voltando para as reduções semidestruídas.

Em 1768, os jesuítas foram retirados das missões, que em poucos anos se arruinaram, dispersando-se os índios definitivamente.

- A cena dos meninos e meninas que embarcaram na canoa e se perderam no mato não é real, mas altamente simbólica: condensa a história dos índios missioneiros posteriormente ao tratado de Madri: eles se dispersaram pelas

fazendas e cidades; as reduções ficaram abandonadas, e destruídas em sucessivas guerras na Bacia Platina; a riqueza das igrejas em estátuas e vestimentas foi destruída, em parte levada por um caudilho uruguaio.

Donde vêm, então, os índios Guaranis das reservas do Paraguai e da Argentina e os que perambulam pelo Sul do Brasil? Os antropólogos e historiadores especulam, mas não sabem.

As discordâncias históricas

O diretor de *A Missão*, num filme de 124 minutos, buscou representar um episódio importante dos cento e cinqüenta anos da história das missões entre os guaranis da Bacia do rio da Prata. Um historiador minucioso pode discordar de algumas coisas que o diretor do filme usou para apresentar e demonstrar o seu tema.

- A redução de São Carlos é fictícia. Havia uma redução de São Carlos no interior da Argentina, longe do rio Uruguai e do Paraná. Perto das Cataratas, em território hoje paranaense, estava a redução de Santa Maria do Iguaçu, que foi transferida de lá após a destruição pelos bandeirantes das reduções do Guairá. As cataratas e as matas que as cercavam, proporcionaram um cenário selvagem e fantástico para a implantação do drama do filme: a chegada dos missionários, a conversão dos índios, a penitência de Don Mendoza, o ataque à redução, as cenas de combate na água, a canoa com os meninos e meninas se perdendo rio abaixo.

- A igreja que o Prelado visitou como sendo de São Miguel, a capital das reduções, é a igreja de San Ignácio Mini, na Argentina, bem longe dali e não implicada na transferência. O aparecimento de casas cobertas com palha também não corresponde ao momento do tratado de Madrid (1750), quando as reduções estão consolidadas, como mostram as ruínas tanto do Rio Grande do Sul, como da Argentina e do Paraguai.

- A visita do Prelado a uma primeira redução mostra os índios, transportando bananas. A banana praticamente não é mencionada nas reduções do Paraguai. A exportação era de erva-mate, de tecidos de algodão, de couros e de sebo.

- A pacificação dos índios está representada pelo toque da flauta. O trabalho não foi tão simples. Os reunidos nas primeiras reduções eram índios encomendados, que já trabalhavam temporariamente para os espanhóis. Grandes caciques, com ascendência sobre várias tribos eram os principais auxiliares e protetores do missionário que entra no mato e a aceitação do missionário pelas tribos não era tão fácil e muitas vezes terminou com a morte.

Conclusão

O diretor do filme construiu um enredo que tem como fundo as peripécias das reduções, especialmente o tratado de Madrid, de 1750. Não se trata de uma história das reduções, nem mesmo do evento da transferência dos índios para a margem direita do Uruguai, contado como os historiadores gostariam; nem se trata de uma análise ideológica da ação dos jesuítas, como sociólogos ou filósofos poderiam desejar; mas da dramatização de um evento importante para todas as trinta reduções dos Guaranis, mais um passo na definitiva decadência desta fantástica experiência. É uma narrativa construída sobre este importante evento da história das reduções, habilmente entretecida de outros elementos simbólicos e paisagísticos, mas sem insistência em excessivos detalhes. Afinal de contas, trata-se de um filme para

grande público, não uma história escrita com todos os cânones. Eu conheço os detalhes da história, mas gostei mais de como o diretor conta o drama da transmigração.

A música nos sete povos das missões

Entrevista com Décio Andriotti

Durante o *Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas*, que acontecerá na Unisinos de 25 a 28 de setembro, o professor Décio Andriotti será o responsável pelo minicurso *O valor da educação musical nos Sete Povos das Missões*. Ele ainda ministrará, na tarde missioneira de 27 de setembro, a palestra intitulada *Óperas e principais composições das missões jesuíticas*.

E foi justamente sobre a música na época das missões que a ***IHU On-Line*** realizou uma entrevista por telefone com o professor, no intuito de adiantar os temas que ele vai abordar no evento da próxima semana.

Décio Andriotti é formado em Humanidades (Letras) pela antiga Formação de Humanidades dos jesuítas, bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, hoje Unisinos, e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Fez pós-graduação em História da Arte pela antiga Faculdade Palestrina, em Porto Alegre. Confira também uma entrevista que ele concedeu à ***IHU On-Line*** número 174, de 3 abril de 2006, sobre Mozart.

IHU On-Line **- Como se caracterizavam as óperas na época das missões jesuíticas? Quais eram os principais temas?**

Décio Andriotti - Os temas das óperas das missões jesuíticas seguiam o objetivo da catequização: eram temas religiosos (bíblicos ou não) ou históricos (relacionados à religião). No período dos Sete Povos, acompanhava-se o estilo em uso na Europa, que era o barroco. Alguns escritos da época, referentes ao assunto, usavam a expressão "em estilo de ópera italiana".

IHU On-Line **- De onde eram os compositores? Qual o relacionamento que eles tinham com o tema escolhido para suas óperas?**

Décio Andriotti - Todas as óperas, com exceção de uma, perderam-se ou pela destruição efetuada pela guerra guaranítica ou posteriormente. A única que sobrou foi encontrada na Bolívia e tem duração de pouco mais de meia hora. O CD será apresentado na Unisinos durante a palestra do dia 27 de setembro. Bernardo Illari fez a análise dessa ópera, denominada de *San Ignacio*. Alguns compositores participaram dela, inclusive

indígenas, além de Domenico Zipoli e Martin Schmid. Em São Borja, em 1760, durante a intervenção do exército espanhol, comandado por Dom Pedro Cevallos, organizaram-se festejos para a coroação de Carlos III. Além de outras modalidades, apresentaram, na ocasião quatro, óperas, de 4 a 20 de novembro. Todas seguiam o objetivo catequético e de homenagens.

O perfil dos compositores e intérpretes

As óperas eram cantadas e representadas dentro das igrejas. Não havia teatro. Devido à aculturação, nenhum indício restava da música anterior. Os maiores responsáveis dessa aculturação foram os próprios índios e não as imposições dos padres. Encantados com a cultura européia, descartaram a sua própria. Aliás, isso é fenômeno constante em todas as civilizações e em todas as épocas. Aqui no Rio Grande do Sul, por exemplo, temos tradições musicais gaúchas. O que mais observamos em Porto Alegre? Músicas gauchescas ou o rock? Se a aculturação ocorre hoje, mesmo com os movimentos de defesa das tradições citadas, imaginem na época! É interessante enfatizar aqui que os índios tinham mais inclinação natural para registros altos de voz. Raros eram os de registro baixo. Eles aprendiam com extraordinária facilidade e rapidez.

***IHU On-Line* - Quais eram os instrumentos musicais utilizados na época? Eram diferentes dos de hoje? Era acrescido aos instrumentos tradicionais de orquestra algum que lembrasse a sonoridade da música dos índios?**

Décio Andriotti - Os antigos instrumentos indígenas foram praticamente descartados. Eram construídos instrumentos europeus (cordas e sopros), sob a orientação dos padres e irmãos jesuítas. Tão bons que até eram exportados para Europa.

***IHU On-Line* - Como se deu a introdução da música européia no Brasil por intermédio das missões jesuíticas? Como foi a relação com a música dos índios?**

Décio Andriotti - O período missioneiro divide-se em duas etapas. A primeira, abrangendo as décadas iniciais do século XVII, sofreu a pilhagem e a perseguição dos paulistas; porque Portugal pertencia à Espanha e, como tal, a toda a América do Sul. Após a separação de Portugal, e os paulistas sendo derrotados pelos índios missioneiros, a catequização entrou em nova e próspera fase: a dos Trinta Povos das Missões. Sete deles eram localizados no atual território do Rio Grande do Sul. A nova situação deu um extraordinário impulso para a educação musical missioneira, que durou mais de cem anos.

***IHU On-Line* - Essas óperas eram compostas para serem apresentadas para que público?**

Décio Andriotti - As óperas eram pensadas tanto para os missioneiros quanto para os espanhóis que se relacionavam com eles.

***IHU On-Line* - De que maneira era abordada a imagem do Brasil e para quem se queria vender essa imagem?**

Décio Andriotti - Não existia Brasil, somente Espanha ou Portugal. Devido ao Tratado de Madri (1750), a maior parte do Rio Grande do Sul, que era da Espanha, passou ao domínio português enquanto a maior parte do atual Uruguai passou para o domínio espanhol. Dessa forma, torna-se difícil criar uma imagem precisa e duradoura.

***IHU On-Line* - Qual o conteúdo fundamental dessas óperas?**

Décio Andriotti - Imagens bíblicas, preceitos religiosos ou personagens históricas e católicas. Além disso, eram constantes as referências sobre tentação, demônio, pecado e ética. Raros eram os conteúdos políticos.

***IHU On-Line* - Como foi o processo de educação musical nos sete povos das missões? Qual o valor que isso representava para os jesuítas e para os índios?**

Décio Andriotti - Nos Sete Povos das Missões, houve um jesuíta muito especial: o austríaco Padre Sepp, fundador da missão de São João Batista. Reformulou e modernizou, para a época, a música nas missões, em geral, e nos Sete Povos, em particular. Trouxe a nova escrita musical e os novos estilos, principalmente o barroco mais moderno, que era o austríaco. Ensinou partituras de novos compositores europeus (como Schmelzer e Biber) ainda não conhecidos pela Península Ibérica. O processo de educação era incrível! Grande parte do horário era reservada para a música. Cada povo missioneiro tinha orquestra e coros, que faziam intercâmbio entre os povos, principalmente nas datas festivas.

***IHU On-Line* - Por que os jesuítas apostavam em dedicar tanto tempo da educação com a música?**

Décio Andriotti - A música é a primeira na ordem ontológica das artes. Alguém pode viver sem a pintura, a escultura, a arquitetura, a literatura... Jamais sem a música. Isso ocorre historicamente em todos os povos. Através da música, facilita-se o contexto educacional, e o indivíduo se realiza na percepção de si mesmo.

Alta formação musical

A missão de Yapeju, localizada perto do rio Uruguai, parte que hoje pertence à Argentina, tornou-se um conservatório central das missões. Famílias abastadas de Buenos Aires mandavam filhos a Yapeju para se aperfeiçoarem musicalmente em pleno ambiente indígena. Os povos missioneiros tornaram-se o maior centro musical da América do Sul. Nenhuma cidade competiu com eles nessa época: nem Rio de Janeiro, nem São Paulo, nem Buenos Aires, nem Lima.

***IHU On-Line* - O que resta disso tudo nos dias de hoje?**

Décio Andriotti - Com a destruição criminosa efetuada por Espanha e Portugal, muitos dos nossos índios se dispersaram. Estancieiros do Rio Grande do Sul contratavam-nos como peões e capatazes; tal a formação, o conhecimento e o trato que eles tinham com o gado. Tocavam ou cantavam, nos sítios em que trabalhavam, parte das músicas aprendidas nas missões, ainda com resquícios do estilo barroco. Em função das constantes transformações culturais, é impossível detectar concretamente, hoje, as procedências dessas sonoridades.

A contribuição de Anchieta e Nóbrega para a história do Brasil

Entrevista com Nicolás Extremera Tapia

O tema *Anchieta e Nóbrega: jesuítas fazendo a história do Brasil* será conduzido pelo Prof. Dr. Nicolás Extremera Tapia, da Universidade de Granada, Espanha, durante o *Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas*, que ocorrerá na Unisino, de 25 a 28 de setembro.

Nicolás Tapia ensina no Departamento de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Granada. É licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de Granada e doutor em Filologia Românica pela mesma instituição, com a tese *História e Estéticas do Modernismo Português: a revista **Orpheu***.

Tapia é autor de diversos livros, entre os quais citamos ***Fernando Pessoa e as Estéticas de Orpheu***. Granada: Editora da Universidade de Granada, 1979 e ***Padre Antônio Vieira: O Mito do Quinto Império e a Utopia Social no Brasil***. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

Confira, a seguir, a entrevista que ele concedeu, por e-mail, para a revista ***IHU On-Line,*** falando sobre o tema que desenvolverá no evento da próxima semana.

IHU On-Line **- Como o senhor relaciona o ser jesuíta e seu trânsito pela literatura, especialmente pela literatura brasileira?**

Nicolás Tapia - A cultura foi uma das peculiaridades da ordem desde suas origens. De fato, os primeiros membros tinham um título adquirido na Universidade de Paris e estavam excepcionalmente bem formados para aqueles tempos. Além disso, Santo Inácio insistia em que os jesuítas deviam cultivar também "os meios humanos", especialmente a doutrina e a eloqüência, para alcançar os próprios fins. O momento de inflexão no empenho cultural jesuítico chegou em 1548 com a abertura, em Messina, da primeira escola da Companhia. Os jesuítas compartilhavam o ideal humanista de que toda a boa literatura tinha um objetivo didático de estímulo e de moralidade dirigido à vida ativa, ou seja, para a construção do próprio caminho, para tornar-se, assim, um *leader* na vida.

A formação do caráter

O objetivo da educação jesuítica não consistia tanto na busca de uma verdade abstrata ou especulativa − objetivo da universidade − quanto na formação do caráter dos estudantes. Além disso, os fundadores conheceram em Paris um método que permitia aos estudantes realizarem rápidos progressos: era o comumente chamado "método parisiense" ou *modus parisiensis*. Um aspecto particularmente importante do estilo parisiense era o principio de que o melhor modo de adquirir aptidão para

escrever ou falar não consistia, simplesmente, em ler bons autores, mas sim, em ser um estudante ativo, motivado para compor discursos e pronunciá-los em classe ou em qualquer outro lugar. O mais relevante era a aplicação desse princípio ao teatro. Não bastava ler os grandes dramaturgos da Antigüidade. As obras teatrais tinham que ser representadas por atores-estudantes. Em muitas cidades pequenas, os colégios jesuíticos com seus teatros e seus programas públicos chegaram a ser as maiores instituições culturais locais. Assim, os jesuítas estabeleceram um compromisso com a cultura em geral, de tal ordem, que muitos dos grandes autores do século: Corneille[41], Molière[42], Lope de Vega[43], Calderón[44] etc. se formaram em seus colégios.

O caso brasileiro

No Brasil, a aplicação destes princípios didáticos teve características especiais. O precário estado cultural de seus habitantes determinou que a literatura, especialmente a lírica, surgisse vinculada à música. Os primeiros textos literários produzidos no Brasil foram compostos sobre músicas populares procedentes do cancioneiro e romanceiro peninsulares, cujas letras eram mudadas "para o divino". Essa prática, que tinha suas origens imediatas em São João de Ávila[45], foi freqüentemente utilizada por Anchieta e pelos primeiros missionários. Também o teatro jesuítico teve, no Brasil, suas peculiaridades. Enquanto na Europa surgiu com adaptações de Terêncio[46] e dos clássicos gregos e romanos para derivar a seguir para formas mais espetaculares como as óperas e as montagens cortesãs de Claude François Menéstrier; no Brasil, adotou, no início, formas primitivamente espetaculares, construídas como enfrentamentos entre anjos e demônios para progressivamente ir-se dotando de conteúdos cultos.

***IHU On-Line* - Que aspectos o senhor destacaria como marcantes do jesuíta José de Anchieta?**

Nicolás Tapia - Os mesmos que foram destacados pelo padre Peter-Hans Kolvenbach, Geral da Companhia de Jesus, em uma carta que escreveu para toda a Ordem, por ocasião do 4º Centenário da morte do padre Anchieta (1997), quando disse a seu propósito: "Missionário e místico, poeta com notável sentido prático, apaixonado pelo Senhor e pelos pobres, próximo aos homens e à natureza, culto e singelo, ENFERMO, com enorme capacidade de resistência, FECUNDO, apesar da carência absoluta de recursos, o brilho de sua figura simpática não ofusca, mas atrai".

***IHU On-Line* - Como caracterizaria os escritos do padre José de Anchieta?**

Nicolás Tapia - Por seu sincero pragmatismo posto ao serviço do apostolado e pela enorme diversidade de

[41] **Pierre Corneille** (1606 – 1684): dramaturgo de tragédias francês. foi um dos três maiores produtores de dramas na França, durante o século XVII, ao lado de Molière e Racine. Ele era chamado o "fundador da tragédia francesa", e escreveu peças por mais de 40 anos. (Nota da ***IHU On-Line***)

[42] **Jean-Baptiste Poquelin ou Molière** (1622-1673): escritor de peças de teatro francês, além de ator e encenador. É considerado um dos mestres da comédia satírica. Teve um papel de absoluta importância na dramaturgia francesa, até então muito dependente da temática da mitologia grega. (Nota da ***IHU On-Line***)

[43] **Lope de Vega** (1562- 1635): dramaturgo, autor de peças teatrais e poeta espanhol. (Nota da ***IHU On-Line***)

[44] **Pedro Calderón de la Barca** (1600- 1681): dramaturgo e poeta espanhol. Autor de uma obra vasta que marca decisivamente a história do teatro em língua castelhana. (Nota da ***IHU On-Line***)

[45] **São João de Ávila**: Conselheiro de Bispos e nobres, pregador, diretor de almas, coluna da Igreja e um dos paladinos da Contra-Reforma católica no século XVI. (Nota da ***IHU On-Line***)

[46] **Terêncio** (170 a.C. – 159 a.C.) - dramaturgo e poeta romano, autor de várias comédias como *Andria* e *Phormio*. (Nota da ***IHU On-Line***)

seus interesses. Da conjunção destes dois elementos procede uma resultante didática pedagógica, que é o fator que melhor o caracteriza. Para realizar seu trabalho apostólico, Anchieta se serve de um excelente domínio da língua da tradição cristã: o latim, e das línguas de uso vulgar: o espanhol, o português e o tupi. Nessas línguas, atende à formação do índio, do colono, do seminarista e nos transmite um imenso saber que interessa à lingüística, à oratória, à história, à literatura, à antropologia, à pedagogia, à sociologia, à etnografia, à medicina, à botânica, à zoologia. Tudo quanto, direta ou indiretamente, possa ser útil para o apostolado merece a atenção de Anchieta que, com o mesmo interesse, escreve aos irmãos enfermos de Coimbra e ao rei Felipe II. Em quase tudo, foi um pioneiro que escreveu sua obra com a mais absoluta carência de recursos, no meio do mato, sem bibliotecas, vivendo entre índios, sempre em trânsito de um lugar para outro.

Anchieta nasceu poeta e fez-se apóstolo

No campo da literatura, que é principalmente o objeto do meu interesse, Anchieta é, sobretudo, um pioneiro e não apenas por ser o primeiro a escrever poesia e teatro no Brasil, para o Brasil e sobre o Brasil, em todas as línguas que dominava. Anchieta é também o primeiro épico das Américas, o primeiro mariólogo da Companhia e das Américas, o primeiro historiador da Companhia no Brasil. O primeiro livro que foi impresso sobre o tema brasileiro é obra de Anchieta, e as primeiras canções que ressoaram nestas terras também são obra sua. Tudo dirigido ao apostolado, tudo traspassado de poesia, porque Anchieta nasceu poeta e fez-se apóstolo.

***IHU On-Line* - Que aspectos o senhor destacaria da vida e do pensamento de Manuel da Nóbrega?**

Nicolás Tapia - Nóbrega é, antes de tudo, um organizador. Sua formação de jurista em Coimbra e Salamanca e sua experiência e bom senso foram determinantes para que o padre Rodrigues, primeiro provincial da Companhia, o enviasse ao Brasil. Todos estavam cientes de que as características da Colônia eram completamente diferentes do habitual no mundo conhecido e era necessário um homem de firme convicção e de grande flexibilidade para encarregar-se da nova situação. A preocupação fundamental de Nóbrega, antes mesmo de pensar na evangelização, era a liberdade do índio. Neste país, antes de converter seus nativos em cristãos, era preciso convertê-los em homens. Convém recordar que Nóbrega chegou ao Brasil com o primeiro governador, quando não havia qualquer tipo de organização administrativa, nem de qualquer outro gênero, e o que encontrou era praticamente um punhado de marginais portugueses e alguns índios seminômades, que eram facilmente presa dos brancos, os quais viam neles uma mão-de-obra mais ou menos dócil.

A liberdade do índio para sua evangelização

O interesse de Nóbrega era, sem sombra de dúvidas, a liberdade do índio, condição indispensável para sua evangelização. No entanto, para chegar a isso teve que colaborar ativamente na criação de modos de organização social e econômica que lhe permitissem atingir seus fins. Sua habilidade política pronta para colaborar com os diferentes governadores, com a igreja secular e com os colonos, fazem dele o primeiro estadista do Brasil, pois seus interesses iam mais além do imediato e tendiam a definir modelos estáveis de convivência.

Quando havia uma infra-estrutura colonial prévia, Nóbrega se decidiu pela mudança, como modo de assegurar a sobrevivência do branco e a liberdade do índio, mediando esse tipo de relação comercial; porém logo descobriu que era possível fundar assentamentos estáveis de índios, próximos aos dos portugueses e com autonomia própria. Essa experiência de organização social está na base do que a seguir foram as reduções jesuíticas que se estenderam também pela América espanhola.

***IHU On-Line* - Qual foi o impacto dos dois jesuítas no Brasil, tanto na Companhia de Jesus como na história do País?**

Nicolás Tapia - Ainda que, desde a chegada de Anchieta, em 1553, até a morte de Nóbrega, em 1570, ambos tivessem colaborado ativamente, cada um deles imprimiu seu próprio cunho. Nóbrega foi o primeiro provincial do Brasil e da América e o criador de uns modelos de organização que estavam limitados pelas peculiaridades da *gens* brasileira, porém essa falta de cultura dos nativos também lhe permitiu realizar experiências impossíveis em outros lugares; essas experiências seriam utilizadas depois, quando aos jesuítas foi concedido o acesso à América espanhola.

Aprendizagem e experiência mística

Anchieta foi o quinto provincial, em um momento em que a Ordem estava já bastante assentada e o País vivia uma fase de organização mais avançada; então o prioritário era a evangelização e Anchieta, partindo das diversas experiências dos membros da Ordem, definiu alguns modelos que iniciavam pela aprendizagem das línguas e culminavam na experiência mística. A literatura, e sobretudo o teatro, teve um importante papel nesse empenho, pois a gradação das obras para os diversos espaços: selva, aldeia, vila, colégio, direta e inversamente apontava para uma transitividade do índio para o sacerdócio e do sacerdote para o índio. Esses modelos, de um pragmatismo e de uma beleza exemplares, continuam hoje, na minha opinião, plenamente vigentes.

***IHU On-Line* - Como o contato com os índios mudou a vida dos dois missionários e como souberam dialogar com os povos indígenas?**

Nicolás Tapia - Não somente mudou a vida de ambos, mas também colocou à prova suas mais firmes convicções. Não havia lembrança, nem sequer na bíblia, de que a humanidade houvesse conhecido povos cujo estado de civilização fosse tão baixo e dever-se-ia remontar aos contatos dos egípcios com os pigmeus, em tempos de Seti II, para encontrar algo semelhante. Por mais avisados que estivessem, convém recordar que Nóbrega era um sacerdote formado na escola do padre Vitória e, na América espanhola, nem Las Casas[47], nem mesmo Montesinos, se haviam defrontado com costumes tão depravados como a antropofagia. Por sua parte, Anchieta, com somente dezenove anos, era talvez, o mais jovem missionário da história, enfermo e formado nas sutilezas intelectuais dos clássicos. A sensação de horror e impotência deve ter sido enorme, tão enorme como sua fé no gênero humano e sua capacidade para exercer o apostolado em condições tão adversas. Não deve ter sido fácil para eles manterem o princípio da liberdade do índio ante os interesses dos colonos portugueses que encontravam com facilidade argumentos para defender o direito à escravidão.

[47] **Frei Bartolomeu de Lãs Casas** (1472 – 1566): foi um frade dominicano, cronista, teólogo, bispo de Chiapas (México) e grande defensor dos índios, considerado o primeiro sacerdote ordenado na América. (Nota da ***IHU On-Line***)

Os métodos da aculturação indígena

Os jesuítas, assim, tiveram que lutar simultaneamente em duas frentes: contra os colonos, para assegurar a liberdade do índio, e contra os costumes dos indígenas mais contrários à evangelização, especialmente a belicosidade e a antropofagia. Uma vez estabelecidos os assentamentos, começou um processo de sedução, primeiro pela música e a dança e, a seguir, pela palavra. Nessa linha, a obra dramática de Anchieta constitui todo um processo revelador do método de aculturação do índio. Seus autos, graduados perfeitamente de acordo com o nível do público ao qual estão dirigidos, combatem primeiro os costumes perniciosos, identificando-os como próprios de tribos hostis, e apresentam personagens como diabos indígenas, com nomes de caudilhos inimigos, que se enfrentam com santos mártires, protetores da aldeia, para ir, a seguir, introduzindo conceitos como "alma", "confissão" etc., até estabelecer um vínculo entre o paganismo clássico e o moderno do índio brasileiro, vencidos ambos pelos paladinos do cristianismo.

Antônio Vieira: um jesuíta milenarista

Entrevista com Marcus Motta

Durante o *Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas*, que acontecerá na Unisinos, de 25 a 28 de setembro, o professor Marcus Alexandre Motta, da UERJ, será o responsável pela palestra *Antonio Vieira: um jesuíta milenarista*. Marcus Motta é professor no Departamento de Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa e Filologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e da Universidad Politecnica de Valencia. Graduado em História pela Universidade Santa Úrsula, do Rio de Janeiro, é mestre em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a dissertação *O imaginário da conversão: retórica, missão e fé nas cartas de José de Anchieta*, e doutor em História pela UFRJ, com a tese *Essa nova e nunca ouvida história: escrita e história na História do Futuro de Antônio Vieira*. É também pós-doutor pela Universidade de Lusíada, Portugal. Motta é autor de ***Anchieta - Dívida de Papel***. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000; ***Antônio Vieira - Infalível Naufrágio***. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001 e ***Desempenho da Leitura - sete ensaios de Literatura Portuguesa***. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2004.

A seguir, a entrevista que Motta concedeu, por e-mail, para a ***IHU On-Line***, falando sobre Antonio Vieira. Confira:

***IHU On-Line* - O que faz de Antonio Vieira um jesuíta milenarista?**

Marcus Motta - Posso entender sua pergunta de um modo menos contábil e mais contemporâneo, tomando as idéias de Vieira como algo sem eixos temporais de circunscrição. Se pensarmos que a escatologia é um além da história, chamando os homens para a jurisdição da história e do futuro, suscita que o cálculo é a plena responsabilidade de fé que a chama. Tal chamamento implica uma tomada de posição capaz de produzir um valor de fé que afirma a existência de uma identidade religiosa antes da eternidade, antes da conclusão da história.

Vieira vive um mundo de guerras que acaba com tudo sem deixar nada acabar de fato. Ser milenarista é, num tempo de guerra e impérios, manter a aptidão para a palavra fim − já que guerra e impérios são mundos em que não se fala, mas que apenas dita sua continuidade. É na fala escatológica − como alguém que se levanta e diz: "Existo e me responsabilizo pelo mundo" − que se consegue uma significação sem contexto, na qual a visão milenarista se consuma numa ética; que, de fato, é uma ótica; visão sem imagens, pois o brilho da transcendência impõe a "subjetividade" que fala o instante em que os olhos se retiram do céu e se colocam expressivos na pronúncia da fé no mundo, segundo o cálculo do fim. Espero que tenha me feito compreender.

***IHU On-Line* - No seu livro, Infalível naufrágio, o senhor apresenta a vida do padre Vieira por meio de diálogos teatrais entre os personagens: a Ironia, o Luto e o Mar. Quem esses personagens representam?**

Marcus Motta - De fato, a Ironia, o Luto e o Mar são personagens, na medida em que pronunciam uma história a ser contada − aquela de Antônio Vieira. Ao mesmo tempo, não são personagens em razão de demarcarem expressões de idéias que comungam o valor de uma mente jesuítica. Quero dizer que: a Ironia, na sua forma sublimada, equivale à relação distanciada entre a noção de destino e Providência, sendo, portanto, um tipo de sorriso na certeza antecipada do fim − entra no livro para dar tom ao não de Vieira ao mundo; o Mar é a maestria desse equipamento de um novo Céu e um novo Sol da profecia de Isaías, aquilo que permite Vieira a "revisionar" os saberes da fé ante uma nova humanidade, os antípodas, reconhecer as transformações do Mesmo e simular uma metáfora última de Deus; já o Luto é uma antecâmera da metafísica no agora do mundo, é um tipo de desejo de fé pela plenitude das coisas dos mortos. Em Vieira, o luto acontece no favor que o fim promove como momento derradeiro, quando se há de decidir o valor da fé em um mundo cansado de tanto esperar pela felicidade, à qual os homens têm por direito.

Assim, A Ironia, o Luto e o Mar são rostos que não detêm uma figuração delineada de suas presenças, e sim fazem brilhar a exterioridade da subjetiva assimetria da impessoalidade de Antônio Vieira, pois ele é um artista em língua portuguesa.

***IHU On-Line* - Como a história de Portugal se entrelaça com a história de vida de Pe. Vieira?**

Marcus Motta - Esta pergunta é um tipo de antecipação historicista, que promove um contexto para dar sentido à obra de Vieira. Contrário a essa determinação, proponho a seguinte sentença: a obra de Antônio Vieira é fenômeno histórico e não fenômeno circunscrito à época. A sua obra traduz perfeitamente a ambigüidade fundamental da arte discursiva no esforço de apreender, para além das circunstâncias de época, o significado máximo do tempo para um religioso. Ora, salvar-se ou perder-se depende do que se

faz. Quem tem poder está acima da ambigüidade e da incerteza; a revelação é graça, a graça salvação, o poderoso é um salvado. O artista Vieira deve salvar-se com aquilo que faz; ser capaz de intuir a revelação além do fenômeno. A época pode fornecer-lhe o patrimônio; a vida pode dar-lhe sustentação, os homens do poder podem indicar-lhe o que deve fazer, o objetivo que deve alcançar, mas nenhum desses traços pode indicar-lhe a maneira de agir, de alcançar o objetivo.

Tal aspecto teórico demonstra que o escritor Vieira realiza uma experiência que demanda o mais preciso e adequado ao assunto que trata, tornando-se com ele uma expressão que escapa das medidas comunicativas às quais todos estamos acostumados. Mas isso torna ainda mais difícil o resultado historiográfico; ao passo que, a partir da vida una e coesa da historiografia ou marcada por contornos de caráter e contexto, as frases de Vieira são gratificadas com certa apreensão, estabelecendo parâmetros métricos para a cultura positivista que ainda nutre os estudos dedicados ao jesuíta.

***IHU On-Line* - O senhor pode explicar a idéia contida na imagem do "entardecer do Reino", e do "Quinto Império", proposto por Vieira, por meio das faculdades de perdoar e prometer?**

Marcus Motta - O "entardecer do Reino" foi uma expressão que pensei para dar conta do momento em que se conta uma história, pedindo à noite que empreste forma ao amanhã. Rapidamente abandonei essa expressão em favor da seguinte sentença: o livro ***Anteprimeiro da História do Futuro*** se expressa tal e qual um prefácio do que ainda não é, segundo uma ressonância do apelo ao futuro que testemunhará a arcaica familiaridade entre ler, predizer e evocar. Já o Quinto Império no escrito de Vieira obtém autonomia do seu quadro bíblico. Essa autonomia é o elemento messiânico em si mesmo – o reino de Deus como tê-los de seu domínio histórico. De algum modo, o Quinto Império é o movimento espiritual que conduz os homens à imortalidade – o Reino da Justiça e da Felicidade. Perdoar e prometer são claros sentidos da Fé antes de qualquer tematização. Se eu fosse responder, o que de fato são tais faculdades, estaria a torná-los temas, e, com certeza, me negaria como cristão. Há no perdão e na promessa a improcedência de qualquer significação. São estados éticos, pré-significativos, que não se ajustam a uma tematização da moral que carregam e, portanto, são sempre, e já, história do futuro.

***IHU On-Line* - Como essas faculdades contribuem para o pensamento e o viver contemporâneo?**

Marcus Motta - No âmbito de nossos dias, é possível pensar que o livro ***Anteprimeiro da História do Futuro*** (perdão e promessa) nos conduza à restituição de uma secularidade messiânica. Isso significa dizer: o ritmo que se desprende da leitura desta obra é a realidade do eternamente evanescente de nossas preocupações poéticas com a felicidade dos homens, pois sua ressonância messiânica é a nossa natureza a par de sua eternidade evanescente. Pensar essa evanescência é ter um método poético sem apelo a qualquer niilismo. Melhor: uma forma de concepção mística da história, sem poder expor tal concepção por uma imagem – e no lugar dessa impossibilidade expositiva, surge um presságio: há de se abrir mão da inteligência do saber em favor de saber sentir-se responsável pelo luto e pela manhã de todos os homens.

***IHU On-Line* - O que representa o "desmaio do Mundo", de Antonio Vieira?**

Marcus Motta - Outra expressão que foi abandonada. Ela surgiu num texto publicado, tentando dar sentido ao momento em que se induz o mundo a dormir. Estando dormindo, a moral, a justiça e a felicidade se tornam inatacáveis no sonho. Hoje admito que a expressão deslize facilmente na mente do leitor, perdendo força.

***IHU On-Line* - Os escritos de Vieira representavam o drama do Mundo que visivelmente se arruinou em política, religião e linguagem. Qual a contribuição desses escritos na conjuntura atual? É possível estabelecer uma relação entre o mundo em que vivemos e o mundo retratado por Vieira em seus sermões?**

Marcus Motta - Não há contribuição no sentido comum do termo e nem uma relação direta com o mundo de Vieira – que por sinal ele nunca retratou. Não herdamos coisas de Vieira, mas sim uma tarefa. A herança que ele nos deixa é uma tarefa. Tarefa esta que não fica como uma aplicação de suas palavras e idéias. O que vou falar vai soar delírio. O que eu quero dizer é que temos que ser Vieira para ler Vieira, sermos autores, como ele, dos seus textos – como o conto *Pierre Menard autor de D. Quixote*, de Jorge Luís Borges. Sem esse gesto nunca teremos como cumprir a tarefa, pois a tarefa é reivindicar o direito de não supor para a herança um sistema de entendimento, nem um sistema de mundo, propriamente dito, a ele conseqüente, e tampouco a exigência de unidade em nossos julgamentos sobre o que Vieira é; o que intenta a tarefa é a idéia de que no esforço de Antônio Vieira há a criação de um escape para a nossa precária humanidade – chamo a isso de literatura.

***IHU On-Line* - Qual a principal contribuição de Vieira no período da colonização? E sua principal crítica à colonização?**

Marcus Motta - A contribuição seria a manutenção de um projeto próprio à Companhia de Jesus, forjado no século XVI por Nóbrega, Anchieta e outros. Este projeto missionário é quase uma autonomia em relação ao projeto de colonização dos leigos. As missões são uma novidade imensa no cenário da colonização; um tipo de justiça que pretende cumprir a ação humanista criada no renascimento artístico. Claro que houve várias circunstâncias que quase apagaram esse valor; contudo as ações de Vieira no Maranhão e Grão-Pará dão a medida dos riscos e do valor desse projeto. Já sua maior crítica é: Portugal não deixa de ser Portugal, o que significa que não cumpre sua missão de fé.

***IHU On-Line* - Por que acha que sua trajetória contribui para pensar sobre os jesuítas em tempos de globalização?**

Marcus Motta - Bem, eu conheço poucos que tenham a envergadura humana de Vieira. E se tomo o livro ***Anteprimeiro*** como medida, posso dizer que não conheço nenhum autor, pelo menos em língua portuguesa, que tenha provocado qualquer coisa próxima à força do título ***História do Futuro*** e tampouco consigo achar algo mais revelador do que sua atitude de desespero e esperança para com o futuro; sequer alcanço enxergar outra percepção humanística que tenha feito do procedimento do declínio de um tipo de mundo o rascunho da esperança absoluta na escrita autoral, forçando-a a ser a evidência do fim para o sofrimento humano (com todos os limites de seus "preconceitos"). Isso já seria mais que suficiente para pensar o papel dos jesuítas em tempos de globalização. Em Vieira, encontra-se um tipo de respeito à alteridade, que é, assim gosto de pensar, uma marca da Companhia de Jesus. Num

mundo como o nosso, feito de tantas certezas flácidas, o rigor de Vieira em pensar a resolução de todos os problemas humanos é de fato encantador. Claro que o nosso mundo parecerá mais complexo do que aquele no qual Vieira viveu; porém, lendo, o sinto o avesso de nós; ou seja, nossas vidas parecem rápidas porque temos a alma lenta, o mundo de Vieira parecia mais lento porque sua alma era veloz.

***IHU On-Line* - Qual o papel de Antonio Vieira nas relações Metrópole-Colônia?**

Marcus Motta - Papel nenhum. Posso dizer que ele é a cara e a coroa daquela relação; um inventor tremendo do século XVII português. Não há ninguém com sua estatura em Portugal do período. Seu nome é imenso como o mar que divide o jogo de espelho entre Colônia e Metrópole

***IHU On-Line* - Qual a principal riqueza da obra *História do Futuro*? O que é o futuro para Vieira?**

Marcus Motta - A *História do Futuro* é única forma de escrever-se de maneira cristã o tempo da espera. E como tal, o Futuro é uma relembrança por antecipação messiânica.

***IHU On-Line* - Como era o mundo sonhado por Antônio Vieira diante das descobertas que desvelam realidades em mudança?**

Marcus Motta - Ele é assim (sinto-o de maneira delirante e alegre): uma nova e nunca ouvida história. Isso quer dizer: que o mundo sonhado por Vieira é um tentar redizer (ele assim o fez) sem cerimônias o que já foi mal entendido no inevitável que há em cada coisa que vai de um Mundo ao outro - as expectativas não realizadas. Logo, o "mundo" de Vieira recebe de todos os mundos – aqueles de antes ou aqueles de depois, incluindo o nosso – aquilo que nos falta cumprir das expectativas irrealizadas em qualquer um deles. O mundo de Vieira ainda é o meu mais uma vez, pois nada de fato mudou – a desesperança parece ser o único patrimônio a que temos direito.

Malagrida: um humanista radical

Entrevista com Renato Barbieri

O cineasta Renato Barbieri participará do *Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas*, que acontece na Unisinos, de 25 a 28 de setembro, debatendo com o público o filme *Malagrida*, dirigido por ele.

Barbieri é graduado em Psicologia e especialista em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Além de cineasta, ele é diretor e produtor de filmes, documentários e campanhas para TV, e sócio-diretor da produtora Videografia, de Brasília. Em sua filmografia há aproximadamente 40 filmes. Foi premiado diversas vezes, recebendo este ano o prêmio IBERMIDIA, pelo desenvolvimento do projeto *O Homem de Dentro*.

A seguir, leia a entrevista que ele concedeu, por e-mail, para a revista ***IHU On-Line***, falando sobre o documentário que dirigiu e será exibido na próxima semana, na Unisinos. Na entrevista, ele também fala da personagem central que inspirou o vídeo, o jesuíta Gabriel Malagrida. Confira.

***IHU On-Line* - O que o motivou a fazer um documentário sobre Malagrida? O que despertou no senhor a vontade de saber mais e difundir a trajetória deste jesuíta?**

Renato Barbieri - Fui apresentado à história de Gabriel Malagrida[48] em meados dos anos 1990 pelo Victor Leonardi, escritor, historiador, roteirista, viajante, poeta e professor, meu parceiro de muitos anos na realização de diversos documentários, que já havia feito comigo *Atlântico Negro – Na Rota dos Orixás*. O Victor tinha feito uma pesquisa sobre esse extraordinário jesuíta e escrito para tanto um libreto de ópera, que ainda não saiu do papel, ainda. E surgiu a oportunidade de um concurso nacional de documentários do MinC. Resolvemos que a vida e a obra de Malagrida seria o tema para um belo documentário, e ganhamos este prêmio. Depois disso, ficou mais fácil levantarmos os recursos complementares e realizamos um filme-documentário de longa-metragem finalizado em 35mm. É o meu primeiro longa-metragem. Ganhamos também um concurso internacional importante de finalização de longas da OCIC. Desde quando o Victor me apresentou seu libreto da ópera Malagrida, fiquei instigado pelo personagem e por fazer este documentário.

[48] **Gabriel Malagrida** (1689 – 1761): jesuíta italiano, evangelizou os índios do Brasil, sobretudo nas regiões do Maranhão e do Pará. prosélito da fé e inflamado pregador, ficou afamado como o «apóstolo do Brasil», tendo passado pelo Maranhão, Pará, a Baía e Pernambuco. (Nota da ***IHU On-Line***)

***IHU On-Line* - O que mais encanta na vida e na obra de Malagrida? Qual sua maior paixão?**

Renato Barbieri - O Malagrida foi um homem de seu tempo, no que diz respeito ao sistema de crenças, que amou profundamente o Brasil. Ele olhou o Brasil com amor e agiu com estratégia humanista para a evolução da sociedade brasileira, num tempo em que quase ninguém enxergava o Brasil a não ser como uma colônia a ser explorada. Ele acreditava na verdade que a ele se revelava, e ele se lançava com paixão naquilo. Era um homem da natureza do fogo. Era puro coração. Por isso, tantas lendas e símbolos que ligam Malagrida ao coração. Era um homem muito destemido, algo raro, que agia na doação total ao outro.

***IHU On-Line* - Por que ele ficou conhecido como "o Taumaturgo do Brasil"?**

Renato Barbieri - Ele ficou conhecido em todo o mundo português da época, inclusive na África e na Ásia, como "o Taumaturgo do Brasil". Muitos milagres foram a ele atribuídos, coisas fantásticas, como relatos de salvar um navio em uma tempestade terrível na travessia Brasil - Portugal. E muitos outros. Os escritos e relatos da época mostram que ele tinha vidência, via para além da matéria, chamava pessoas pelo nome à primeira vista, alertava outras para o dia em que iriam morrer (o que de fato acontecia), coisas assim, estranhas, de um homem que estava vivendo outra dimensão.

***IHU On-Line* - O que mais o senhor priorizou no documentário? O que é importante registrar da vida dele?**

Renato Barbieri - Nós seguimos os passos do Malagrida ao longo de toda a sua vida: filmamos a casa onde ele nasceu, inclusive o quarto onde passou sua infância, que está preservado, em Managgio, na Itália; filmamos o colégio onde estudou, em Como; o local onde teve sua formação de jesuíta, em Gênova; o porto de Gênova, para onde ele partiu para Portugal e, depois, para o Brasil; filmamos seis estados do Norte e Nordeste brasileiro por onde ele peregrinou, ensinou filosofia, trabalhou com índios, caboclos e colonos; passamos por diversas cidades onde ele esteve e filmamos suas obras que ainda estão de pé, a maioria funcionando, em diversas cidades do Ceará, do Maranhão, da Bahia, da Paraíba e de Pernambuco; filmamos os locais por ele freqüentados em Portugal, inclusive os palácios de João IV; a região de Setúbal onde ele fazia seus *Exercícios Espirituais* e depois foi preso; com base em ilustrações de época, fizemos um relato minucioso e sensorial do terremoto de Lisboa, de 1755; a Praça do Comércio, em Lisboa, onde teve seu auto-de-fé e onde ele foi queimado pela Inquisição. Refizemos o percurso de sua vida e reconstituímos algumas cenas de época com não-atores.

***IHU On-Line* - Por que a escolha de inserções de "catolicismo popular" no documentário?**

Renato Barbieri - O Malagrida foi um expoente do catolicismo fervoroso do Nordeste brasileiro, que existe até hoje em Juazeiro do Norte, em Bom Jesus da Lapa e outras cidades daquela região. Com base em nossa pesquisa, defendemos no documentário que Malagrida foi um precursor desse catolicismo rústico no Nordeste, antes mesmo de Ibiapina[49], Conselheiro[50] e Cícero Romão[51]. Para esta parte do filme não foi preciso fazermos reconstituição de época: está lá, vivo.

***IHU On-Line* - Como entender Malagrida nos dias de hoje? Qual sua principal herança cultural e de fé?**

Renato Barbieri - Malagrida é uma peça importante no processo civilizatório brasileiro, ainda em curso. Era um humanista radical, pioneiro em trabalhos sociais com mulheres excluídas da sociedade brasileira patriarcal. Ele pensou o Brasil estrategicamente, criando diversas obras de infra-estrutura social e educativa. Viveu o Brasil profundamente, fez diversas caminhadas pelo sertão, uma delas de sete mil quilômetros, dialogando, construindo, provocando as pessoas a olharem a vida de um outro modo. Foi ele quem introduziu no Brasil as tradições do "Sagrado Coração" e da "Boa Morte", muito vivas até hoje. Com o seu amor à verdade e ao outro ele acabou se chocando com as idéias e ideais do Marquês de Pombal. O século XVIII foi

---

[49] **Padre José Antônio Maria Ibiapina** (1806-1883): padre católico brasileiro. Formou-se em Direito ocupou cargos de magistratura e da Câmara dos Deputados. Decepcionado, abandonou a vida civil para seguir o catolicismo. Aos 47 anos, iniciou uma obra missionária, visitando várias regiões do Nordeste, erguendo casas de caridade, igrejas, capelas, cemitérios, cacimbas d'água, açudes e outras obras. (Nota da ***IHU On-Line***)

[50] **Antônio Conselheiro** (1755-1797): líder social brasileiro. adquiriu uma dimensão messiânica ao liderar o arraial de Canudos, um pequeno vilarejo no sertão da Bahia, que atraiu milhares de sertanejos, entre escravos e camponeses, o que conduziu à chamada Guerra de Canudos. A imprensa dos primeiros anos da República e muitos historiadores, retrataram-no como um louco, fanático religioso e contra-revolucionário monarquista perigoso. (Nota da ***IHU On-Line***)

[51] **Cícero Romão** (1844 – 1934): conhecido como Padre Cícero, foi sacerdote católico e político brasileiro. Devido ao seu carisma, desfrutou de grande prestígio e influência sobre a vida social, política e religiosa do Ceará e da Região Nordeste do Brasil. (Nota da ***IHU On-Line***)

talvez o mais cruel no Brasil, em que sua riqueza despontou de forma evidente. E, nesse processo, Malagrida foi uma forte resistência humanista. E acabou sendo vítima, a última fatal, da Inquisição portuguesa. O documentário não deixa de render a ele uma justa homenagem. Não é à toa que Malagrida é também, ao lado de Anchieta, "Apóstolo do Brasil".

Saiba mais sobre Marques de Pombal (1699-1782)

Estadista português, foi primeiro ministro do rei D. José. Representante do despotismo de Portugal na sua viveu num período da história marcado pelo iluminismo, tendo desempenhado um papel fulcral na aproximação de Portugal à realidade económica e social dos países do Norte da Europa.

A contribuição dos jesuítas no Oriente

Entrevista com John Witek

IHU On-Line entrevistou o padre jesuíta John Witek sobre a contribuição dos jesuítas na China e no Japão, principalmente Matteu Ricci. Witek é professor no Departamento de História da Georgetown University, dos Estados Unidos. Ele concedeu a entrevista que segue, por e-mail. Ela foi realizada no sentido de complementar o debate sobre a contribuição dos jesuítas para a sociedade, em função da realização do *Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas*, que acontecerá na Unisinos, de 25 a 28 de setembro.

***IHU On-Line* - Como foi a inserção dos jesuítas na China e no Japão? Quais foram os mais importantes choques culturais desse encontro?**

John Witek - Os europeus do início do século XVI estavam alheios à existência do Japão e tinham apenas conhecimentos fragmentados a respeito da China. Alguns navegadores portugueses, naufragados perto da ilha de Tanegashima, em 1543, fizeram os primeiros contatos com o Japão. Mais tarde, alguns japoneses vieram a Malaca, onde São Francisco Xavier os encontrou. Em 1549, ele entrou no Japão, ficou até 1551, retornou para a Índia e planejou entrar na China, mas morreu antes de chegar à costa sul chinesa em 1552. Entre suas percepções estão as de que os japoneses tinham seu próprio sistema de escrita e um grande volume de textos, assim como um sistema religioso Xintoísta e Budista (ele foi o primeiro europeu a visitar um monastério Zen!), costumes sofisticados, maneiras e um estilo de vida civilizado que lhe disseram terem aprendido da

China. Xavier especulou que se a China se convertesse, então o Japão poderia seguir o mesmo caminho.

A presença portuguesa em Macau de 1557 em diante permitiu aos jesuítas e outras ordens religiosas a entrada na China. O sucesso de dois jesuítas, Michele Ruggieri (1572-1607) e Matteo Ricci (1552-1610) na abertura de uma Missão permanente no sul da China, em 1583, foi resultado de terem aprendido a ler, escrever e falar o idioma chinês e de adotarem um estilo de vida chinês, incluindo as vestimentas e o comportamento. Esses foram apenas passos preliminares, pois deles e daqueles que os seguiram era esperado que fossem completamente versados na vasta tradição literária da China antiga. Aprender um idioma sem dicionários foi um grande desafio, especialmente para apreciar os clássicos chineses. Em 1595, a adoção do estilo de vestimenta de Confúcio foi necessária para que a Igreja Católica e seus rituais não fossem confundidos com o budismo. Além disso, os jesuítas e outros missionários freqüentemente engajavam-se em complexas conversas filosóficas com os chineses, mas essas não eram baseadas na lógica aristotélica. O desafio para os ocidentais foi aprender o modo de pensar dos chineses.

***IHU On-Line* - Qual foi a importância de Matteo Ricci para a Igreja Católica, especialmente a chinesa?**

John Witek - Embora a Igreja Siro-Oriental (às vezes incorretamente chamada de Igreja Nestoriana) vir para a China em 635 e de os missionários franciscanos e dominicanos terem entrado na China durante a dinastia Yuan (1279-1368), não houve impacto contínuo. Por estabelecer uma missão, primeiro no sul da China, e depois eventualmente em Pequim, Matteo Ricci estabeleceu eficazmente a presença da Igreja na China até hoje. Ele enfrentou oposição de vários lados, mas, sobretudo, por tornar-se um chinês entre os chineses, ele estabeleceu amizades sólidas com notórios catedráticos e demonstrou pelo seu conhecimento e especialidade em matemática e ciência que o ocidente era civilizado, não bárbaro, como alguns chineses tendiam a acreditar. Ricci também mostrou que a Igreja apoiava a investigação científica.

***IHU On-Line* - Qual foi a reação da Igreja Romana diante da evangelização dos jesuítas na China? Como explicar essa reação? Se a Cúria Romana tivesse apoiado a história na China, ou ao menos a história da Igreja Católica lá, teria sido diferente?**

John Witek - Não há respostas fáceis que possam ser dadas a essa bateria de questões complexas. Alguns jesuítas trabalharam na corte imperial em Pequim, mas um grande número era de pastores ativos em outras cidades e áreas vizinhas por toda a China. A política jesuíta envolveu a conversão da elite *e* de classes sociais inferiores. Durante os primeiros anos da Controvérsia dos Ritos Chineses no XVII século, alguns dominicanos e franciscanos levaram o assunto a Roma. Uma congregação papal rejeitou a abordagem jesuíta, contudo, em uma apelação dos jesuítas, outra congregação papal aprovou suas visões. Enviar um delegado papal no início do século XVIII sem uma cópia completa de um ato papal não foi de grande ajuda para os missionários nem para as relações da Igreja com o estado chinês. Mesmo após a decisão papal de 1742, dúvidas sobre seus termos continuavam sendo enviadas a Roma para esclarecimentos. Se a Controvérsia não tivesse sido levantada, a história da Igreja Católica na China seria provavelmente diferente. Mas a Controvérsia mostrou que práticas religiosas não podem ser

separadas do ambiente social de um país. Se a história da China poderia ter sido diferente permanece uma questão aberta.

***IHU On-Line* - Quais são as principais diferenças que o senhor apontaria entre a racionalidade moderna – característica da cultura ocidental - e as culturas chinesas de atualmente?**

John Witek - A questão implica que haja uma dicotomia entre o pensamento ocidental e o chinês. Isso pode ter sido verdadeiro na China anterior a 1900, mas proeminentes intelectuais, nas primeiras décadas do século XX, começaram a compreender o sistema filosófico ocidental e alguns deles atenderam a universidades ocidentais. Houve fragmentação de idéias entre as elites e um governo central fraco. Mas sob um governo central forte, após 1949, um padrão de controle de algumas idéias e rejeição de outras começou a prevalecer. Nas últimas duas décadas, no entanto, muitos escritores fora da China indicaram que o impacto do socialismo começou a enfraquecer. Como se sabe, padrões ocidentais de pensamento tiveram suas limitações em alguns momentos. Assim, as expectativas de que os chineses abraçariam tais padrões provaram-se ilusórias[52].

***IHU On-Line* - Quais são as diferenças mais características entre culturas ocidentais e orientais na conjugação entre fé e ciência? Isso produz tensões entre os próprios jesuítas?**

John Witek - Há dois problemas com a primeira questão. O uso de "ocidental" e "oriental" alarga a discussão, uma vez que as questões anteriores (acima) trataram de cultura "chinesa", não-"oriental". Esses últimos termos incluem os chineses, japoneses, coreanos, vietnamitas, indianos, mongóis e outros grupos. Então, também, "conjugação entre fé e ciência" não está claro. É "unir as duas"? Então fé e ciência estão juntas? Se é isso, tal conjunção de fé e ciência pode estar na mente da pessoa. Tensões entre os próprios jesuítas nesse ponto não prevalecem, uma vez que os jesuítas são homens de fé. Ao mesmo tempo, um certo número de jesuítas é de cientistas altamente qualificados (em astronomia, biologia, física e etc., por exemplo) ativamente engajados em pesquisar e em participar de conferências científicas nacionais e internacionais. O trabalho de Macao/Matteo Ricci na China destaca fortemente tal conjunção de fé e ciência, logo ele usou a ciência como um modo de abrir diálogos com chineses de diferentes áreas. Seus colegas jesuítas continuaram essa abordagem por séculos desde então.

52 O termo usado pelo entrevistado ("elusive") pode significar várias coisas nessa frase, como, inclusive, "inatingível(eis)". (Nota do tradutor)

destaques da semana

Análise de conjuntura pg. 57
Deu nos jornais pg. 62
Frases da Semana pg. 64
Destaque On-Line pg. 66

"Lula, uma oportunidade desperdiçada?"

Entrevista com Leonardo Boff

A macroeconomia neoliberal continua sugando o sangue do povo, enquanto, seletivamente, atende apenas as exigências de uma pequena porção da população. Assim os operadores da macroeconomia tranqüilizam sua má consciência e, ao mesmo tempo, Lula se mostra fiel a algumas raízes de sua biografia pessoal.

É difícil imaginar que, em seus 67 anos de idade e com toda uma exuberante história pessoal de reflexão e prática, faça concessões. Nem à situação política brasileira, nem à gestão de seu amigo Lula, nem às limitações próprias de um tíbio processo de reformas em marcha. Leonardo Boff, teólogo franciscano e militante social há décadas, tampouco restringe seu olhar às fronteiras do Brasil. Desde cada passo da construção cotidiana do movimento popular, até a denúncia de um sistema mundial hegemônico, que conduz irremediavelmente à autodestruição do planeta. E não duvida, inclusive, em lançar um grito de alarme: "Não terá, por acaso, chegado o momento de desaparecer e deixar a terra livre desse câncer que somos nós?"

Traduzimos e publicamos a entrevista com Leonardo Boff, publicada na página www.lahaine.org, 4-9-2006. A entrevista foi veiculada nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 12-9-2006.

Já são quase quatro anos do governo Lula, com as próximas eleições presidenciais em vista...O que é deixado por esta experiência?

Fui um dos mais entusiastas, quando se deu a eleição de Lula. Escrevi mais de dez artigos sobre a revolução brasileira que seria inaugurada por ele. Foi uma ilusão e desilusão. Tive que confrontar-me com o "realismo" da política do possível, no quadro histórico em que se move a sociedade brasileira.

Nunca se deve esquecer que estamos sentados sobre o passado colonial, sobre o genocídio dos indígenas - eram seis milhões quando chegaram os portugueses, hoje são apenas oitocentos mil -, sobre o escravismo (doze milhões de negros foram violentamente arrancados da África e trazidos ao Brasil, e hoje são sessenta milhões de afro-descendentes); e sobre uma elite que tem, segundo dados do Banco Mundial, os mais altos níveis de acumulação do

mundo. Ao lado de tudo isto, existe uma massa enorme de "empobrecidos", que somente a partir da metade do século passado conseguiu organizar-se em movimentos sociais e sindicatos livres, que foram acompanhados por setores importantes da Igreja Católica. Ela inventou e promoveu as comunidades de base e as pastorais sociais da terra, teto, saúde, educação, direitos dos pobres e outras iniciativas similares. Mudar esta realidade histórica tão condicionante exigiria uma revolução. Lula, ao meu juízo, não tinha a consciência suficientemente clara de sua missão histórica. Sua preocupação inicial foi a de salvar o país de um desastre econômico iminente, em detrimento das grandes reformas estruturais que poderiam, estas sim, salvar a nação do desastre. Desperdiçou-se uma oportunidade. Ele pertence à parte mais esquerda do sistema imperante, porém não deixa de ser um elemento do sistema. Por isso, os grandes organismos econômicos mundiais e os principais Chefes de Estado estão tão felizes com ele. Se propôs a tão temida revolução a partir da periferia...

"Desvinculou-se dos Movimentos Sociais"

Esta reflexão implica um balanço mais negativo que positivo?

Apesar destes limites, Lula fez o que nenhum governo havia tentado anteriormente: dar muito mais ênfase aos temas sociais. Nesta esfera, de fato, o Governo foi inovador com a "Bolsa Família", "Luz para todos", o apoio à agricultura familiar e outros projetos sociais. Com estes planos se beneficiaram perto de onze milhões de famílias, o que equivale a uns quarenta milhões de pessoas.

Mas, é preciso ver este avanço no contexto da política global. Enquanto transfere dez bilhões de reais - um dólar equivale a 2,12 reais - aos projetos sociais, outorga cento e quarenta bilhões de reais ao sistema financeiro, que lhe empresta o dinheiro necessário para levar adiante sua política e lhe permite pagar as contas governamentais. Esta contradição é dolorosa e mostra como a macroeconomia neoliberal continua sugando o sangue do povo, enquanto, seletivamente, atende somente às exigências de uma pequena porção da população. Assim os operadores da macroeconomia tranqüilizam sua má consciência, e, ao mesmo tempo Lula se mostra fiel a algumas raízes de sua biografia pessoal.

Saindo do plano estritamente brasileiro e tendo em conta as enormes expectativas que o Governo do Partido dos Trabalhadores (PT) criou em amplos setores do continente: Em que medida uma experiência desta natureza fortalece ou debilita o movimento social em seu conjunto, em suas apostas estratégias de mudança?

Ao meu juízo, uma das limitações do Governo Lula foi desvincular-se dos movimentos sociais que eram sua base real de sustentação e apoio. Preferiu optar por uma base de apoio parlamentar, articulada com partidos que não tinham nada a ver com o ideário do PT. É preciso reconhecer que Lula não criminalizou os movimentos sociais, como se fazia sistematicamente antes, embora não lhes tenha dado a importância que lhes correspondia, por considerar que já estavam de seu lado.

Entre eles, havia muita decepção e mesmo raiva. Porém, têm inteligência política. Dizem: "Lula é nosso, vem do nosso lado, conhece nossas tribulações". Por mais erros que tenha cometido, não vamos entregá-lo à burguesia. Ao invés disso, vamos pressioná-lo para que se reconverta aos seus antigos sonhos e, como o filho pródigo do Evangelho,

redescubra o caminho de retorno aos movimentos sociais. Estes votarão por Lula, porém com o propósito de cobrar-lhe as antigas promessas e, de algum modo, atenuar ou mudar a proposta macroeconômica do Governo.

"A Lula faltou valentia"

Um balanço tão mitigado da parte dos atores e movimentos sociais confronta-nos com a pergunta de fundo sobre a viabilidade de mudanças profundas na América Latina, marco de um sistema de democracia formal parlamentar...

Objetivamente, do que se necessita é de uma revolução. Porém sabemos que o tempo das revoluções clássicas passou. Quer dizer que a revolução possível, no quadro globalizado da política mundial sob o império norte-americano, implica colocar, lentamente, cunhas nas brechas do sistema. Isto o entendeu o presidente da Argentina, Nestor Kirchner. Não disse ao sistema financeiro mundial e a Bush: "não vou pagar a dívida". O que constituiria um atentado contra o sistema e sua lógica. Disse: "eu pago; porém, por cada dólar pagarei somente dez centavos". E tiveram que contentar-se com isto.

Lula tinha muito mais autoridade moral para fazer algo parecido e talvez, até, mais radical. Mas, faltou-lhe valentia, a capacidade de captar a potencialidade de uma situação e atuar correlatamente com determinação. Foi outra ocasião desperdiçada. Agora temos que contentar-nos com reformas que aliviam os problemas, perpetuando-os, sem mudar a estrutura de base, o que significaria uma revolução, ou o começo da mesma.

"João Paulo Ii decapitou Os Profetas"

Os teólogos progressistas, a Igreja progressista, têm nesta etapa uma palavra/reflexão profética, para relançar a esperança no Brasil? O que realmente seria preciso inventar nesta etapa para alentar a esperança?

A atuação conservadora do Papa João Paulo II decapitou os profetas. Para a política na América Latina, quer dizer, para a prática da Igreja na sociedade e seu enraizamento popular, esse papado foi um flagelo. Teria sido outra coisa, se o Papa houvesse tido uma iluminação espiritual mínima e uma sensibilidade pastoral para com a dolorosa paixão do povo latino-americano, cristão e explorado. Se tivesse apoiado as comunidades eclesiais de base - e a dimensão libertadora da fé, com sua reflexão chamada de teologia da libertação -, sustentando-as nas conferências nacionais de bispos, em vez de submetê-las a pesada vigilância, levando-as até, em alguns casos, a uma verdadeira desmoralização. Se tudo tivesse sido de outra maneira, diversa seria a situação política da América Latina. Sua cegueira anticomunista o impediu de ver o novo que nascia nesta parte do continente, que não tem nada a ver com o marxismo, porém sim, muito a ver com uma alternativa viável ao capitalismo selvagem imperante.

Portanto, outra ocasião desperdiçada. Vivemos, nos últimos vinte anos, perdas irreparáveis e um inverno espiritual implacável. Recém começamos a refazer-nos. Surgem alguns profetas e se reanimam as comunidades, não por contar com o apoio de Roma, e sim porque querem dar uma resposta apropriada, a partir do Evangelho, à miséria, a que estão submetidos tantos milhões de seres humanos.

A experiência brasileira atual nos indica um certo esgotamento das formas tradicionais de fazer política. Ou, da política como mecanismo "tradicional". A partir de onde seria preciso destravar e superar este freio?

É voz corrente que a forma de representação social mediante os partidos está absolutamente obsoleta. É enganadora e permite a reprodução das condições de desigualdade e de injustiça social. A convicção que cresce nos movimentos sociais como o dos "Sem Terra", que acompanho, é que este tipo de democracia é bom para manter a situação, porém inadequado para fazer as necessárias mudanças que respondam às demandas fundamentais do povo.
O que se está pensando, é dar um caráter político aos movimentos sociais que até agora tinham apenas um perfil social. Ou seja, transformar o poder social acumulado em um poder político acima dos partidos, ou atravessando os partidos, criando articulações com setores de partidos que se proponham mudanças substanciais na sociedade. Esta iniciativa está amadurecendo em vários movimentos sociais no Brasil e já se estão articulando neste sentido para, eventualmente, fazer sua aparição oficial ainda nestas eleições presidenciais do outubro. Eu não sei qual é o caminho. Porém estou convencido que o mesmo se faz caminhando.

Ou caminhamos, ou morremos como espécie

Ao mesmo tempo em que "se desperdiçam oportunidades", os grandes poderes econômicos não duvidam um segundo. As grandes empresas transnacionais avançam, massacrando espécies e biodiversidade. Não é quase dramática esta complementação entre gestão política decepcionante e destruição abusiva do planeta?
Este é um tema que tem me ocupado bastante nos últimos anos, escrevendo, falando, tentando influenciar politicamente setores do Governo Lula. Com exceção da Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, que pensa como nós, este discurso é considerado como discurso de loucos numa sociedade pretendidamente de bem pensantes. Todos falam de crescimento. Lula é quem mais fala. Todos os administradores do mundo, desde os Governos até as corporações mais simples, se propõem crescer mais e mais. Infeliz do país que não apresente porcentagens importantes de crescimento a cada ano.
Porém, este objetivo é suicida. A Terra não agüenta o tipo de produção e consumo que supõe e que propõe explorar sistematicamente todos os recursos disponíveis da natureza. China e Índia vão fundir a humanidade, porque são como uma esponja que chupa todos os recursos possíveis do planeta. E ambos têm uma classe média de trezentos milhões de pessoas - equivalente a toda a população da Europa - que quer consumir a classe média ocidental.

Esta lógica leva-nos ao abismo. Não sou eu quem o diz, senão os grandes nomes da ecologia ou da astrofísica, como o astrônomo inglês Martin Rees, em seu livro ***A hora final***, ou o promotor da teoria Gaia, James Lovelock, em seu recente livro ***A vingança de Gaia***. Eles nos anunciam cenários dramáticos para os próximos anos. Estou convencido da teoria que diz que o ser humano não aprende nada da história, porém aprende tudo do sofrimento. Isto é trágico, porém parece ser o caminho infalível da aprendizagem. Ou mudamos, ou morremos como espécie.

A terra em crise, ameaçada por um sistema. De onde virão as forças para poder estruturar uma proposta alternativa diferente, para frear essa tendência?
Penso que a crise é tão global que já não funcionam políticas convencionais, nem extraordinárias. Somente uma coalizão de forças, baseadas numa ética mínima

fundamental, em outros valores que ponham a vida, a Terra, a humanidade e a natureza no centro. Esta coalizão poderá oferecer uma alternativa que nos possa salvar. A cada ano desaparecem, naturalmente, no processo da evolução, trezentas espécies de seres vivos. Com a agressão sistemática dos humanos, desaparecem cerca de três mil. Isto equivale a uma verdadeira devastação.

Pergunto:
será que não chegou o momento de desaparecer e deixar a terra livre desse câncer que somos nós, permitindo que siga o processo da evolução com a aparição de outras formas de vida e com outro sentido de cooperação de todos com todos?
Já que o espírito e a consciência estão primeiro no cosmo e somente depois em nós, este desaparecimento da espécie humana não seria uma tragédia absoluta.
Dentro do processo da evolução, o princípio de inteligibilidade e amor reapareceriam em seres complexos e de uma ordem mais alta. Espero que com mais compaixão e ternura do que nossa espécie...

A vida da terra continua sendo um de teus temas principais de reflexão. Continua sentindo-se sobretudo teólogo, ou "simples enfermeiro" da Pachamama?
As religiões podem ter uma função pedagógica muito grande no processo de respeito, salvaguarda e veneração do que é criado. Todas elas dão centralidade à vida. Mais que falar de natureza, falam de criação que saiu das mãos do Criador. Elas podem educar as pessoas a cuidarem desta herança que nos foi entregue por Deus. Devemos compreender-nos, e isto está no capítulo segundo do Gênesis - como jardineiros e cuidadores do Jardim do Éden. Esta é a nossa missão: cuidar, regenerar o deteriorado e permitir que todos possam conviver. Melhor ainda: não permitir que a seleção natural, que privilegia os mais aptos e fortes, prevaleça no processo de evolução.
Nossa missão deve ser a de salvar os débeis, permitir que sigam dentro do processo que já tem pelo menos 13 bilhões de anos de existência. O propósito da evolução não se resume em privilegiar os mais fortes, senão em permitir que cada ser, também os mais débeis, mostrem novas possibilidades da natureza, revelem dimensões novas que vêm do Abismo alimentador do Todo (o vazio quântico, como o chamam os cosmólogos) e que prefiro chamar de a Fonte originária de todo o ser, numa palavra, a reverência ou Deus.

Deu nos jornais

Diariamente a página do IHU (www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias Diárias,* apresenta uma síntese das notícias com base nos principais jornais do País e do exterior. A elaboração das notícias diárias é feita em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, com sede em Curitiba, PR. Abaixo algumas notícias selecionadas.

Massimo Cacciari
Traduzimos e publicamos a entrevista que Massimo Cacciari, filósofo e prefeito de Veneza, concedeu ao jornal *Repubblica*, refletindo sobre fé e razão. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 12-9-2006.

"Chávez criou um modelo indestrutível"
"Chávez criou um modelo indestrutível", afirma Fidel Castro em entrevista publicada no jornal argentino Página/12, dia 14-9-2006. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU de 14-9-2006.

Desemprego entre os jovens
Pesquisa divulgada pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) mostra que 45,5% do total de desempregados brasileiros têm entre 16 e 24 anos. Ao mesmo tempo, os jovens representam apenas 25% da população economicamente ativa. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 14-9-2006.

Número de espécies ameaçadas cresce 46%
Segundo notícia do jornal *Estado de S. Paulo*, de 7-9-2006, o IBGE lançou um mapa com hábitats de pássaros sob risco. Esse mapa aponta que a situação é mais crítica na mata atlântica. O comércio ilegal e o desmatamento são as principais causas. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 12-9-2006.

Superexploração ameaça as espécies marinhas
Oitenta por cento dos recursos pesqueiros do Brasil estão em situação de sobrepesca, ou seja, a quantidade retirada do mar é maior do que a capacidade de recomposição das espécies. A conclusão é do maior levantamento já feito na Zona Econômica Exclusiva (ZEE) brasileira - área de 3,5 milhões de quilômetros quadrados que se estende pelos 8,5 mil quilômetros de litoral do País -, do mar e do subsolo marinho. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 12-9-2006.

Bento XVI e o Islã

Gilles Kepel, francês, um dos maiores especialistas ocidentais do mundo islâmico, em entrevista concedida ao jornal italiano *Repubblica*, 13-9-2006, analisa as palavras do Papa Ratzinger ditas na Alemanha sobre a **Jihad**. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 14-9-2006. Ainda sobre o assunto, confira as *Notícias Diárias* da página do IHU do dia 13-9-2006.

Furlan quer meta de crescimento como marca para 2° mandato
O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan, abriu, em público, uma discussão sobre o foco da política econômica em um eventual segundo mandato do governo Lula. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 13-9-2006.

Eleição de Palocci
Ministros da ala "desenvolvimentista" e dirigentes do PT já começam a se preocupar com o tamanho da influência do ex-ministro da Fazenda Antonio Palocci sobre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva num provável segundo mandato. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 13-9-2006.

Executivo-modelo para o governo Lula
O ministro Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social, 54 anos, ex-prefeito de Belo Horizonte, deputado do PT eleito por Minas Gerais com 520.048 votos, é o modelo de executivo que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva quer para integrar o seu governo no segundo mandato. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 13-9-2006.

No domingo, dia 17-9-2006, as *Notícias Diárias* divulgaram uma entrevista com Francisco de Oliveira e com Frei Betto, feita pelo jornal Brasil de Fato. Frei Betto afirma: "Tenho para mim que Lula será candidato em 2014".

Alckmin e Aécio se unem contra Serra e FHC
O candidato do PSDB à Presidência, Geraldo Alckmin, e o governador de Minas, Aécio Neves, candidato à reeleição, estão juntos numa dobradinha que promete sobreviver às eleições. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 14-9-2006.

Lucro
Uma mudança na legislação tributária reduziu a despesa dos bancos com impostos e impulsionou o lucro do sistema financeiro no primeiro semestre deste ano. Segundo levantamento do Banco Central, os ganhos do setor somaram R$ 22,2 bilhões entre janeiro e junho, valor 43% maior do que o registrado no mesmo período do ano passado. Confira nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 14-9-2006.

Frases da semana

Ignorância
"Não sabemos o que compõe 95% do universo, o que é vergonhoso para um tema que dizemos ser fundamental" - Brian Cox, pesquisador inglês da Universidade de Manchester - *Estado de S. Paulo*, 13-9-2006.

Político tem que ser ator
"Se não for um ator não transmite nada, não será nada. Em uma sociedade como a nossa, de 125 milhões de eleitores, você tem de incorporar alguma idéia, algum sentimento, alguma tendência. E fazer isso como ator, expressar isso de alguma maneira" - Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República - *Estado de S. Paulo*, 14-9-2006.

Volks
"Feijóo (presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC) mentiu quando disse que estava com raiva da VW e que não aceitaria demissão em seu currículo" - faixa carregada por trabalhadores da Volks, ontem - *Folha de S. Paulo*, 15-9-2006.

"Foi uma vitória da fábrica e uma derrota para os trabalhadores" - Rogério Romancini, trabalhador da Volks - *Folha de S. Paulo*, 15-9-2006.

"Não é o melhor acordo, foi o acordo possível" - José López Feijóo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - *Folha de S. Paulo*, 15-9-2006.

China e Índia
"Termine seu jantar, na China e na Índia há gente passando fome. Hoje eu digo às minhas filhas: "Terminem o dever de casa, na China e na Índia está cheio de gente faminta pelo seu emprego" - Thomas Friedman, jornalista, autor do livro **O Mundo é plano** - *Folha de S. Paulo*, 15-9-2006.

"O governo Bush está morto" - Thomas Friedman, jornalista, autor do livro **O Mundo é plano** - *Folha de S. Paulo*, 15-9-2006.

Collor
"Esse homem gosta dos pobres. Parece um santo" - Gilda Ferreira da Costa, 65, plantadora de milho, falando de Fernando Collor de Melo, candidato ao senado em Alagoas - *Folha de S. Paulo*, 17-9-2006.

Aécio 2010
"Posso dizer que há um sentimento no estado para que Minas dispute a Presidência em 2010. E quem senta na cadeira de governador tem projeção maior. Não posso negar que Aécio é preparado para ocupar o cargo de presidente" – Fernando Pimentel, prefeito de Belo Horizonte – PT – *Globo*, 17-9-2006.

EUA

"O mundo começa a desconfiar dos nossos principais morais que inspiram a nossa luta contra o terrorismo" - Colin Powell, ex-secretário de Estado dos EUA – *Repubblica*, 16-9-2006.

Bento XVI e o Islã

"O Papa não criticou os muçulmanos. No meio de uma palestra, ele citou um imperador bizantino que, na época das Cruzadas, vinculou o Islã à violência. Mas a escolha da frase foi infeliz. Como líder da Igreja Católica, tudo o que disser tem conotação política" – Mohammed Darif, professor de Ciências Políticas em Rabat, Marrrocos – *Globo*, 16-9-2006.

"O uso de uma frase de um imperador bizantino cheio de preconceito e ódio contra os muçulmanos para falar sobre a relação entre razão e religiao é algo inteiramente absurdo partindo de uma pessoa que nós sabemos que é intelectualmente apta" – Navid Kemani, cientista político iraniano – *Globo*, 16-9-2006.

"Ele perdeu a costumeira cautela e falou como professor de teologia" – Thomas Winkel, redator da agência de notícias KNA, vinculada à Conferência Episcopal Alemã – *Globo*, 16-9-2006.

"O Papa não deve pedir desculpas porque não fez nada de condenável. O Vaticano deve explicar ao mundo muçulmano que as declarações foram compreendidas erradamente porque foram retiradas de contexto" – Otto Kallscheuer, filósofo, ex-aluno de Ratzinger, professor na Universidade de Bonn – *Globo*, 16-9-2006.

"Durante esta viagem de Bento XVI à mui católica e imensamente próspera Baviera, sua terra natal, o pontifíce centrou suas críticas no "laicismo" e no "cinismo" das sociedades ocidentais que "excluem Deus". Mas o seu discurso sobre o Islã será o que será recordado. Esperemos que os esforços iniciados ontem pelo Vaticano para limitar os danos sejam eficazes" - editorial do jornal espanhol *El País*, 16-9-2006.

Destaques On-Line

Entrevistas exclusivas produzidas pelo sitio do IHU

Essa editoria veicula entrevistas exclusivas publicadas no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), durante a última semana. Aqui, apresentamos a lista completa de todas, que podem ser conferidas, na íntegra, nas *Notícias Diárias* do sítio, na data correspondente.

Título: 11 de setembro: cinco anos. O terror transmitido ao vivo pela mídia
Entrevistada: Jacques Wainberg
Entrevista: Sobre o "11 de setembro" a ***IHU On-Line*** entrevistou, por e-mail, o professor Jacques Wainberg, docente na Unisinos e na PUCRS. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 12-9-2006.

Título: "É impossível fazer uma TV inteligente nos moldes de medida de audiência"
Entrevistada: François Jost
Entrevista: *Televisão: entre o mercado e academia* é o curso de extensão da Unisinos que vai até o dia 10 de outubro. Ele discute a importância do papel da televisão no Brasil como responsável pela informação e entretenimento de grande parte da população. O especialista em mídia François Jost participou das palestras e concedeu à ***IHU On-Line.*** Jost atua como professor na Sorbonne Nouvelle e dirige o Centro de Estudos da Imagem e do Som (CEISME). Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 13-9-2006.

Título: " O movimento operário carece de um partido de massa que o represente"
Entrevistada: Armando Boito
Entrevista: O professor da Unicamp falou em entrevista que à **IHU On-Line** sobre política brasileira, candidatos à presidência, voto nulo, banalidade da política, governo Lula, personalismo partidário e a crise na Volkswagen do Brasil. Confira na íntegra nas *Notícias Diárias* da página do IHU no dia 15-9-2006.

IHU em revista

Eventos pg. 68
Sala de Leitura pg. 76
IHU Repórter pg. 77

IHU lança nova página na internet em fase experimental

A partir de hoje, 16-9-2006, a página do Instituto Humanitas Unisinos na internet entra no ar com novo estilo. A mudança se dá em meio às comemorações do ano jubilar inaciano e dos 5 anos do IHU. Tudo ainda está em processo experimental, mas dentro de uma semana o novo site já deverá estar o mais completo possível.
A nova página foi reformulada numa construção conjunta entre a equipe do IHU, o setor de Marketing da Unisinos e a empresa Worbi, de Porto Alegre.

Para falar sobre a nova página e sobre o conceito do novo layout, a ***IHU On-Line*** ouviu o sócio da Worbi, Ricardo Abel, a publicitária da Worbi, Rosana Reischack, e Ângela Rahde e Julie Reichert do setor de Marketing da Unisinos.

Segundo Rosana Reischak, gerenciar o projeto do site do IHU foi, com certeza, uma experiência única e gratificante. "Fomos acolhidos como membros de uma família e não somente como um prestador de serviços. A contribuição foi mútua sempre com as equipes convergindo para um objetivo único. Com certeza, foi um dos fatores que contribuíram para o sucesso do projeto e o alcance das necessidades específicas do Instituto e do seu público. É notável que os membros do Instituto Humanitas estão imbuídos na filosofia e valores que o constitui, e isso deveria ser evidenciado no site. Incorporando essa percepção as equipes conseguiram gerar um canal de interação e aproximação entre as pessoas que compartilham dessa filosofia. Esperamos ter contribuído para que o portal do IHU seja um meio de unir as pessoas, proporcionando um relacionamento cada vez mais humano", afirma.

Julie Reichert, webwriter da equipe da Comunicação Institucional da Unisinos, que coordenou os trabalhos de mudança do site do IHU, fala sobre as expectativas que os leitores e leitoras da página do IHU podem ter com relação ao novo site:
"A nova página vai facilitar a vida das pessoas que buscam as informações e os serviços oferecidos pelo Instituto Humanitas Unisinos. Com um layout bem mais atrativo, o site está mais organizado, com uma navegação amigável e intuitiva.

Agora, os(as) leitores(as) poderão conferir o que acontece nos bastidores do IHU através do blog, mandar cartões virtuais para os amigos, fazer o download de papéis de parede para o computador, deixar seus comentários nas páginas, entre outras novidades. O site da revista ***IHU On-Line*** também trará melhorias para o público. A partir de agora, os(as) leitores(as) poderão visualizar as edições da revista sempre por meio da página, não precisando acessar arquivos em PDF ou Word para ver as publicações anteriores. Outro destaque é o layout que está mais bonito e colorido. Os sites também ganham um eficiente sistema de busca, para localizar conteúdos nas duas páginas".

IHU: um grande canal de conhecimento e reflexão

Entrevista com Ricardo Abel, da Worbi

***IHU On-Line* - Qual o conceito que está por trás do novo site do Instituto Humanitas Unisinos? O que foi priorizado na construção da nova página?**

Ricardo Abel – O conceito basicamente é comunicar em todas as direções, visão 360 graus. O cuidado com a "heterogeneidade" dos públicos foi um grande diferencial no trabalho, a preocupação com os públicos não se limita somente à estrutura de navegação e vai até o design e os modelos de interação. Além disso, hoje o internauta poderá interagir de diversas maneiras por meio de blogs, comentários e até na própria área conceitual deixando sua "marca" no site e transformando o IHU em um grande canal de conhecimento e reflexão.

***IHU On-Line* - O que o site oferece aos seus leitores que o site antigo não oferecia? Quais suas principais inovações?**

Ricardo Abel – O trabalho teve foco nos seguintes pontos:

- Design Inovador;
- Interatividade;
- Conteúdo relacionado;
- Nova Arquitetura de Informação;
- Administração Facilitada.

Entendemos que cada item acima foram os pilares para o projeto de inovação do site.

***IHU On-Line* - Como foi para a Worbi participar desse projeto? O que a equipe guarda desse trabalho?**

Ricardo Abel – Para a Worbi foi uma grande experiência realizar este projeto com a equipe do IHU, não vamos nos esquecer que estamos falando do Instituto Humanitas, o qual é referência em sociologia e filosofia. Nossos diálogos foram desde como comunicar e em que sentido deve se comunicar em questões de filosofia, sociedade e assuntos afins. Estamos falando de um contexto que antes do próprio projeto já era referência nacional no assunto, portanto o desafio e responsabilidade de realizar um trabalho que ultrapassasse as expectativas foi muito grande. A Worbi fica muito feliz em ter como retorno do IHU os seus desejos atendidos e expectativas superadas. Guardamos deste trabalho o profissionalismo, amizade e conhecimento repassado pela a equipe da Unisinos.

Interatividade e grafismo atraente na nova página do IHU

Entrevista com Angela Rahde, gerente de Comunicação Institucional da Unisinos

***IHU On-Line* - O que é importante destacar sobre o novo conceito do site do Instituto Humanitas Unisinos?**
Angela Rahde – O trabalho de reformulação do site considerou as preferências do público do IHU (pessoas maduras, com um ótimo nível intelectual, preocupadas com as questões essenciais de nosso mundo e em estar sempre bem informadas). Do ponto de vista de conteúdo, o que já era foco do IHU será ainda mais perseguido pela equipe de produção da página. Quer dizer, teremos sempre os temas e as questões atuais da humanidade, sob os mais diversos pontos de vista (ético, social, religioso...) e enriquecidos por depoimentos e entrevistas de pensadores nacionais e estrangeiros. A interatividade também está sendo privilegiada no novo espaço. Os usuários poderão participar de forma ativa e muito facilitada. Finalmente – e, claro, não poderíamos esquecer deste aspecto – o grafismo da página é atraente, moderno, com cores e recursos que facilitam a navegação.

***IHU On-Line* - Qual a importância para a Unisinos do site do IHU, no sentido de justificar sua reformulação?**
Angela Rahde – A Unisinos está sempre atenta para aprimorar as diversas formas de comunicação e relacionamento com seus públicos. A página do IHU se insere nessa estratégia. Mas há mais: dentro de todo o site da Unisinos, o IHU sempre se apresenta como um dos quatro endereços mais acessados pelos internautas, com uma média de 30 mil acessos por mês.

Cartografias da floresta: descobrir e redescobrir o Grande Rio das Amazonas. As crônicas de Alonso de Rojas (SJ) e Christóbal de Acuña (SJ)

IHU Idéias

Em continuidade às discussões que antecedem o **Seminário Internacional A globalização e os jesuítas: origens, história e impactos**, marcado para 25, 26, 27 e 28 de setembro, na Unisinos, o Instituto Humanitas Unisinos (IHU) oferece, nesta quinta-feira, 21-06-2006, a palestra *Cartografias da floresta: descobrir e redescobrir o Grande Rio das Amazonas. As crônicas de Alonso de Rojas, SJ (1640) e Christóbal de Acuña, SJ (1641).* A palestrante é a Prof.ª Dr.ª Maria Cristina Martins, da Unisinos. Por e-mail, a historiadora adiantou à ***IHU On-Line*** que os relatos feitos pelos jesuítas são de "notável modernidade", pois aliados a novos instrumentos teóricos, "se apresentam como um *corpus* documental ainda capaz de fazer avançar o conhecimento". Além disso, proporcionam o diálogo transdisciplinar entre antropologia, história e lingüística. O evento é gratuito, aberto a toda comunidade acadêmica, e acontece na Sala 1G119 do IHU, às 17h30min.

Maria Cristina Martins é graduada e mestre em História pela Unisinos. Doutorou-se na mesma área, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com a tese *A festa guarani nas reduções: perdas, permanências e recriaçã,* com a historiadora Eliane Cristina Deckmann Fleck, também docente na Unisinos, é organizadora da obra ***Dossiê América Latina Colonial.*** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

Crônicas jesuíticas, um relato atual

Entrevista com Maria Cristina Martins

***IHU On-Line* - Como é possível descobrir e redescobrir o Rio Amazonas nas crônicas de Alonso de Rojas e Christóbal de Acuña?**

Maria Cristina Martins – Devemos lembrar primeiramente que, desde os tempos iniciais da conquista e através da utilização da escrita e de outros dispositivos de poder, os europeus observaram e construíram a realidade americana à semelhança de sua própria. Assim é que, a partir do "texto fundante" do dominicano Francisco de Carvajal, *Relación del nuevo descubrimiento del*

famoso Rio Grande ...[53] de 1540, uma série de narrativas sobre a Amazônia contribuíram para configurá-la, tanto como espaço geográfico-histórico, quanto como espaço simbólico. As crônicas de Rojas e Acuña, respectivamente o *Descubrimiento del Rio de las Amazonas y sus dilatadas Províncias ... (1640)*[54] e o *Nuevo Descobrimiento del gran rio de las Amazonas* (1641)[55], escritas um século após a "viagem inaugural" de Orellana[56] e Carvajal, inserem-se neste conjunto de textos pelos quais se construiu historicamente uma certa compreensão sobre a Amazônia e suas populações, na mesma medida em que, a partir de atuais aparatos conceituais e de crítica, podemos rever e reescrever novos entendimentos sobre elas.

[53] CARVAJAL, G. de. "Relación que escrebió Fr. Gaspar de Carvajal, Fraile de la Orden de Santo Domingo de Guzmán, del nuevo descubrimiento del famoso Rio Grande que Descubrio por muy gran ventura el Capitán Francisco de Orellana desde su nacimiento hasta salir a la mar, con cincuenta y siete hombres que trajo consigo y se echo a su ventura por el dicho rio, y por el nombre del capitan que le descubrio se llamo el Rio de Orellana" (1540). In: CARVAJAL, ALMESTO & ROJAS, A de. *La aventura del Amazonas*. Ed. de Rafael Díaz. Madrid: História 16, 1986 (Crônicas de América 19). (Nota da entrevistada)

[54] In: CARVAJAL, ALMESTO & ROJAS, A de. *La aventura del Amazonas*. Ed. de Rafael Díaz. Madrid: História 16, 1986 (Crônicas de América 19). (Nota da entrevistada)

[55] ACUÑA, Cristóbal de. *Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas* (1641). Rio de Janeiro: Agir, 1994. (Nota da entrevistada)

[56] **Francisco de Orellana** (1490-1550): militar e explorador espanhol, participu com Francisco Pizarro da conquista do Peru. Em 1541, dirigiu-se até o vale do Rio Amazonas, tendo sido o primeiro a percorrer o rio desde os Andes ao Oceano Atlântico. Ao voltar à Espanha, relatou ao rei a viagem e conseguiu dele a concessão das terras que havia descoberto.Em maio de 1544, com quatro navios e 400 homens, tentou ir novamente ao Rio Amazonas, mas a nova expedição revelou-se um fracasso: só dois navios chegaram ao rio e mesmo estes tiveram de ser desmontados. Orellana morreu, ainda no rio, enquanto tentava retornar à Europa. (Nota da ***IHU On-Line***)

***IHU On-Line* - Que aspectos destacaria como mais marcantes desses relatos? Como é a linguagem utilizada?**

Maria Cristina Martins – Eles são, primeiramente, a evocação de um mundo fascinante e remoto, são notícias de aventuras fantásticas em meio a povos e lugares que, aos olhos dos europeus, se apresentavam como portadores de radical alteridade. Eles são fonte historiográfica, mas também testemunhos de experiências pessoais e coletivas, marcadas pela esperança e pelo desejo (de riqueza, sucesso e glória) de um lado; de outro, de fome, medo e miséria. São o registro de encontros perdidos no tempo, e das formas pelas quais estes encontros poderiam se configurar: estranhamento, rechaço e conflito em alguns casos, ou hospitalidade e acolhida festiva em outros. Talvez o dado mais significativo destes textos, contudo, esteja na oportunidade que eles oferecem para a revisão de alguns paradigmas acerca das populações amazônicas à época da conquista européia. Eles corroboram, assim, as indicações de modernos estudos arqueológicos na região, no sentido de que o padrão de ocupação da várzea pelas populações ribeirinhas era muito diferente daquele que se estabeleceu junto com a afirmação da ordem colonial, isto é, os relatos quinhentistas e aqueles das primeiras décadas dos seiscentos nos falam de grandes aldeias, densamente povoadas, ocupando as margens do "Grande Rio".

Segundo tais textos, os povoados cobriam amplos espaços, ainda que de forma descontínua, e suas sociedades apresentavam um grau de complexidade e sofisticação muito maior do que tradicionalmente lhes é atribuído. As aldeias, que se comunicavam por meio de caminhos abertos na mata, teriam amplas praças e imponentes paliçadas, isto é, algumas possuíam estruturas públicas, possivelmente de caráter político-

cerimonial. Nelas, ao lado da caça e da pesca, criavam-se tartarugas (as crônicas falam de "currais" com centenas delas) e havia se estabelecido uma agricultura capaz de prover com folga estas populações. Seus chefes eram imponentes e capazes de convocar apreciável número de soldados e aliados. Ou seja, mesmo os modelos teóricos tradicionais sobre a demografia e os padrões de assentamento indígena pré-colombianos (Steward, 1946-1949; Service, 1962), segundo os quais o ambiente da floresta amazônica não teria permitido ou oportunizado o estabelecimento de grandes populações e o surgimento de sociedades complexas, passam a ser alvo de revisão.

***IHU On-Line* - Qual é a atualidade dessas crônicas?**

Maria Cristina Martins – Creio que, como afirmei acima, sua atualidade se revela na medida em que, à luz de novos instrumentos teóricos, elas se apresentam como um *corpus* documental ainda capaz de fazer avançar o conhecimento. Elas são também, uma feliz oportunidade para o diálogo transdisciplinar − entre a antropologia, a história e a lingüística, por exemplo, o que, sem dúvida, se revest, também, de notável modernidade. Além do mais, elas são, na grande maioria das vezes, o único registro histórico disponível sobre populações que, em meados do século XVIII, haviam já desaparecido.

***IHU On-Line* - O que elas revelam desse ecossistema naquele momento? Como esses relatos podem ajudar as gerações atuais na conscientização do cuidado com a natureza?**

Maria Cristina Martins – As crônicas chamam a atenção para a riqueza dos recursos naturais da região: falam da abundância de pescado, tartarugas, peixes-boi, entre outros. Falam também de extensas roças com grande produção de milho e mandioca, alimentos que permitiram aos aventureiros europeus sua incursão sobre um ambiente que não conheciam e que, para eles, era hostil e amedrontador. Lamentavelmente, contudo, elas nos lembram que a dinâmica que a história imprimiu a esta região trouxe resultados tremendamente infelizes para suas populações. Algumas décadas depois das "relações" de Rojas e Acuña, os europeus estavam produzindo o "descimento" de índios do interior para repovoar a região...

A formação do Rio Grande do Sul, de Jorge Salis Goulart

I Ciclo de Estudos sobre a Formação Social Sul Rio-grandense: a leitura de seus intérpretes

A obra em análise na atividade desta semana do **I Ciclo de Estudos sobre a Formação Social Sul Rio-Grandense: a leitura de seus intérpretes** é *A formação do Rio Grande do Sul*, de Jorge Salis Goulart. Na condução da palestra estará o Prof. MS Jorge Euzébio Assumpção, docente na Faculdade Cenecista de Osório (FACOS). Anote e participe: é em 21-09-2006, das 19h30min às 22h15min, na Sala 1G119 do IHU.

Assumpção é graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), especialista em História do Rio Grande do Sul pela Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras (FAPA) e mestre em História pela PUCRS.

Excalibur em exibição no IHU

Idade Média e Cinema II

A lendária *excalibur*, a espada do Rei Arthur, já rendeu, e ainda rende, muito assunto. O diretor inglês John Boorman trabalhou com o tema em 1981, levando às telas de cinema o ***Excalibur***, próximo filme a ser comentado no evento *Idade Média e Cinema II*.

A história do mago Merlin que dá ao rei Uther Pendragon a mística excalibur, a espada do poder, será debatida pelo o professor Nilton Mullet Pereira, coordenador do curso de História da Unisinos.

Durante uma emboscada Uther é ferido mortalmente e, pouco antes de morrer, finca a espada em uma pedra. Fica então decidido que o cavaleiro que puder retirá-la de lá será o novo rei. Anos depois, enquanto os senhores feudais e Arthur estavam em guerra, um jovem escudeiro, retira facilmente a espada da pedra. Alguns nobres juram fidelidade ao novo rei, e Merlin relata que Arthur é um filho bastardo de Uther, mas alguns nobres não aceitam sua autoridade.

O filme de Boorman será exibido no dia 23 de setembro, na sala 1G119, ás 8h30min.

Germinal
Cinema e saúde coletiva

O filme ***Germinal*** do diretor Claude Berri será debatido no próximo *Cinema e saúde coletiva*. O filme foi feito com base na obra de Émile Zola. ***Germinal*** refere-se ao processo de gestação e maturação de movimentos grevistas e de uma atitude mais ofensiva por parte dos trabalhadores das minas de carvão do século XIX, na França, em relação à exploração de seus patrões; nesse período, alguns países passavam a integrar o seleto conjunto de nações industrializadas ao lado da pioneira Inglaterra, entre os quais a França, palco das ações descritas no romance e representadas no filme.

As professoras da Unisinos, Elida Hennington e Maria Clara Bueno Fischer, debaterão o filme no dia 19 de setembro, na sala 1G119 ás 8h30min. Confira, no dia 19-6-2006, nas *Notícias Diárias* da página do IHU – www.unisinos.br/ihu - uma entrevista com a professora Elida Hennington sobre o evento.

Anthropsys: relações teórico-práticas entre a psicologia e a antropologia
Sala de leitura

O professor de antropologia da Unisinos José Rogério Lopes será o palestrante do *Sala de Leitura* do dia 19-6-2006. A relação entre as disciplinas psicologia e antropologia está entre os assuntos tratados no livro ***Anthropsys: relações teórico-práticas entre a psicologia e a antropologia*** de autoria do professor. Confira no dia 19, uma entrevista com o José Rogério Lopes que será veiculada nas *Notícias Diárias* da página do IHU – www.unisinos.br/ihu. O evento acontecerá na sala 1G119, das 17h30min às 19h.

Sala de Leitura

Furando a fila de escritos que me esperam o livro, que me levou para passear em julho, veio a mim casualmente, pelo gesto largo de um amigo. Intitula-se ***Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade***, de Marshall Berman. O livro foi lançado nos EEUU, em 1982, e no Brasil, pela Companhia das Letras, em 1986. Esta segunda edição que me chegou às mãos é de 2005. Marshall Berman é crítico literário e desenvolve sua carreira em universidades americanas na área das ciências sociais, principalmente ciência política. Nesse livro, Berman faz uma competente e erudita abordagem da modernidade, utilizando-se, para isso, da análise de diferentes objetos de estudo. Dessa forma, as 434 páginas do livro podem ser degustadas capítulo a capítulo, como unidades independentes, por onde vão aparecendo o Fausto de Goethe; o Manifesto Comunista de Marx; Baudelaire; as cidades de São Petesburgo, Paris e Nova York. Em cada capítulo, a modernidade vai sendo analisada em suas contradições e possibilidades, um projeto de transformação que se constrói sobre os cacos de um mundo que se perdeu, se quebrou, está se quebrando.
Cláudio Augusto Gutierrez, Prof. MS da Unidade Acadêmica de Ciências da Saúde da Unisinos.

Li, recentemente, a obra de John Mitchell Finnis, intitulada ***Natural Law and Natural Rights***. Oxford: Clarendon Press, 1980. 425p. As idéias desse autor foram utilizadas para a construção da minha tese de doutorado. O livro apresenta subsídios para a elaboração de uma crítica ao positivismo jurídico, com base no resgate dos princípios da lei natural. É lançado o entendimento de que o Direito existe para a realização de determinado fim. Esse fim é desenhado pela procura de determinados bens, que o autor denomina de bens humanos básicos e representam a dimensão substantiva da lei natural. No mesmo contexto, projeta as exigências metodológicas da razoabilidade prática, que são os meios para a realização concreta dos citados bens. A proposta da lei natural apresentada pelo autor está conectada com o ponto de vista prático, utilizando a concepção da razão prática e da *phrónesis*, tal como formulados por Aristóteles e São Tomás de Aquino. Com esse contorno, afasta o caráter metafísico e teológico que geralmente está associado à idéia da lei natural. Essa projeção da lei natural também ingressa na formulação do conceito de Direito, o qual terá como núcleo característico a razoabilidade prática para o enfrentamento dos desafios da sociedade. Trata-se, portanto, de uma reflexão pertinente aos novos contornos da atualidade, especialmente a partir do momento em que se busca construir uma projeção epistemológica para o Direito não calcada exclusivamente na forma, mas com os olhos focados no conteúdo.
Wilson Engelmann, Prof. Dr. da Unidade Acadêmica de Ciências Jurídicas da Unisinos.

O que Einstein disse ao seu cozinheiro: A ciência na cozinha, de Robert L. Wolke (Jorge Zahar, 2003). Recebi este livro na Páscoa deste ano da minha filha Cristina com uma dedicatória: "... inspire-lhe ainda mais nas suas receitas, que só você sabe fazer". Na realidade não se trata do cozinheiro do Einstein, mas sim de uma série de explicações científicas sobre os bastidores da cozinha, fornecidas pelo professor emérito de química da Universidade de Pittsburgh. O autor, especialista de divulgar ciência, além de consultor da Cook's Illustrated Magazine é articulista do Washinsgton Post. Neste livro, encontramos

mais de uma centena de esclarecimentos, espalhados entre nove capítulos, comentários, histórias e interpretação dos fazeres em gastronomia. Ainda, explicações sobre componentes e ingredientes utilizados na composição de alimentos. Avaliações, comparações e explicações sobre os diversos processos utilizados na cocção, conservação e tecnologia culinária. Tudo sob o ponto de vista científico sem características de livro técnico ou científico. Nele encontramos até receitas curiosas, como Bolo do Diabo em Forminhas; Gelatina de Champanhe; além de outras, o famoso Gravlax, que corresponde ao peixe curado escandinavo ou salmão enterrado. Depois da leitura, entendi o comentário da Cris ao entregar este belo presente: "... este livro não é só teu, eu também quero usá-lo". Com certeza, é uma obra para todos aqueles que gostam de fazer ou apreciar um bom prato e em especial compartilhar o momento.

Martin Sander, Prof. da Unidade Acadêmica de Ciências da Saúde da Unisinos.

IHU Repórter

João Geraldo Kolling

Foi com a sexta sinfonia de Ludwig van Beethoven como fundo que o superior provincial da Província Brasil Meridional da Companhia de Jesus o padre João Geraldo Kolling recebeu a ***IHU On-Line***. Natural de Chapada, Kolling revelou várias circunstâncias e cenários que fizeram, e fazem, parte de sua vida. Com simplicidade e simpatia, explicou seu trabalho e falou de seus estudos. Kolling, que é graduado pela Unisinos e pela Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma, também é diretor-presidente da Associação Antônio Vieira, mantenedora da Unisinos.

Origens – Nasci em Linha Formosa, uma pequena comunidade do hoje município de Chapada (Palmeira das Missões até 1959). A família é de origem alemã. O pai trabalhava a terra, a mãe era professora, catequista e líder da comunidade. Em 1962, nos mudamo-nos para Guaraciaba, no Oeste Catarinense. Somos 10 irmãos, sete homens e três mulheres. Sou o segundo dos dez. O pai faleceu em primeiro de abril de 1990, e a mãe, há três anos, em 28 de maio de 2003.

Infância – Lembro com muito carinho do espaço que tínhamos para jogar futebol, descer um cerro no lombo de palmeiras, andar a cavalo. Recordo também dos primeiros anos de escola, de amigos e de alguns vizinhos próximos da família. A mãe foi a minha primeira professora e catequista. Também tenho vivo na memória a primeira "grande viagem" de Linha Formosa até Passo Fundo, na cabine de um caminhão.

Estudos – Fiz **o** primário em Linha Formosa e Sede Capela, o ginásio no seminário do Kappesberg, Salvador do Sul. Depois, o segundo grau no Colégio Catarinense em Florianópolis. Em seguida, o Noviciado, em Porto Alegre e os estudos de Filosofia e História na Unisinos. Retornei a Florianópolis para a fase de formação, chamada Magistério, quando atuei como Frater e Diretor do Seminário e, ao mesmo tempo, como professor de Ensino Religioso e OSPB no Colégio Catarinense. Em 1980, passei um semestre em Ubiratã, no Paraná e, em seguida, fui a Roma fazer Teologia e Psicologia na Pontifícia Universidade Gregoriana, retornando à Província em 1987, atuando no Centro de Espiritualidade Cristo Rei - CECREI. Em 1989, fiz, no Peru, a rica experiência da terceira provação, última etapa da formação de um jesuíta. E continuo, em formação permanente, participando de algum curso mais breve, seminário e leituras.

Jesuíta – Uma graça. Com a vida, o presente de participar da extraordinária riqueza que é a espiritualidade inaciana ser servidor da missão de Cristo junto com muitos outros companheiros jesuítas pelo mundo inteiro.

Esporte – Na adolescência e juventude, costumava jogar futebol. Durante os estudos de teologia, basquete, no qual, mesmo não sendo tão habilidoso, era favorecido pela altura. Bons amigos e companheiros, nos divertíamos no pátio interno do Colégio del Gesù, em Roma. Depois, uns anos de futebol em Cascavel e, gradativamente, comecei a correr. Hoje, costumo caminhar.

Livro – Na adolescência, os de Karl May. Depois, obras de Érico Veríssimo, ***As sandálias do Pescador*** de Morris West. Ultimamente, estou lendo ***Paixão por Cristo, Paixão pela humanidade*** sobre os trabalhos do *I Congresso Internacional da Vida Consagrada*. Também, ***Palavras aos antigos alunos: reflexões do ser no agir,*** organizado por Mardilê Fabre, Rosa Maria Bavaresco e Águeda Bichels[57] e ***O Monge e o Executivo,*** de James C. Hunter.

Autor – No tempo da adolescência, o autor preferido dos seminaristas era Karl May que líamos com gosto, pois facilitava a criação da fantasia, mas como autor certamente, destaco Erico Verissimo.

Dia perfeito – Um dia perfeito é um dia em que, depois de ter dormido bem, cultiva-se a relação com Deus, os trabalhos fluem, acrescido de algum momento de lazer com Beethoven ou algum outro alimento para a alma.

Música – Beethoven, Verdi, Mozart ou uma música gauchesca bem marcada como as do Renato Borghetti.

Filme - ***2001 - Uma Odisséia no Espaço***, de Stanley Kubrick e ***Doutor Jivago***, de David Lean. São dois filmes que guardo na memória.

Time – O campeão da Libertadores da América deste ano.

---

[57] Mardilê Fabre e Rosa Maria Serra Bavaresco trabalham no IHU. Águeda Bichels é professora no Curso de Direito da Unisinos. Elas são as organizadoras do livro referido que será lançado, pela ADISINOS, durante o **Seminário Internacional A Globalização e os Jesuítas.** (Nota da ***IHU On-Line***)

Política – Creio que há carência de líderes despojados e serviçais no cenário da política brasileira. Além disso, parece que as diferenças das propostas dos diversos candidatos e partidos são mínimas. Mas, mesmo assim, ou votamos em alguém, ou os outros decidem por nós.

Viagem – Certamente inesquecível foi à Terra Santa e a visita aos lugares inacianos na Espanha. Da mesma forma, porém, foi bom conhecer o Rio de Janeiro ou Florianópolis, bem como viver em Roma ou visitar Veneza.

Animais – Apóio toda iniciativa que favoreça o canto alegre e livre dos pássaros e que permita aos animais estar em seus respectivos habitats, e aprecio a elegância de um bonito cavalo.

Futuro – Nos próximos cincos anos, com a graça de Deus e a colaboração dos co-irmãos, espero dedicar-me generosamente à missão de Provincial. Depois, estarei disponível para nova missão.

Unisinos – É obra relevante que os jesuítas, em conjunto com tantos colaboradores, levam em frente no Sul do Brasil, em favor da Igreja e da sociedade gaúcha e brasileira. É espaço de luz, desafio, fonte de vida e esperança.

Instituto Humanitas – Admiro sua capacidade criativa, a irradiação ágil do conhecimento e da informação. É um trabalho pioneiro e científico, de muito fôlego. Parabenizo a equipe e faço votos que prossiga com essa energia toda, favorecendo a construção de uma sociedade mais justa e solidária.